

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE**

**PATRICIA GUILHEM DE SALLES**

**TOM CADERNO DE ENSAIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
(2015-2019): PROJETO DE EXTENSÃO PERMEADO POR ARTE, CULTURA,  
ENCONTROS, PRÁTICAS E SIGNIFICADOS**

**CURITIBA**

**2023**

**PATRICIA GUILHEM DE SALLES**

**TOM CADERNO DE ENSAIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
(2015-2019): PROJETO DE EXTENSÃO PERMEADO POR ARTE, CULTURA,  
ENCONTROS, PRÁTICAS E SIGNIFICADOS**

**TOM PORTFOLIO OF ESSAYS OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF PARANÁ  
(2015-2019): EXTENSION PROJECT PERMEATED BY ART, CULTURE,  
MEETINGS, PRACTICES AND MEANINGS**

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutora em Tecnologia e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Área de concentração: Mediações e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa.

**CURITIBA**

**2023**



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É a licença mais flexível de todas as licenças disponíveis. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença



PATRICIA GUILHEM DE SALLES

**TOM CADERNO DE ENSAIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (2015-2019): PROJETO DE EXTENSÃO PERMEADO POR ARTE, CULTURA, ENCONTROS, PRÁTICAS E SIGNIFICADOS.**

Trabalho de pesquisa de doutorado apresentado como requisito para obtenção do título de Doutor Em Tecnologia E Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Data de aprovação: 21 de Setembro de 2023

Dr. Ronaldo De Oliveira Correa, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Dr. Deborah Rebello Lima, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Dra. Deise Cristina De Lima Picanco, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Dra. Luciana Martha Silveira, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Maria Virginia Filomena Cremasco, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 21/09/2023.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa, todo o meu respeito, carinho e admiração. Parceiro de uma jornada profissional e acadêmica, meu eterno agradecimento pelas orientações construtivas, por incontáveis ensinamentos e, por muitas vezes, acreditar mais em mim que eu mesma. Seguimos!

Às Professoras Dra. Deise Cristina de Lima Picanço, Dra. Luciana Martha Silveira e Dra. Maria Virgínia Filomena Cremasco, presentes nas Bancas de Qualificação e Defesa, agradeço a leitura cuidadosa, as excelentes contribuições para o melhor direcionamento da pesquisa e, principalmente, a gentileza durante o percurso.

À Professora Dra. Deborah Rebello Lima, integrante da Banca de Defesa, pela oportunidade de diálogo com a minha pesquisa.

Aos/às professores/as do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e aos/às professores/as dos Programas de Pós-Graduação de Design e de Pós-Graduação de Comunicação, ambos da Universidade Federal do Paraná, por incentivarem a análise crítica e por tornarem o processo mais rico e significativo. Mesmo com o advento da pandemia do COVID-19, mantiveram-se atentos/as e solidários/as.

Ao grupo de estudos coordenado pelo Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa, especialmente, Alexandre de Oliveira, Ana Camila França, Ariadne Grabowski, Bruna Bonifácio, Caroline Muller, Heloísa Nichele, Thais Dyck, Valéria Tessari e Yasmin Fabris, por sustentarem que compartilhar é uma valiosa forma de aprendizagem.

Ao grupo de pesquisa Design & Cultura por proporcionar um espaço de reflexão coletiva e provocar o debate sobre os mais variados temas, objetos e métodos de estudo.

À equipe da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR por indicar os atalhos, por colaborar com a pesquisa e permitir o acesso às informações.

Às pessoas entrevistadas, pela disponibilidade e generosidade em dedicar seu tempo e relatar suas experiências e percepções, essenciais nesta investigação.

À universidade pública - particularmente à Universidade Federal do Paraná e à Universidade Tecnológica Federal do Paraná, por me possibilitar vivências tão especiais e necessárias ao meu desenvolvimento pessoal, profissional e acadêmico.

Às professoras Dra. Regiane Regina Ribeiro e Dra. Stephanie Dahn Batista, e a toda equipe do Setor de Artes, Comunicação e Design da UFPR pelo apoio, incentivo, abraços e palavras carinhosas durante a caminhada.

Às amigas e aos amigos, tão imprescindíveis, que dividiram angústias, expectativas, cafés e pizzas, deixando o momento mais leve.

À minha família, porque existem pessoas que são nossos lugares favoritos.

Às minhas filhas, Luiza e Valentina, por me despertarem o desejo de seguir, sempre.

E por fim, agradeço a Deus, força maior que me amparou até aqui.

Sim para a democracia, para a  
ciência, para a educação, para a cultura,  
para o meio ambiente, para o amor, para o  
afeto, para a gentileza, para a arte.  
(Marisa Monte, 2021).

## RESUMO

Este estudo de caso, de caráter qualitativo, tem por objetivo compreender de que forma as práticas realizadas no projeto de extensão TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura, contribuíram para a constituição e compartilhamento de significados entre os atores sociais envolvidos nas etapas de criação, produção e divulgação do TOM Caderno de Ensaios da Universidade Federal do Paraná (2015-2019). O TOM é uma publicação de periodicidade semestral, em formato digital, indexado na Biblioteca Nacional (ISSN: 2448-136X) e idealizado pela Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR com o propósito de incentivar e difundir a crítica e a reflexão sobre as produções artísticas e culturais, com ênfase no respeito à diversidade cultural. Assim, me propus a verificar quais as políticas públicas para a cultura e quais as normatizações da extensão universitária nortearam a criação da publicação; identificar a rede de atores sociais (curadores/as e estudantes) envolvida nas etapas de criação, produção e divulgação dos Cadernos, publicados de 2015 a 2019; mapear as práticas realizadas pelos/as curadores/as e estudantes durante as etapas de desenvolvimento das edições e analisar de que forma estas práticas contribuíram para a constituição e compartilhamento de significados entre eles(as). Como estratégia para o levantamento dos dados apoiei-me na pesquisa documental e na técnica da entrevista fenomenológica, cuja análise foi fundamentada pela Análise de Conteúdo e pelos Estudos Culturais, como referencial teórico. Então, concluo a pesquisa respondendo de que forma as práticas realizadas nos projetos de extensão universitária contribuem para a constituição e compartilhamento de significados entre os atores sociais envolvidos a partir dos depoimentos dos/as entrevistados/as nesta investigação.

**Palavras-chave:** Comunicação. Cultura. Extensão Universitária. TOM Caderno de Ensaios da Universidade Federal do Paraná.

## ABSTRACT

This qualitative case study aims to understand how the practices carried out in the extension project TOM - Laboratory of Communication Practices and Diffusion for Culture, contributed to the constitution and sharing of meanings between the social actors involved in the stages of creation, production and dissemination of the TOM Portfolio of Essays of the Federal University of Paraná (2015-2019). TOM is a semi-annual publication, in digital format, indexed in the National Library (ISSN: 2448-136X) and idealized by the Cultural Coordination of the Pro-Rectorate of Extension and Culture of UFPR with the purpose of encouraging and disseminating criticism and reflection on artistic and cultural productions, with emphasis on respect for cultural diversity. Thus, I proposed to verify which public policies for culture and which university extension norms guided the creation of the publication; identify the network of social actors (curators and students) involved in the stages of creation, production and dissemination of Portfolios, published from 2015 to 2019; to map the practices carried out by the curators and students during the stages of development of the editions and to analyze how these practices contributed to the constitution and sharing of meanings between them. As a strategy for data survey, I relied on documentary research and on the phenomenological interview technique, whose analysis was based on Content Analysis and Cultural Studies, as a theoretical framework. Therefore, I conclude the research by answering how the practices carried out in university extension projects contribute to the constitution and sharing of meanings between the social actors involved from the testimonies of the interviewees in this investigation.

**Keywords:** Communication. Culture. University Extension. TOM Portfolio of Essays of the Federal University of Paraná.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Selo TOM Caderno de Ensaios da Universidade Federal do Paraná	14
Figura 2 - Painel Atmosfera Gráfica TOM#5	16
Figura 3 - Imagem das dez capas do TOM Caderno de Ensaios da Universidade Federal do Paraná	16
Figura 4 - Ficha Catalográfica	26
Figura 5 - Arquivos digitais	27
Figura 6 - Capa de seção TOM#6 projetada no evento de lançamento da edição	112
Figura 7 - Festa lançamento TOM#5	114
Figura 8 - Festa lançamento TOM#6	114
Figura 9 - Evento lançamento TOM#7	115
Figura 10 - Evento lançamento TOM#8	115
Figura 11 - Evento lançamento TOM#7	117
Figura 12 - Evento lançamento TOM#4	119
Figura 13 - Cartaz de divulgação do evento de lançamento TOM#3	121
Figura 14 - Evento lançamento TOM#3	122
Figura 15 - Reunião de trabalho TOM#9	124
Figura 16 - Reunião de trabalho TOM#10	125
Figura 17 - Capa de seção TOM#10	126
Figura 18 - Produção para o evento de lançamento TOM#9	127
Figura 19 - Evento lançamento TOM#9	132
Gráfico 1 - Número de curadores/as por edição	31
Gráfico 2 - Número de curadores/as por categoria	31
Gráfico 3 - Número de curadores/as por instituição	32
Gráfico 4 - Número de estudantes em relação à participação nas edições	33
Gráfico 5 - Número de estudantes por categoria	34
Gráfico 6 - Número de estudantes por curso	34
Gráfico 7 - Número de estudantes por instituição	35
Quadro 1 - Modelo ficha catalográfica	30
Quadro 2 - Amostra curadoria Categoria X Instituição	36
Quadro 3 - Amostra para a realização da entrevista	37
Quadro 4 - Amostra para a realização da entrevista	46

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO</b>	<b>23</b>
2.1 AMOSTRAGEM	35
2.2 ENTREVISTA	37
2.3 TRATAMENTO, SISTEMATIZAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	41
2.4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	43
<b>3 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A CULTURA: O FIO CONDUTOR DO TOM CADERNO DE ENSAIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ</b>	<b>47</b>
3.1 CONVENÇÃO SOBRE A PROTEÇÃO E PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE DAS EXPRESSÕES CULTURAIS	49
3.2 PLANO NACIONAL DE CULTURA	52
3.3 PROGRAMA MAIS CULTURA NAS UNIVERSIDADES	56
3.4 PLANO INSTITUCIONAL DE CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	60
3.5 TOM CADERNO DE ENSAIOS DA UFPR NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A CULTURA A PARTIR DA ÓTICA DOS/AS ENTREVISTADOS/AS NESTA PESQUISA	66
<b>4 O TOM CADERNO DE ENSAIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ PELOS CONTORNOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA</b>	<b>74</b>
4.1 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA - POLÍTICAS, CONTEXTOS E CONCEITOS	74
4.2 POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	80
4.2.1 Diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária	82
4.2.1.1 Interação dialógica	83
4.2.1.2 Interdisciplinaridade e interprofissionalidade	85
4.2.1.3 Indissociabilidade Ensino – Pesquisa - Extensão	88
4.2.1.4 Impacto na formação do estudante	92
4.2.1.5 Impacto e transformação social	95
4.3 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	97
4.4 CREDITAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	99
4.5 CREDITAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	100
<b>5. TOM(S), ENCONTROS, PRÁTICAS E SIGNIFICADOS</b>	<b>103</b>
5.1 ESTUDOS CULTURAIS: UMA TEORIA SOBRE PRÁTICAS E SIGNIFICADOS	103
5.2 “UM GRANDE ENCONTRO DE PESSOAS DISPOSTAS A FAZER ACONTECER”	110
5.3 O PROCESSO É TÃO SIGNIFICATIVO QUANTO O RESULTADO FINAL	133
<b>6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>137</b>

<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>143</b>
<b>APÊNDICE A - TOM E OS DIVERSOS TONS</b>	<b>150</b>
<b>APÊNDICE B - Termo de Autorização</b>	<b>189</b>
<b>APÊNDICE C - Autorização Entrevistas</b>	<b>191</b>
<b>APÊNDICE D - Roteiro entrevista</b>	<b>202</b>
<b>APÊNDICE E - Carta convite</b>	<b>209</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao pensar sobre uma proposta para projeto de pesquisa de Doutorado, algumas questões eram recorrentes. Primeiro, o desejo de seguir nas áreas da minha formação acadêmica e profissional: comunicação e cultura. E por um compromisso com a universidade pública, assim como no Mestrado, persistia a ideia de desenvolver uma pesquisa dentro de uma perspectiva acadêmica, que trouxesse um retorno, uma contribuição para a Universidade Federal do Paraná, instituição onde atuo como produtora cultural desde 2008 e que me concede incentivo, tempo e espaço para aprofundar meus estudos. Afinal, como diz Charles Wright Mills (1982), pesquisadores não separam a pesquisa que realizam das suas vidas, há um entrelaçamento entre o pessoal e o intelectual.

Além disso, havia uma preferência pela linha de pesquisa Mediações e Culturas oferecida pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná<sup>1</sup>, cujo interesse está no conhecimento e na circulação de técnicas, práticas, artefatos, entendidas como mediações. A linha de pesquisa defende que as relações sociais são permeadas por memórias, valores e interesses que perpassam as mídias impressas e interativas, os espaços institucionais e domésticos, públicos e privados, e os processos de aprendizagem formais e não formais.

Em meio a essas considerações, do meu ponto de vista relevantes para dar continuidade ao propósito, em determinado momento fui mobilizada por dois relatos de estudantes bolsistas durante uma reunião de trabalho, cuja pauta era a cultura afro-brasileira e a identidade negra. Ambos os depoimentos foram posteriormente publicados no TOM Caderno de Ensaio da UFPR, v.3, n.6, 2017. São eles:

“Agradeço a oportunidade de participar deste volume da TOM e poder expor, através das ilustrações, elementos e situações de um momento de descoberta desta identidade negra que é nos negada diariamente” (WELLINGTON JUNIO, 2017, p. 206).

Eu lido cotidianamente com a dificuldade em me classificar. Eu não posso falar sobre relatos racistas que vivi, “você é muito branca pra ser negra, menina”, e tampouco sair ilesa de algum comentário a respeito do meu excesso de melanina: “você é preta demais pra ser branca, garota”. Ok! Mas

---

<sup>1</sup> <<http://www.utfpr.edu.br/cursos/coordenacoes/stricto-sensu/ppgte/ppgte>>.

afinal, o que eu sou? (ARANTXA LOUISE TORQUATO DE SIQUEIRA, 2017, p. 208).

Então, motivada por todas as situações aqui já citadas, estabeleci como questão para esta pesquisa responder: de que forma as práticas realizadas nos projetos de extensão universitária contribuem para a constituição e compartilhamento de significados entre os atores sociais envolvidos?

E por isso direcionei meu olhar para o TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná, elegendo-o como meu objeto de estudo e me apoiando no pressuposto de Néstor Garcia Canclini (2011) de ser possível observar o objeto técnico a partir das relações de quem produz o artefato, pois conforme coloca Els Lagrou (2010), é por meio dos artefatos que os atores sociais agem, interagem e vivem no mundo. E os meios de comunicação, assim como o Caderno TOM, são considerados meios de produção; tecnologias que só fazem sentido se forem socialmente agenciadas (Raymond Williams, 2016).

Para Roger Silverstone (2005), estudar a mídia na sua dimensão social e cultural é contribuir com a capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar significados. Martín-Barbero (2009) defende que o surgimento dos meios foi importante, mas devem ser situados no campo das mediações, pois foram as mudanças sociais, de comportamentos e novas relações que permitiram uma ressignificação da comunicação. Mediação, para o pesquisador, significa que entre o estímulo e a resposta existe um espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, aspectos que constituem a cultura cotidiana.

O TOM Caderno de Ensaio da UFPR é uma publicação na área da cultura, com periodicidade semestral, em formato digital, indexado na Biblioteca Nacional<sup>2</sup>, que tem como propósito incentivar e difundir a crítica e a reflexão sobre as produções artísticas e culturais, com ênfase no respeito à diversidade cultural. Por meio da sua circulação promoveu-se o intercâmbio entre a Universidade e a comunidade externa, reiterando o papel da Universidade Federal do Paraná na formação de públicos culturais, dentro e fora dos espaços universitários. Ou seja, o Caderno possibilitou o contato com diferentes linguagens, ampliando o repertório cultural dos sujeitos. Não é por acaso que o nome "TOM" faz uma referência à

---

<sup>2</sup> ISSN 2448-136X.

pluralidade artística e cultural, uma alusão ao tom da música, da cor, da voz e da pele<sup>3</sup>.

Disponível no portal da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR para *download* e hospedada na plataforma Issuu<sup>4</sup> com o intuito de viabilizar o projeto mantendo as características de uma revista física no formato digital, a coleção do TOM Caderno de Ensaios da UFPR é composta por dez edições (2015 a 2019). Cada número conta com um tema específico definido a partir da perspectiva dos/as curadores convidados/as. Nesse período, foram contemplados os festivais de cultura; o litoral paranaense com suas nuances culturais, ambientais, políticas e econômicas; as múltiplas identidades e experiências do *queer*; a diáspora africana; os aspectos culturais da migração; a música de concerto e sua contemporaneidade no Brasil; museus, coleções e museologia; imagens de resistência e subversão; e o corpo, tanto como ação dançante e performativa, como também, na perspectiva do corpo híbrido que rompe fronteiras.

**Figura 1 - Selo TOM Caderno de Ensaios da Universidade Federal do Paraná**



**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR**

É válido mencionar que algumas universidades públicas brasileiras, apesar do orçamento restrito e pouco recurso humano, conseguem direcionar esforços para a área da cultura, viabilizando a produção de periódicos digitais que registram e divulgam práticas, saberes, políticas e teorias - importante contribuição para o fortalecimento e a valorização deste campo do conhecimento. Como, por exemplo, a Estudos Universitários<sup>5</sup> - revista de cultura, da Universidade Federal de Pernambuco; a Políticas Culturais em Revista<sup>6</sup>, da Universidade Federal da Bahia e

<sup>3</sup><<https://www.ufpr.br/portalfufr/noticias/caderno-de-ensaios-chega-a-edicao-edicao-com-tematica-de-resistencia-ao-pensar-cultura-e-formacao/>>.

<sup>4</sup> O Issuu é uma plataforma de compartilhamento de publicações digitais. Inicialmente era gratuita, mas passou a cobrar para disponibilizar os materiais. O TOM Caderno de Ensaios da UFPR está disponível no link: <[https://issuu.com/tom\\_ufpr](https://issuu.com/tom_ufpr)>.

<sup>5</sup> <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/estudosuniversitarios/>>.

<sup>6</sup> <<https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/>>.

a Pragmatizes - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura, vinculada ao Laboratório de Ações Culturais da Universidade Federal Fluminense<sup>7</sup>.

As vizinhas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) também recorrem às publicações digitais. A UFSC publicou a primeira edição do Caderno SeCArte<sup>8</sup> (2016-2019) para documentar as principais ações, eventos, projetos e atrações promovidas e apoiadas pela Secretaria de Cultura e Arte, suas coordenadorias e departamentos, realizadas entre os anos de 2016 e 2019. Já, a UFRGS possui uma ampla e variada coleção de periódicos<sup>9</sup> com temas específicos, como artes visuais, artes cênicas, comunicação, administração, informática, psicologia e muitos outros.

Para o TOM, a UFPR apostou em uma proposta gráfica e conceitual bem particular, muito próxima da atmosfera visual apresentada pela Revista Cultura e Pensamento<sup>10</sup>, publicação trimestral produzida por iniciativa do Ministério da Cultura.

O TOM não apresenta restrições para tipos ou formatos de texto, privilegia a cor e as imagens em todas as suas variações, aceita vídeos e áudios e traz um design diferenciado a cada edição. Além disso, não conta com um editorial padronizado, imprimindo um caráter único a cada publicação.

---

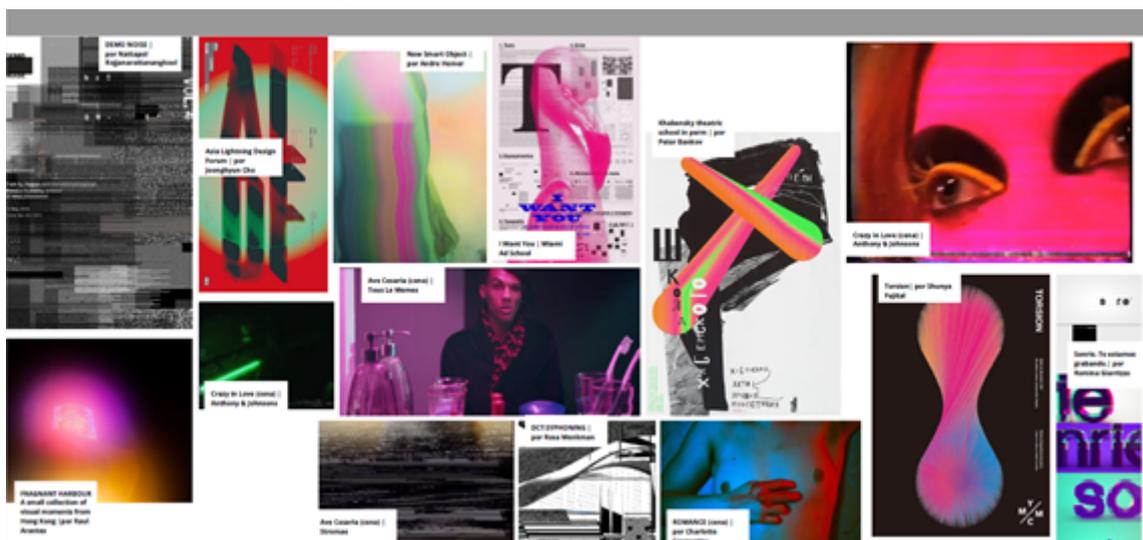
<sup>7</sup> <<https://periodicos.uff.br/pragmatizes/>>.

<sup>8</sup> <[https://issuu.com/secarte/docs/revista\\_secarte\\_-\\_publicacao\\_online](https://issuu.com/secarte/docs/revista_secarte_-_publicacao_online)>.

<sup>9</sup> <<https://seer.ufrgs.br/wp/periodicos/>>.

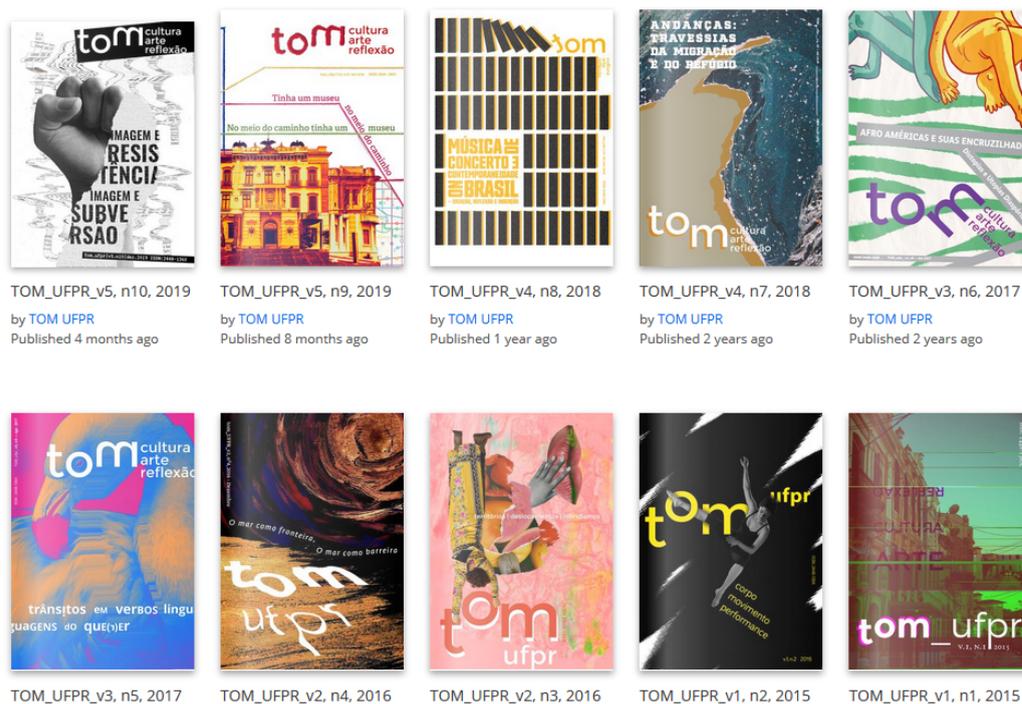
<sup>10</sup> A Revista Cultura e Pensamento tinha como foco a reflexão crítica sobre a produção artística contemporânea brasileira e era uma das ações previstas do Programa Cultura e Pensamento, iniciativa do Ministério da Cultura, cujo objetivo era fortalecer a reflexão e o diálogo em torno de temas relevantes da agenda cultural contemporânea, e de apoiar o desenvolvimento de ações ligadas à circulação de idéias produzidas por intelectuais, artistas, pensadores e críticos da cultura, visando à construção de uma plataforma para a difusão dessas idéias e de aproximação de seus atores. <<https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/207461-programa-nacional-de-cultura-e-pensamento-cria-o-programa-nacional-de-cultura-e-pensamento-cultura-e-pensamento-com-o-objetivo-de-fortalecer-a-reflexao-e-o-diologo-em-torno.html>>.

Figura 2 - Painel Atmosfera Gráfica TOM#5



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR  
 Autor - Victor dos Reis Damaceno Uchoa

Figura 3 - Imagem das dez capas do TOM Caderno de Ensaios da Universidade Federal do Paraná



Fonte: Plataforma Issuu

Criar uma revista para a cultura era uma meta antiga da Coordenadoria de Cultura<sup>11</sup> da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura<sup>12</sup>, conforme mostram os planos de desenvolvimento institucional da UFPR<sup>13</sup>. Mas só em 2015, em atenção à Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, documento político e jurídico internacional em favor do pluralismo e do diálogo intercultural instituído em outubro de 2005 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e amparada pelo Plano Nacional de Cultura (Lei nº 12.343/2010), que entre suas metas propõe qualificar profissionais no âmbito artístico e cultural, e promover a comunicação para a cultura, que a Pró-Reitora de Extensão e Cultura da UFPR (Gestão 2013-2016), por meio da sua Coordenadoria de Cultura, idealizou o TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná. No ano seguinte, em 2016, a publicação tornou-se um produto vinculado ao projeto de extensão universitária denominado TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura, então coordenado pelo Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa. O projeto foi pensado em consonância com o Plano Nacional de Extensão Universitária (2012), que entre seus objetivos prevê reafirmar a extensão universitária como processo acadêmico, indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade e possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e disponibilização de conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do país.

A equipe que trabalhava diretamente na criação, produção e divulgação do Caderno era composta por docentes, técnico-administrativos e estudantes bolsistas

---

<sup>11</sup> A Coordenadoria de Cultura da UFPR é uma unidade da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e tem como propósito construir uma gestão pública de cultura dentro do ambiente universitário, colocando em pauta temas que abordem a diversidade, a circulação e a difusão da educação, da pesquisa e do conhecimento na área da cultura. É responsável pelos Grupos Artísticos, Festival de Inverno da UFPR, TOM Caderno de Ensaio e por três espaços culturais: o Musa – Museu de Arte da UFPR, o Teatro da Reitoria e o TEUNI – Teatro Experimental da UFPR.  
<<http://www.proec.ufpr.br/links/cultura.html>>.

<sup>12</sup> A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR (PROEC) tem como missão promover e difundir a política cultural e extensionista da UFPR a partir da formação, produção e interação de saberes com a comunidade. A PROEC tem em vista tornar-se um espaço de inovação e transformação por meio da criatividade e experimentação cultural e extensionista.  
<<http://www.proec.ufpr.br/links/gabinete.html>>.

<sup>13</sup> Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPR (2007-2011). Extensão e Cultura – Meta: estruturar e editar uma Revista de Cultura na UFPR, a partir de 2008 com o objetivo de ampliar e consolidar os meios de divulgação das ações de extensão e cultura” (p. 17). Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPR (2012-2016). Dimensão Estratégica Acadêmica – Meta 41: “desenvolver produção editorial em mídia digital” (p. 75).

e voluntários de diferentes cursos de graduação da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Tecnológica Federal do Paraná<sup>14</sup>. Durante o processo, estabeleceram-se diálogos, trocas, práticas, interações e percepções, considerando principalmente o desafio de compor uma rede de trabalho com diferentes atores sociais, somado às implicações tecnológicas - possibilidades e obstáculos, na intermediação das ações voltadas para a concepção de um caderno de ensaios na área da cultura, capaz de garantir o diálogo entre o ensino, a pesquisa e a extensão assim como, a interface entre a comunidade universitária e a sociedade.

As estratégias de comunicação adotadas para a divulgação dos Cadernos foram apoiadas basicamente nos meios internos disponíveis na Universidade Federal do Paraná, pois o contato com os veículos externos é de responsabilidade da Superintendência de Comunicação da UFPR (SUCOM). Sendo assim, os *releases*<sup>15</sup> produzidos pela equipe eram encaminhados para a SUCOM, para a UFPR TV e para a Rádio Web UFPR. Além disso, os conteúdos que apresentavam e divulgavam os Cadernos eram publicados na página da Universidade e na página da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

As mídias sociais configuraram-se como o meio de comunicação mais explorado para as ações de divulgação. Primeiro, pela autonomia da equipe, e segundo pelas possibilidades que este canal permite, mais dinâmico e interativo. Era realizado um planejamento de postagens semanais na plataforma de rede social *online* da Coordenadoria de Cultura, com o objetivo de divulgar gradativamente o tema e a curadoria do Caderno até a data de seu lançamento, finalizando com a publicação do convite. Depois, ainda era feita uma última postagem com a cobertura de tudo o que aconteceu durante o evento.

Os momentos de lançamento dos Cadernos foram pensados a partir do tema e da concepção de cada publicação, por entender que esse era um espaço que também fazia parte do processo de criação e produção do projeto. Toda a equipe participou, contribuindo com seu conhecimento e habilidade específica, reafirmando o caráter interdisciplinar das atividades de extensão universitária.

---

<sup>14</sup> Especificamente nas edições 7, 9 e 10.

<sup>15</sup> Texto redigido de forma bastante clara e objetiva com as principais informações sobre um evento, um programa, um projeto ou quaisquer ações institucionais. Ferramenta bastante utilizada pela Assessoria de Imprensa para informar os comunicadores sobre assuntos de interesse da instituição. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario?limit=30&offset=330>>.

Com a finalidade de promover o intercâmbio entre a Universidade Federal do Paraná e a comunidade, os locais para a realização dos eventos de lançamento foram escolhidos de forma que se privilegiasse lugares fora do ambiente universitário com o objetivo de ampliar o acesso, a socialização e a visibilidade. Nestes cinco anos, foram utilizados diferentes equipamentos culturais, como o Paço da Liberdade e a Casa Hoffmann, ou então, bares da cidade (Bar do Fogo e Ornitorrinco) com rodas de conversa, exposições, apresentações de dança e música e performances artísticas.

As práticas do Tom Caderno de Ensaio atravessaram duas gestões administrativas da UFPR. De 2013-2016, durante o segundo mandato do reitor Zaki Akel Sobrinho, e no período de 2017-2020, durante o primeiro mandato do reitor Ricardo Marcelo Fonseca. Isso, com certeza, deve-se ao caráter institucional atribuído aos projetos de extensão universitária.

Nesse contexto, defino como temas de pesquisa a articulação entre as políticas públicas para a cultura, a comunicação para cultura e a extensão universitária, com suas práticas e significados compreendendo-os pelo viés dos Estudos Culturais.

Assim, a pesquisa tem por objetivo geral compreender de que forma as práticas realizadas no projeto de extensão TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura, contribuíram para a constituição e compartilhamento de significados entre os atores sociais (curadores/as e estudantes) envolvidos nas etapas de criação, produção e divulgação do TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná (2015-2019).

E para cumprir tal objetivo, defini os seguintes objetivos específicos:

- Verificar quais as políticas públicas para a cultura e quais as normatizações da extensão universitária nortearam a idealização do TOM Caderno de Ensaio da UFPR;
- Identificar a rede de atores sociais (curadores/as) e estudantes) envolvida nas etapas de criação, produção e divulgação do TOM Caderno de Ensaio, publicados de 2015 a 2019;
- Mapear as práticas realizadas pelos/as curadores/as e estudantes durante as etapas de desenvolvimento dos Cadernos;

- Analisar de que forma estas práticas contribuíram para a constituição e compartilhamento de significados entre os/as curadores/as e estudantes.

Em relação à denominação atores sociais, por se tratar de um conceito amplo, atribuído às categorias profissionais (produtores, jornalistas, editores, agricultores), às instituições, mídias e até mesmo à cidade, recorro à conceituação de Canclini (2007) que entende atores sociais como as pessoas envolvidas em “acontecimentos” ou ações do âmbito social.

Justifico este estudo, como forma de reconhecimento da cultura enquanto instrumento político das instituições federais de ensino superior e valorização da extensão universitária como espaço de formação cidadã e de constituição e compartilhamento de práticas e significados entre os atores sociais envolvidos, com a convicção de que estudamos aquilo que nos afeta (Jesús Martín-Barbero, 2004).

O TOM Caderno de Ensaios da UFPR configura-se como um projeto acadêmico de formação, produção e partilha do conhecimento, permitindo a ampliação do acesso ao saber conforme explicita o Plano Nacional de Extensão Universitária<sup>16</sup> (2012). Além disso, vai ao encontro dos anseios mobilizados pela curricularização da extensão universitária, em pauta na UFPR, desde o início dos anos 2000.

Como apresentado no segundo capítulo, que discorre sobre o percurso metodológico, esta pesquisa se caracteriza como um Estudo de Caso, de caráter qualitativo. O início da investigação foi marcado pela fase exploratória que teve como finalidade o levantamento do contexto histórico, dos atores sociais envolvidos e das práticas realizadas nas etapas de criação, produção e divulgação do TOM Caderno de Ensaios da UFPR.

Desta forma, me dediquei à pesquisa documental, observando os seguintes documentos: Relatório Anual de Projeto de Extensão Universitária, Relatório de Estudante Participante de Programa ou Projeto de Extensão, e às dez edições do Caderno de Ensaios. Importante ressaltar, que o acesso aos relatórios foi possível

---

<sup>16</sup> Documento que reúne o conjunto de diretrizes e conceitos elaborados coletivamente pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) elaborado com o objetivo de orientar a extensão universitária. Disponível em: <<https://proex.ufpb.br/proex/contents/menu/diretrizes-da-extensao/politica-nacional-da-extensao>>.

porque, nesta época, eu atuava como produtora cultural na Coordenadoria de Cultura da UFPR, unidade responsável pelo Projeto.

Inclusive todo essa trajetória do método da análise documental (Uwe Flick, 2009) foi essencial para eu conquistar maior distanciamento do meu campo de pesquisa, pois como o projeto de extensão havia encerrado em dezembro de 2019, pela primeira vez, eu estava olhando para o material como pesquisadora, deixando de lado a produtora cultural que até então, estava, diariamente, envolvida com os materiais e com o cronograma apertado das atividades. Momentos em que, muitas vezes, entre uma planilha e outra, entre uma reunião e outra, me questionei o que mais era compartilhado, além do evidente trabalho? Eram os primeiros sinais da pesquisa pulsando, pois não há o momento exato do início da investigação, visto que sua origem está na experiência de vida da pesquisadora, o que, consequentemente, a motiva e a coloca atenta à sua produção (Wright Mills, 1982).

A partir da observação dos dados quantitativos obtidos durante a análise documental foi possível também delimitar a amostra da entrevista, cuja proposta foi adotar a modalidade fenomenológica, pois deste ponto de vista, a realidade é o compreendido, o interpretado, o comunicado. Isso significa que para a fenomenologia não existe uma única realidade, mas tantas quantas forem interpretadas e comunicadas. (GIL, 2008, p. 14-15).

As entrevistas foram realizadas no período de 21 de julho de 2022 a 24 de setembro de 2022. Seis delas foram feitas de modo presencial e as demais ocorreram de forma virtual, por meio da plataforma *Google Meet*, ferramenta amplamente utilizada para a realização de reuniões à distância com o advento da pandemia do COVID-19, em 2020.

Para identificar os significados refletidos nos relatos dos/as entrevistados/as adotei a análise de conteúdo, guiada pelos pressupostos de Laurence Bardin (2010) e Deslandes, Neto e Gomes (1994). E para interpretá-los recorri aos Estudos Culturais, cuja base está no experimentalismo e na interdisciplinaridade (CEVASCO, 2003). Esclareço ainda, que optei por apresentar os resultados da análise da pesquisa ao longo do texto, contextualizando-os nos capítulos da tese.

A revisão bibliográfica foi constante em todos os momentos da investigação. Entre as minhas leituras, apoiei-me em autores como Boaventura de Souza Santos, Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero, Maria Elisa Cevasco, Néstor García Canclini e Raymond Williams. A partir dessas conexões interdisciplinares, articulei conceitos,

como cultura, universidade, rede e experiência, considerados pertinentes para situar a questão de pesquisa e determinar quais as conotações são adotadas na investigação.

No terceiro capítulo dediquei-me aos temas relacionados às políticas para a cultura com o intuito de verificar quais as políticas públicas para a cultura nortearam a idealização do TOM Caderno de Ensaio da UFPR. Assim, abordo a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, o Plano Nacional de Cultura, o Programa Mais Cultura nas Universidades, o Plano Institucional de Cultura da Universidade Federal do Paraná, com base principalmente nos pensamentos de Antonio Albino Canelas Rubim e Lia Calabre. Por fim, desenvolvi um paralelo entre estas questões e o relato dos/as entrevistados/as sobre o assunto.

Pela ótica de Flavi Ferreira Lisbôa Filho e Sandra de Deus, o quarto capítulo apresenta a extensão universitária e suas políticas, contextos e conceitos. Pautei a Política Nacional de Extensão Universitária, especialmente suas diretrizes, a partir das quais estabeleci a conexão com o TOM Caderno de Ensaio da UFPR pelo viés dos/as entrevistados/as na pesquisa. O capítulo aborda ainda a extensão universitária na Universidade Federal do Paraná, assim como a creditação da extensão, processo que definiu esse campo da aprendizagem parte integrante da matriz curricular das Instituições de Ensino Superior.

O quinto capítulo da tese é dedicado às práticas e aos significados. E para compreender de que forma foram constituídos e compartilhados entre os(as) curadores(as) e os/as estudantes envolvidos(as) no projeto, recorro aos Estudos Culturais para evidenciar os resultados do estudo, sustentado pelos/as seguintes teóricos/as: Ana Carolina Escosteguy; Armand e Michèle Mattelart; Maria Elisa Cevasco; Raymond Williams; Stuart Hall.

Por fim, apresento minhas considerações finais a respeito da pesquisa, refletindo sobre o processo e os resultados atingidos, ponderando sobre algumas contribuições e pontuando futuras continuidades e desdobramentos possíveis para investigação.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, dedicada ao significado das ações e relações humanas: motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, fenômenos não perceptíveis em equações, médias e estatísticas (DESLANDES; NETO; GOMES, 1994). A pesquisa qualitativa se caracteriza por sua capacidade de englobar dados heterogêneos e de combinar diferentes técnicas de coleta de dados. Ocupa-se de objetos complexos, como as instituições sociais, e é capaz de identificar em profundidade diferentes aspectos importantes da vida social referente à cultura e à experiência vivida (PIRES, 2014).

E por se tratar de uma pesquisa qualitativa com tema específico, único, impossível de se repetir, enquadra-se como um estudo de caso, “investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes” (YIN, 2010, p. 39).

Segundo Yin (2010, p. 24), “[...] o estudo de caso é usado em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados”. Maria Cecília Minayo (2013) completa, explicando que o estudo de caso utiliza estratégias de investigação qualitativa com o intuito de mapear, descrever e analisar o contexto, as relações, bem como as percepções sobre determinada situação ou episódio. De acordo com Christian Laville e Jean Dionne (1999), a maior vantagem dessa estratégia de pesquisa está na possibilidade de aprofundamento, pois os recursos estão concentrados no caso em questão, sem a necessidade de submeter o estudo às restrições ligadas à comparação do caso com outros casos paralelos.

O início desta pesquisa foi marcado pela fase exploratória, pois conforme coloca Antonio Carlos Gil (2008, p.27), “muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla”. Estes estudos são desenvolvidos com o objetivo de proporcionar uma aproximação em relação a determinado fato. Têm ainda como propósito esclarecer e, até mesmo, modificar conceitos e ideias para a formulação de problemas mais precisos, prontos para uma investigação com procedimentos sistematizados. De todos os tipos de pesquisa, esta é a que revela mais flexibilidade na etapa de planejamento e normalmente envolve levantamento bibliográfico e documental (GIL, 2008).

Neste estudo, a pesquisa exploratória teve como finalidade o levantamento do contexto histórico, dos atores sociais envolvidos e das práticas realizadas nas etapas de criação, produção e divulgação do TOM Caderno de Ensaios da UFPR. O foco central deste período foi a construção do projeto de pesquisa, na qual foram feitas as interrogações preliminares sobre o objeto, as questões, pressupostos, teorias pertinentes e metodologia apropriada (DESLANDES; NETO; GOMES, 1994).

O primeiro passo constituiu na pesquisa documental, ou seja, na investigação de “materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 2008, p. 51). De acordo com Gil (2008), pode-se dividir as fontes documentais em dois tipos: documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações; e os documentos de segunda mão, que de alguma maneira já foram analisados, como, por exemplo, relatórios de pesquisa, relatórios de empresas e tabelas estatísticas.

[...] a pesquisa documental exige, desde o início, um esforço firme e inventivo, quanto ao reconhecimento dos depósitos de arquivos ou das fontes potenciais de informação, e isto não apenas em função do objeto de pesquisa, mas também em função do questionamento (ANDRÉ CELLARD, 2014, p. 298).

Assim, dediquei-me principalmente aos seguintes documentos: Relatório Anual de Projeto de Extensão Universitária, Relatório de Estudante Participante de Programa ou Projeto de Extensão, e às dez edições do Caderno de Ensaios, compreendendo que “tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou ‘fonte’” (CELLARD, 2014, p.296 e 297).

O acesso aos relatórios foi possível porque, nesta época, eu atuava como produtora cultural na Coordenadoria de Cultura da UFPR, unidade responsável pelo Projeto. Entretanto, é importante salientar que as informações contidas nos relatórios foram utilizadas unicamente para identificar a rede de atores sociais (curadores/as) e estudantes) envolvida nas etapas de criação, produção e divulgação do TOM Caderno de Ensaios, publicados de 2015 a 2019 e para mapear as práticas realizadas pelos/as curadores/as e estudantes durante as etapas de desenvolvimento dos Cadernos, objetivos específicos deste estudo. Os dados qualitativos apresentados na análise da pesquisa são todos provenientes das

entrevistas, realizadas mediante autorização prévia dos/as entrevistados/as, conforme APÊNDICE C.

Para sistematizar e organizar os dados coletados nos documentos, optei por desenvolver fichas de catalogação individual para cada edição do Caderno, reunindo informações institucionais (gestão UFPR), características específicas (capa, número de páginas), conteúdo (tema, seções) e equipe de trabalho, por publicação, totalizando dez fichas.

Figura 4 - Ficha Catalográfica



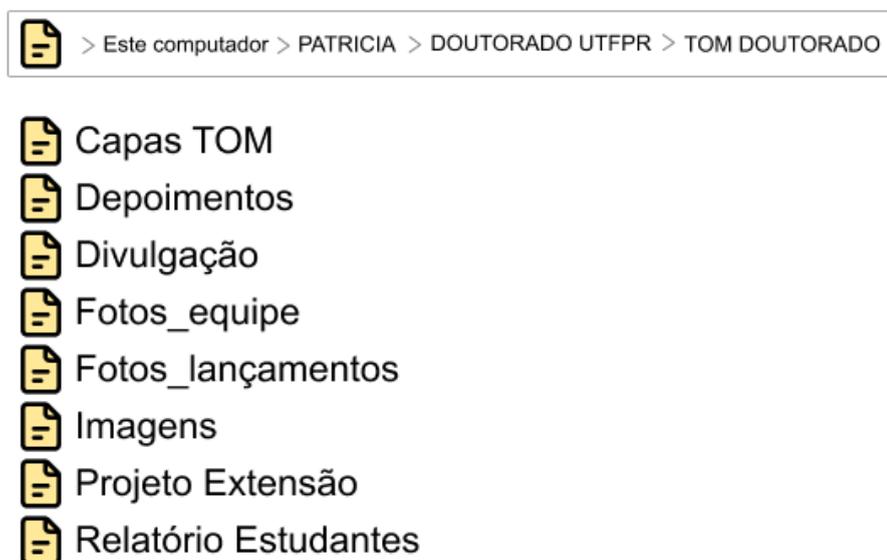
TOM#9		
<b>Dados Institucionais</b>		
<b>Reitor</b>	Ricardo Marcelo Fonseca	
<b>Vice-Reitora</b>	Graciela Inês Bolzón de Muniz	
<b>Pró-Reitor de Extensão e Cultura</b>	Leandro Franklin Gorsdorf	
<b>Coordenador de Cultura</b>	Rodrigo Reis	
<b>Projeto de Extensão</b>	TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura	
<b>Proposta submetida em</b>	28 de agosto de 2015	
<b>Período</b>	01 de maio de 2016 a 30 de abril de 2020	
<b>O Caderno</b>		
<b>ISSN</b>	2448-136X	
<b>Ano</b>	2019	
<b>Número</b>	9	
<b>Volume</b>	5	
<b>Título</b>	Tinha um museu no meio do caminho... No meio do caminho tinha um museu	
<b>Tema</b>	Museus, coleções e museologia	
<b>Seções</b>	1. Apresentação 2. Errâncias Sonoras 3. Errâncias Verbais 4. Dar o Tom 5. Errâncias Visuais 7. Notas Dissonantes 8. Páginas Amarelas 9. Pós-Scriptum.	
<b>Número de páginas</b>	346	
<b>Data de lançamento</b>	04 de setembro de 2019	
<b>Local de lançamento</b>	Antigo prédio da Imprensa da UFPR, no Campus	
<b>Link de acesso</b>	<a href="https://issuu.com/tom_ufrpr/docs/tom_9_muse">https://issuu.com/tom_ufrpr/docs/tom_9_muse</a>	
<b>Gestores</b>		
<b>Editor</b>	Ronaldo de Oliveira Corrêa	
<b>Supervisão e produção editorial</b>	Ronaldo de Oliveira Corrêa	
<b>Coordenação Editorial</b>	Patricia Guilhem de Sallies	
<b>Revisão</b>	Rebeca Pinheiro Queluz	
<b>Tradução</b>	Fernanda Lopes (sem identificação no	
<b>Curadoria</b>		
<b>Ana Luísa de Mello Nascimento</b>	Técnica-Administrativa: museóloga do Museu de	
<b>Bruna Marina Portela</b>	Técnica-Administrativa: historiadora e diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR	
<b>Mariana Gonzalez Leandro Novaes</b>	Técnica-Administrativa: museóloga no Centro de	
<b>Estudantes</b>		
<b>Nome</b>	<b>Amanda N. S. Falcon Wederkehr</b>	<b>Fonte</b>
<b>Curso</b>	Design Gráfico - UFPR	<b>Relatório de Estudante</b>
<b>Período</b>	GRR20161663	
<b>Categoria (Bolsista, Voluntário)</b>	Voluntária	
<b>Tipo de Bolsa</b>		
<b>Período da Bolsa</b>	18/03/2019 a 29/11/2019 (relatório)	
<b>Atuação no projeto</b>	Projeto gráfico / Produção de texto	
<b>Nome</b>	<b>Ângela Mayume Oyafuso</b>	<b>Relatório de Estudante</b>
<b>Curso</b>	Tecnologia em Design Gráfico - UFPR	
<b>Período</b>	(UFPR) 1761170	
<b>Categoria (Bolsista, Voluntário)</b>	Voluntária	
<b>Tipo de Bolsa</b>		
<b>Período da Bolsa</b>	01/02/2019 a 30/12/2019 (relatório)	
<b>Atuação no projeto</b>	Projeto gráfico / Edição eletrônica /	
<b>Nome</b>	<b>Camille Dittert Bittencourt</b>	<b>Relatório de Estudante</b>
<b>Curso</b>	Tecnologia em Produção Cênica - UFPR	
<b>Período</b>	GRR 20186570	
<b>Categoria (Bolsista, Voluntário)</b>	Bolsista	
<b>Tipo de Bolsa</b>	Extensão	
<b>Período da Bolsa</b>	01/06/2019 a 31/12/2019 (relatório)	
<b>Atuação no projeto</b>	Produção de lançamento	
<b>Nome</b>	<b>Laura Sferelli Fontoura</b>	<b>Relatório de Estudante</b>
<b>Curso</b>	Relações Públicas - UFPR	
<b>Período</b>	GRR 20177845	
<b>Categoria (Bolsista, Voluntário)</b>	Bolsista	
<b>Tipo de Bolsa</b>	Extensão	
<b>Período da Bolsa</b>	01/05/2019 a 31/12/2019 (relatório)	
<b>Atuação no projeto</b>	Mídias Sociais / Produção de texto / Apoio e	
<b>Nome</b>	<b>Nicolas Lopes Mendes Gonçalves</b>	<b>Relatório de Estudante</b>
<b>Curso</b>	Tecnologia em Comunicação Institucional -	
<b>Período</b>	GRR20193817	
<b>Categoria (Bolsista, Voluntário)</b>	Bolsista	
<b>Tipo de Bolsa</b>	Extensão	
<b>Período da Bolsa</b>	01/05/2019 a 30/06/2019 (relatório e estudante)	
<b>Atuação no projeto</b>	Mídias Sociais	

Fonte: Autoria própria

Comecei a investigação pelos Cadernos e depois acionei todas as pastas organizadas digitalmente durante a realização do projeto e, ao revisitar os arquivos, identifiquei vários outros materiais, como fotos e materiais de divulgação, que ao retratar o processo de criação do TOM poderiam também agregar dados à pesquisa, pois como coloca André Cellard (2014, p.298) “os documentos mais reveladores se escondem, às vezes, em locais insuspeitos”.

Então, defini outros critérios de separação e sistematizei o material em novas pastas digitais, diferenciando as fontes de pesquisa do conteúdo, que até então, era uma ferramenta de trabalho. Organizar um arquivo é reunir e refletir sobre sua experiência pessoal e profissional. A manutenção destes documentos permite o hábito da autorreflexão sistemática, desta forma, o pesquisador entende como manter-se atento, relacionando o seu trabalho intelectual com sua experiência pessoal (MILLS, 2009).

**Figura 5 - Arquivos digitais**



**Fonte: Autoria própria**

Descrição do conteúdo dos arquivos digitais:

- Capas TOM: o arquivo contém a imagem gráfica da primeira capa (frente) das dez edições do Caderno.
- Depoimentos: nesta pasta, encontram-se os relatos de alguns/mas estudantes e curadores/as que participaram com seus depoimentos

para uma ação de divulgação do Caderno na rede social da Coordenadoria de Cultura.

- c) Divulgação: reúne os materiais de divulgação do Caderno, principalmente as matérias publicadas no Portal da UFPR.
- d) Fotos\_equipe: registros fotográficos da equipe em reuniões de trabalho.
- e) Fotos\_lançamentos: registros fotográficos dos eventos de lançamento dos Cadernos.
- f) Imagens: arte digital dos convites dos eventos de lançamento para postagem na mídia social da Coordenadoria de Cultura, assim como imagens de capa e perfil para a página da rede social.
- g) Projeto Extensão: propostas, relatórios e resumos do Projeto de Extensão TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura.
- h) Relatório Estudantes: relatórios dos/as estudantes participantes do Projeto de Extensão TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura.

Depois, com o intuito de identificar mais facilmente as características dos documentos disponíveis tanto fisicamente, como nas pastas digitais, criei uma outra ficha catalográfica que denominei “Registro de Documento”, formatada em uma grande tabela, composta pelas seguintes colunas: categoria do documento, identificação do arquivo, descrição, suporte, autoria, TOM, ano e disponível em, conforme descritas a seguir:

- a) Categoria: nesta coluna, os documentos foram classificados em: projeto, relatório, peça gráfica, planos e políticas, publicação, depoimento para rede social (alunos/as bolsistas e curadores/as).
- b) Identificação do arquivo: mostra de que forma o documento foi nomeado no arquivo.
- c) Descrição: espaço destinado para identificar o conteúdo do documento, como, por exemplo: As metas do Plano Nacional de Cultura, Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI - UFPR 2007 a

2011, selo, convite, cartaz, imagem de perfil para rede social, entre outros.

- d) Suporte: aponta se o documento está em formato físico ou digital.
- e) Autoria: coluna dedicada ao nome do/a autor/a responsável pelo material.
- f) TOM: destaca qual edição do Caderno TOM o documento está vinculado.
- g) Ano: registra o ano de elaboração do material.
- h) Disponível em: mostra o local em que o documento foi arquivado.

Quadro 1 - Modelo ficha catalográfica

Categoria do Documento	Identificação Arquivo	Descrição	suporte	Autoria	TOM	Ano	Disponível em:
<b>PROJETO</b>							
	projeto_extensão_TOM.pdf	Proposta de Projeto de Extensão Universitária	Digital/ Físico	Coordenadora de Cultura	TOM#1 a TOM#10	2015	Arquivo
<b>PEÇA GRÁFICA</b>							
	Banner Portal_tom7.jpg	Banner de divulgação do evento de pré-lançamento para o Portal da UFPR	Digital	Victor dos Reis Damaceno Uchoa	TOM#7	2018	Arquivo
	banner_portal_tom4.png	Banner de divulgação do TOM#4 para o Portal da Proec	Digital	Eduardo Zmievski	TOM#4	2016	Arquivo
	banner_portal_tom1.jpg	Banner de divulgação do TOM#1 para o Portal da Proec	Digital	Ana Lino / Mariana Midori	TOM#1	2015	Arquivo
	banner_portal_tom3.jpg	Banner de divulgação do TOM#3 para o Portal da Proec	Digital	Victor dos Reis Damaceno Uchoa	TOM#3	2016	Arquivo
	divulgacao_tom.jpg	Banner de divulgação institucional TOM	Digital/ Físico	Julia Santos Barros	TOM	2017	Arquivo
	divulgacao2_tom.jpg	Banner de divulgação institucional TOM	Digital/ Físico	Julia Santos Barros	TOM	2017	Arquivo
	lembranca_tom6.png	Lembrança para os curadores, autores convidados e equipe de trabalho (Colar com Orixás)	Digital	Julia Santos Barros	TOM#6	2017	Arquivo

Fonte: Autoria própria

Toda a trajetória do método da análise documental (Uwe Flick, 2009) foi muito importante para eu conquistar maior distanciamento do campo de pesquisa. Pois como o projeto de extensão havia encerrado em dezembro de 2019, nesse momento, eu estava explorando o material como pesquisadora.

A observação das dez fichas catalográficas sobre os Cadernos me permitiu evidenciar dados quantitativos, como, por exemplo, que durante a produção das dez edições da publicação, de 2015 a 2019, passaram pela equipe o total de 31 curadores/as, assim distribuídos em cada publicação:

Gráfico 1 - Número de curadores/as por edição

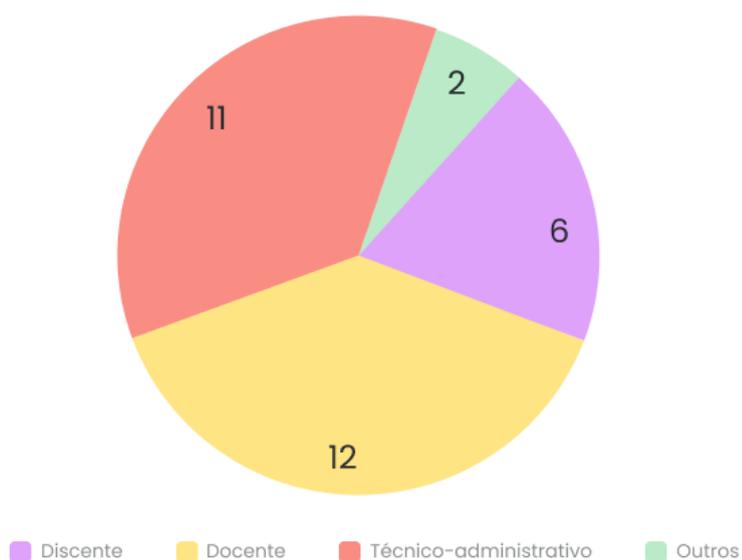


Fonte: Autoria própria

Foi possível também estratificar a curadoria em docentes, discentes, técnico-administrativos e outras ocupações profissionais.

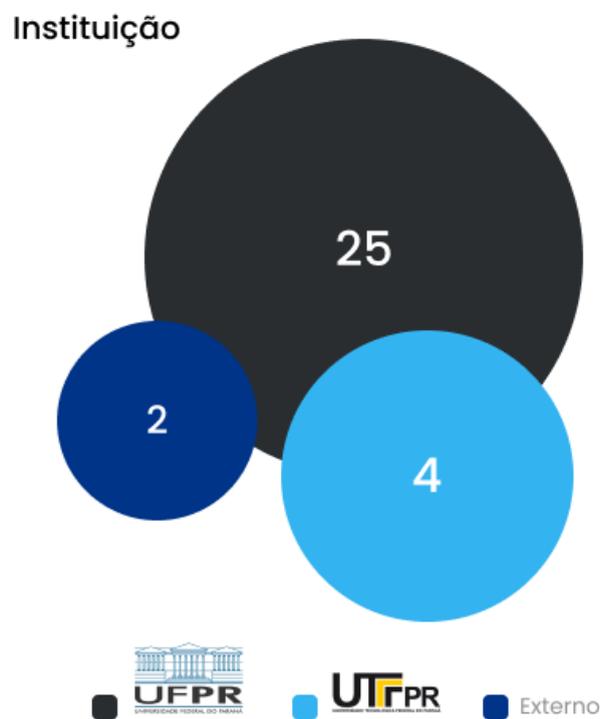
Gráfico 2 - Número de curadores/as por categoria

Perfil Curadores/as



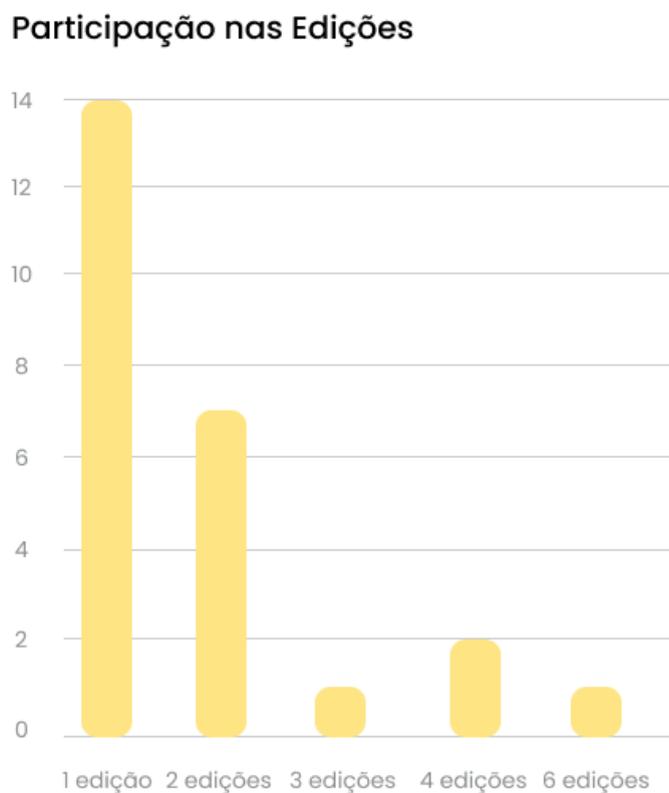
Fonte: Autoria própria

Sobre a origem institucional dos/as curadores/as, observou-se o seguinte cenário:

**Gráfico 3 - Número de curadores/as por instituição**

Fonte: Autoria própria

Em relação aos/as estudantes, durante a produção das dez edições da publicação, de 2015 a 2019, foram registradas 45 participações, do total de 25 alunos/as, pois alguns estudantes contribuíram em mais de uma edição do Caderno.

**Gráfico 4 - Número de estudantes em relação à participação nas edições**

**Fonte: Autoria própria**

Pôde-se observar ainda, a distribuição entre as categorias, bolsista, voluntário ou ambos; os cursos de graduação contemplados e as instituições de ensino superior vinculada às origens dos/as estudantes.

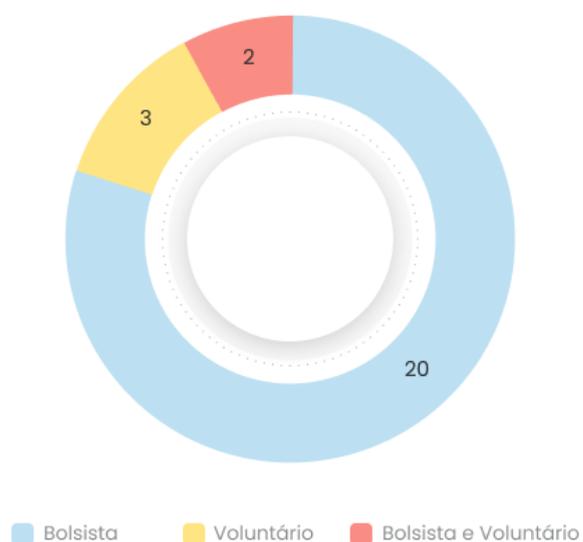
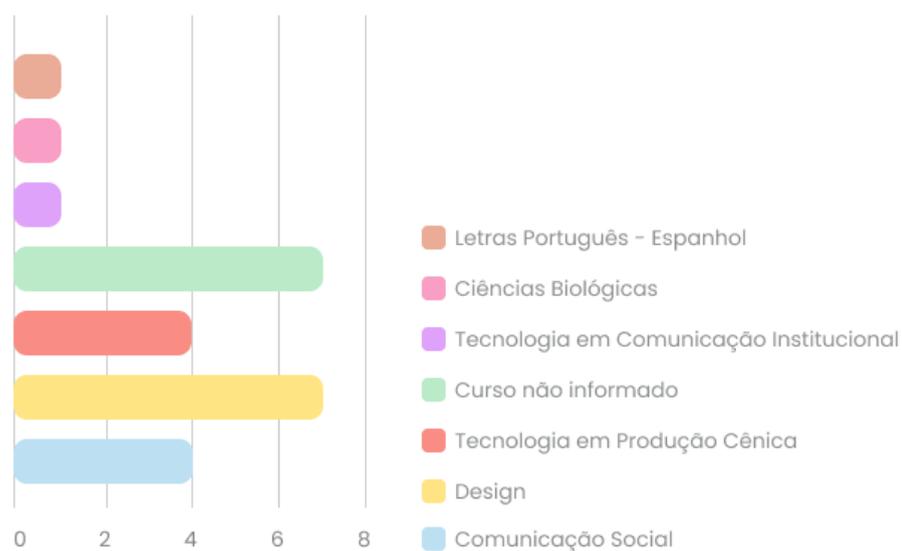
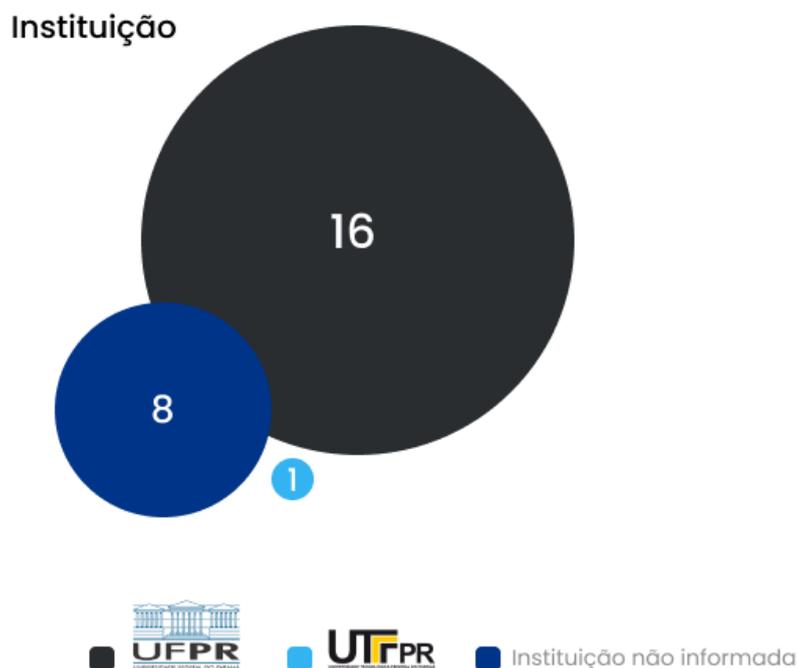
**Gráfico 5 - Número de estudantes por categoria****Bolsista e/ou Voluntário****Fonte: produção própria****Gráfico 6 - Número de estudantes por cursos****Número de estudantes por cursos****Fonte: Autoria própria**

Gráfico 7 - Número de estudantes por instituição



Fonte: Autoria própria

## 2.1 AMOSTRAGEM

A partir da observação dos dados quantitativos, estabeleci o recorte para a próxima etapa da investigação: entrevista com curadores/as e estudantes, compreendendo que a amostragem é imprescindível quando se considera um grupo com número elevado de indivíduos (GIL, 2008). “Nas pesquisas sociais é muito frequente trabalhar com uma amostra, ou seja, com uma pequena parte dos elementos que compõem o universo” (GIL, 2008, p.89).

Para definir o conjunto de entrevistados/as da pesquisa (curadores/as e estudantes), o critério de corte inicial foi desconsiderar as duas primeiras edições do Caderno, publicadas em 2015, pois neste ano as publicações ainda não eram oficialmente um produto resultante do projeto de extensão TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura, instituído em 2016. Até então, o TOM Caderno de Ensaios da UFPR configurou como uma ação de comunicação isolada produzida pela Coordenadoria de Cultura da UFPR.

Em seguida, foi feito o recorte da mostra da equipe de curadores compreendendo a importância de contemplar pelo menos um/a representante de

cada categoria, a ser definido/a conforme a disponibilidade individual de conceder a entrevista, totalizando 5 entrevistados/as.

**Quadro 2 – Amostra curadoria Categoria X Instituição**

<b>Categoria</b>	<b>Instituição</b>	<b>N.º de entrevistados/as</b>
<b>Docente</b>	<b>UFPR</b>	<b>1</b>
<b>Docente</b>	<b>UTFPR</b>	<b>1</b>
<b>Discente</b>	<b>UFPR</b>	<b>1</b>
<b>Discente</b>	<b>UTFPR</b>	<b>-</b>
<b>Técnico-administrativo</b>	<b>UFPR</b>	<b>1</b>
<b>Outro</b>	<b>Externo</b>	<b>1</b>
<b>TOTAL</b>	<b>-</b>	<b>5</b>

**Fonte: Autoria própria**

E para determinar quais estudantes seriam convidados/as para a fase da entrevista, o critério inicial foi o nível de registro institucional da participação desses/as estudantes no Projeto, ou seja, alunos/as que tiveram os seus nomes cadastrados em três instâncias documentais concomitantemente: Relatório Anual de Projeto de Extensão Universitária, Relatório de Estudante Participante de Programa ou Projeto de Extensão e Expediente<sup>17</sup> do Caderno. Este recorte gerou uma amostra com 11 estudantes. E com o objetivo de estreitar ainda mais essa lacuna para viabilizar as entrevistas em tempo hábil, considerou-se também os/as alunos/as que contribuíram com depoimentos para a divulgação do Caderno por meio de publicações na rede social da Coordenadoria de Cultura. Assim, a amostra final ficou com 5 estudantes.

<sup>17</sup> Expediente é uma lista de todas as pessoas da equipe que colaborou com a criação da publicação, com a indicação do nome e da função desempenhada. Destaca a responsabilidade atribuída às pessoas que atuaram na produção da edição Disponível em: <<https://revistagliflo.com.br/design-editorial/conheca-os-elementos-mais-importantes-de-uma-revista/>>.

**Quadro 3 – Amostra para a realização da entrevista**

<b>Amostra para a entrevista</b>	
<b>Categoria</b>	<b>Quantidade</b>
Curadores/as	5
Estudantes	5
TOTAL	10

**Fonte: Autoria própria**

## 2.2 ENTREVISTA

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais. “É bem adequada para a obtenção de informações sobre o que as pessoas sabem, creem, esperam e desejam, assim como suas razões para cada resposta” (GIL, 2008, p.109), pois “o recurso ao testemunho permite a exploração dos conhecimentos das pessoas, mas também de suas representações, crenças, valores, sentimentos, opiniões [...]” (LAVILLE e DIONNE, 1999, p.190), ou seja, colabora na investigação dos aspectos afetivos e valorativos, evidenciando dados subjetivos que refletem as atitudes, os comportamentos e os significados pessoais dos/as entrevistados/as.

Não significa, entretanto, uma conversa despreziosa e neutra, pois a entrevista é um instrumento de coleta de dados a partir dos fatos relatados pelos atores sociais da pesquisa (curadores/as e estudantes) enquanto sujeitos-objetos da investigação que experienciaram um determinado fenômeno que está sendo analisado (DESLANDES; NETO; GOMES, 1994).

A proposta nesta pesquisa foi adotar a modalidade de entrevista fenomenológica, partindo do entendimento de que o objetivo principal da fenomenologia é apresentar uma descrição direta da experiência, exatamente como ela é. Do ponto de vista fenomenológico, a realidade é o compreendido, o interpretado, o comunicado. Isso significa que para a fenomenologia não existe uma única realidade, mas tantas quantas forem interpretadas e comunicadas. (GIL, 2008, p. 14-15).

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado (GIL, 2008, p.15).

Nas pesquisas de caráter fenomenológico, esclarece GIL (2008), o pesquisador não busca a compreensão mediante leis, tão pouco a dedução baseada em princípios, mas considera o que é percebido conscientemente pelos indivíduos, pois “o objeto de conhecimento para a Fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito” (GIL, 2008, p. 15).

Ranieri e Barreira (2010) destacam que a empatia é um fator implícito para a técnica fenomenológica. Ao recordar o fato durante a entrevista não significa que se está vivenciando a mesma situação novamente, mas sim trazendo-a à tona, com uma intensidade relativa e própria. Entretanto, tal acontecimento só é possível devido à presença de um vínculo empático entre o/a entrevistado/a e o/a entrevistador/a, que também atua como uma pessoa atenta, indagadora e curiosa, especialmente para depois ter condições de compartilhar e testemunhar a experiência narrada pelo entrevistado/a. O momento da entrevista é influenciado pela relação empática entre as duas partes e se desdobra em uma possível intersubjetividade, ou seja, um compartilhar de algo essencial de uma perspectiva subjetiva.

A empatia é entendida aqui como uma vivência, não como um estado psíquico relacionado à simpatia. Essa concepção tem como fundamento as análises fenomenológicas feitas por Edith Stein, que tratou o tema da empatia como objeto de sua tese de doutorado, publicada no formato de livro em 1917 (RANIERI; BARREIRA, 2010, p. 6).

A partir de uma boa fundamentação e orientação da coleta dos relatos, todo o processo de análise pode ser desenvolvido de maneira proveitosa, seguindo os pressupostos metodológicos da fenomenologia, explicam Ranieri e Barreira (2010). Mas para isso, é preciso adotar um instrumento de coleta adequado para que a narrativa flua e revele as vivências e as experiências dos sujeitos inseridas no contexto específico da pesquisa, ou seja, um roteiro de entrevista bem elaborado e direcionado somado à habilidade do/a entrevistador/a em conduzir a entrevista com foco na experiência do/a entrevistado/a, completam Ranieri e Barreira (2010). “Portanto, o esforço necessário para a coleta do relato do sujeito condiz com a

caracterização do método desde a elaboração do instrumento de coleta.” (RANIERI; BARREIRA, 2010, p.7).

Para melhor aproveitamento da técnica, segui as etapas estabelecidas por Gil (2008), começando pela elaboração do roteiro, prevendo alguns quesitos como: orientações para os/as entrevistados/as, como iniciar a entrevista, o tempo de duração, o local mais apropriado e possíveis procedimentos em caso de recusa.

Desta forma, estruturei dois roteiros prévios (APÊNDICE D), um para os/as estudantes, outro para os/as curadores/as, com questões semi estruturadas ou semi padronizadas, ou seja, composto por uma série de perguntas abertas pré-estabelecidas, que foram feitas verbalmente dentro de uma conversa informal, mas com a possibilidade de percorrer caminhos não previstos, como, por exemplo, acrescentar perguntas de esclarecimento ou até mesmo evitar o término precoce da entrevista. Essa é uma forma de explorar mais amplamente um assunto, deixando o/a entrevistado/a à vontade para discorrer sobre o tema sugerido. Evita-se perder o foco principal da questão, mas, ao mesmo tempo, permite-se uma flexibilidade no diálogo, estreitando o distanciamento e aumentando a confiabilidade entre o/a entrevistado/a e o/a entrevistador/a (ROSA; ARNOLDI, 2006). Outro detalhe relevante é que muitas vezes as respostas espontâneas e a maior liberdade dos/as entrevistados/as propiciam questões inesperadas de grande utilidade para a pesquisa.

Para garantir que todos os temas da pesquisa fossem contemplados, a estratégia foi dividir o roteiro em quatro blocos temáticos - Perfil do/a Entrevistado/a, Extensão Universitária, Políticas Públicas para a Cultura / Comunicação para a Cultura e, por fim, Práticas, Experiências e Significados, com perguntas norteadoras para a condução da entrevista. Alguns tópicos foram listados abaixo das perguntas apenas como um guia para eventuais dispersões do tema. Caso o/a entrevistado/a discorra sobre assuntos que não são o tema da entrevista, Gil (2008) aconselha que o/a entrevistador/a, com respeito, passe para a próxima questão.

Além disso, uma segunda coluna foi adicionada ao roteiro, com alguns marcadores de interesse a serem tratados em cada pergunta, com o intuito de contribuir com a resposta da questão de pesquisa. A metodologia proposta não foi indagar, mas sim, estabelecer um diálogo para compreender aspectos mais subjetivos, que se não respondidos de forma espontânea, poderiam ser abordados, a qualquer momento, conforme a disposição do/a entrevistado/a. Gil (2008) lembra

que às vezes a pergunta pode provocar uma resposta incompleta ou confusa. Então, o/a entrevistador/a precisa contar com alguma técnica que estimule o/a entrevistado/a a responder de maneira mais precisa, sem que isto prejudique o encaminhamento da entrevista.

Os/as dez primeiros/as possíveis candidatos/as à entrevista, de acordo com as especificações da amostra, foram contactados/as por e-mail, cuja mensagem foi enviada com a carta convite (APÊNDICE E), explicitando o motivo, os procedimentos e a importância da entrevista para a pesquisa. Todos/as atenderam prontamente ao chamado, colocando-se à disposição para agendamento.

As entrevistas foram realizadas no período de 21 de julho de 2022 a 24 de setembro de 2022. Seis delas, foram feitas de modo presencial, em lugares sugeridos pelos/as próprios/as entrevistados/as a fim de garantir que estivessem em ambientes onde se sentissem confortáveis durante o processo. Todas as entrevistas neste formato foram gravadas em aparelho celular modelo *Iphone 7*. As demais, ocorreram de forma virtual, por meio da plataforma *Google Meet*, ferramenta amplamente utilizada para a realização de reuniões à distância com o advento da pandemia do COVID-19, em 2020.

Superando as minhas expectativas, considerei tranquilo conduzir as entrevistas. Os/as entrevistados/as se mostraram disponíveis, interessados/as e não colocaram restrições aos questionamentos propostos. Então, para retratar esse clima de cordialidade e informalidade na tese, optei por identificar os/as entrevistados/as pelo primeiro nome. Além do mais, foi uma estratégia para diferenciar dos autores citados.

Todos/as os/as entrevistados/as assinaram o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Texto (APÊNDICE C). Ainda assim, foram preservadas as identidades de duas pessoas que após a entrevista solicitaram a não publicação dos seus nomes na tese, denominados assim, de Entrevistado/a 9 e Entrevistado/a 10.

Em respeito à Lei Geral de Proteção de Dados<sup>18</sup>, não foi retirada nenhuma informação contida nos relatórios institucionais do Projeto de Extensão TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura. Os mesmos só foram utilizados na pesquisa exploratória para identificar os atores sociais envolvidos

---

<sup>18</sup> Lei que dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm)>.

nas ações do TOM e depois, como critério de segmentação da amostragem para a entrevista. Todos os relatos que compõem a análise da tese são originários das entrevistas concedidas, ou seja, nenhum dado qualitativo foi extraído dos relatórios institucionais.

### 2.3 TRATAMENTO, SISTEMATIZAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Quanto ao tratamento e sistematização dos dados, Rosa e Arnoldi (2006), lembram que é necessário ler as transcrições das entrevistas, repetidas vezes [...] até a exaustão. É preciso se ater ora no conteúdo expresso, ora nas teias das relações que se entrelaçam, procurando visualizar as questões do seu problema de pesquisa, as formulações das abordagens e conceituações adotadas e a própria realidade que está em estudo, a qual exige espaço para demonstrar evidências, consistências e inconsistências. E ainda, observar o afinamento dos resultados em função do referencial teórico e em contato com a realidade estudada, visando a seleção de tópicos de interesse para a pesquisa.

Dessa forma, optei por eu mesma fazer as transcrições, na íntegra, de todas as entrevistas. Apesar do longo e exaustivo trabalho, considerei que assim seria mais garantido preservar a contextualização e a correta interpretação das falas dos/as entrevistados/as.

De qualquer modo, o tratamento dos dados será sempre uma tarefa minuciosa. Requer uma transcrição atenta e cuidadosa, pois como argumentam Laville e Dionne (1999), as análises de conteúdo na maior parte dos casos são mais delicadas que as análises estatísticas.

O tratamento do material leva à teorização a respeito dos dados, o que conseqüentemente gera um confronto entre a abordagem teórica inicialmente proposta e a que a investigação de campo aponta com particular contribuição (DESLANDES; NETO; GOMES, 1994).

Para identificar os significados refletidos nos relatos dos/as entrevistados/as adotei a análise de conteúdo, definida por Laurence Bardin (2010) como:

[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2010, p.44).

Deslandes, Neto e Gomes (1994) acrescentam que a técnica da análise de conteúdo revela duas funções essenciais na sua aplicação. A primeira, diz respeito à verificação da questão proposta, isso significa que por meio da observação do conteúdo é possível encontrar respostas para a pergunta formulada. A outra, é sobre decifrar o que está subentendido nos conteúdos relatados, é ir além do que foi explicitamente comunicado (DESLANDES; NETO; GOMES, 1994).

Bardin (2010) divide a análise de conteúdo cronologicamente em pré-análise, exploração dos resultados e interpretação.

Na fase da pré-análise, em geral, é o momento de organizar o material a ser analisado de acordo com os objetivos e questões de estudo, definindo a unidade de registro, unidade de contexto, trechos significativos e categorias.

Pode-se optar por vários tipos de unidades de registro para analisar o conteúdo de uma mensagem. Entende-se a unidade de registro como elementos obtidos através da decomposição do conjunto da mensagem (DESLANDES; NETO; GOMES, 1994).

Podemos utilizar a palavra como uma unidade, trabalhando com todas as palavras de um texto ou com apenas algumas que são destacadas de acordo com a finalidade do estudo. A frase ou a oração também são outros exemplos de unidade de registro. Outra unidade é o tema que se refere a uma unidade maior em torno da qual tiramos uma conclusão (DESLANDES; NETO; GOMES, 1994, p. 27).

Neste caso, para garantir a consonância com as entrevistas, foram selecionadas como unidades de registro os mesmos blocos temáticos definidos para os roteiros: Perfil do/a Entrevistado/a, Extensão Universitária, Políticas Públicas para a Cultura / Comunicação para a Cultura e Práticas, Experiências e Significados.

Já, a unidade de contexto é uma referência mais ampla, relacionada ao cenário do qual faz parte a mensagem, que nesta pesquisa é percebida como o pano de fundo das práticas realizadas no processo de desenvolvimento do TOM Caderno de Ensaio, ou seja, as etapas de criação, produção e divulgação da publicação. Recomenda-se uma leitura atenta do material para identificar sua estrutura, descobrir orientações para a análise e também registrar impressões sobre os relatos (DESLANDES; NETO; GOMES, 1994).

A fase da exploração dos resultados é quando aplica-se o que foi definido anteriormente. É considerada a mais longa e muito provavelmente haverá a

necessidade de se fazer várias aproximações ao mesmo material (DESLANDES; NETO; GOMES, 1994).

Para organizar os dados encontrados dentro das unidades de registro no documento de transcrição das entrevistas optei por separá-las em cores, utilizando a ferramenta “cor de destaque” do programa de processamento de texto: amarelo para Extensão Universitária; o azul refere-se às Políticas Públicas para a Cultura / Comunicação para a Cultura e o verde identifica as Práticas, Experiências e Significados. Adicionei ainda a cor rosa para destacar informações consideradas relevantes, mas que aparentemente não se encaixavam em nenhuma unidade de registro pré-estabelecida. Considero que esta sistematização de dados apropriada à análise de conteúdo foi um exercício muito positivo no processo da exploração e organização das informações obtidas.

A terceira fase, da interpretação, é destinada a desvendar o conteúdo subjacente ao que foi relatado, como por exemplo, ideologias, tendências e outras determinações características do fenômeno analisado (DESLANDES; NETO; GOMES, 1994). A interpretação dos dados, apoiada aos Estudos Culturais, referencial teórico da investigação, permitiu analisar de que forma as práticas realizadas durante as etapas de criação, produção e divulgação do TOM Caderno de Ensaio, publicados de 2015 a 2019, contribuíram para a constituição e compartilhamento de significados entre os/as curadores/as e estudantes envolvidos/as no projeto, objetivo específico deste estudo.

## 2.4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica acompanhou todos os momentos da investigação. Foram muitas leituras, sistematização de dados por meio de fichamentos, análises e interpretação dos temas de pesquisa a partir de livros, teses, dissertações, anais de encontros científicos e demais publicações científicas. Conforme coloca Gil (2008, p.50), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Lakatos e Marconi (2003) complementam que:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações

em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (LAKATOS e MARCONI, 2003, p.182).

Gil (2008) aconselha fazer anotações dos elementos importantes obtidos a partir dos materiais consultados, pois são a matéria-prima do trabalho de pesquisa. Embora os registros possam ser feitos no próprio texto, recomenda-se que para tal sejam elaboradas fichas de documentação. Esclarece também que há dois modelos de fichas, bibliográficas e de apontamentos. “A primeira é utilizada para anotar as referências bibliográficas, bem como para apresentar um sumário e a apreciação crítica de uma obra. A segunda, para anotar as ideias obtidas a partir da leitura de determinado texto” (GIL, 2008, p.75), que denomino diário de campo (Mills, 2009) e acrescento apontamentos feitos desde a fase exploratória, a partir da consulta de documentos, das entrevistas e durante as aulas e grupos de pesquisa. Pois toda anotação é válida para auxiliar na formulação da questão, na definição de objetivos e nas adesões teóricas e metodológicas da pesquisa. Estas anotações, além de permitirem um diálogo com a proposta inicial do projeto, mantiveram o constante exercício de escrita e de reflexão e ainda apontaram aspectos a serem observados ou reconsiderados no decorrer do percurso. Mills (2009) considera os diários de campo uma estratégia de conhecimento e investigação, no qual pode-se registrar pequenas notas ou lembretes, trechos de livros e até análises preliminares.

Entre as minhas leituras, dediquei-me aos temas relacionados às políticas para a cultura e à extensão universitária com o intuito de verificar quais as políticas públicas para a cultura e quais as normatizações da extensão universitária nortearam a idealização do TOM Caderno de Ensaio da UFPR, objetivo específico desta pesquisa.

Estudei, especialmente, os pressupostos dos Estudos Culturais, referencial teórico adotado nesta investigação, cuja base está no experimentalismo e na interdisciplinaridade (CEVASCO, 2003). “Ao mesmo tempo, embora seja um tipo de sociologia que coloca sua ênfase em todos os sistemas de significações, está necessária e fundamentalmente preocupado com as práticas e a produção culturais manifestas” (WILLIAMS, 1992, p.14). Abordarei mais profundamente a teoria dos Estudos Culturais no capítulo “TOM(s), encontros, práticas e significados”.

A partir dessas conexões interdisciplinares, articulei conceitos, como cultura, universidade, rede e experiência, considerados pertinentes para contextualizar a questão de pesquisa e determinar quais as conotações seriam adotadas na investigação. Os conceitos trazidos, contribuem para “ordenar os processos e os objetos e fixar melhor o recorte do que deve ou não ser examinado e construído” (DESLANDES; NETO; GOMES, 1994. p.20).

Em relação à adesão do termo atores sociais, esclareço que por se tratar de um conceito amplo, atribuído às categorias profissionais (produtores, jornalistas, editores, agricultores), às instituições, mídias e até mesmo à cidade, recorri à conceituação de Canclini (2007) que entende atores sociais como as pessoas envolvidas em “acontecimentos” ou ações do âmbito social.

No quadro a seguir, apresento resumidamente as teorias e os conceitos adotados nesta pesquisa, assim como os/as autores/as aos quais estão vinculados.

**Quadro 4 - Amostra para a realização da entrevista**

<b>Teorias / Conceitos</b>	<b>Autores(as)</b>
Pesquisa Qualitativa	Álvaro Pires; Suely Ferreira Deslandes; Otávio Cruz Neto; Romeu Gomes.
Estudo de Caso	Robert Yin; Maria Cecília de Souza Minayo.
Análise de Conteúdo	Laurence Bardin; Suely Ferreira Deslandes; Otávio Cruz Neto; Romeu Gomes.
Fase Exploratória	Suely Ferreira Deslandes; Otávio Cruz Neto; Romeu Gomes.
Universidade	Eugênia Barrichello; Irene Scaletzky; Boaventura de Souza Santos.
Rede	Jesús Martín-Barbero; Boaventura de Souza Santos.
Experiência	Maria Elisa Cevalco; Luiz Gonzaga Motta.
Cultura	Isaura Botelho; Néstor García Canclini; Jesús Martín-Barbero; Raymond Williams; Renato Ortiz.
Estudos Culturais	Ana Carolina Escosteguy; Armand e Michèle Mattelart; Maria Elisa Cevalco; Raymond Williams; Stuart Hall.
Extensão Universitária	Flavi Ferreira Lisbôa Filho; Nadia Gaiofatto Gonçalves; Sandra de Deus.
Políticas Públicas para a Cultura	Antonio Albino Canelas Rubim; Jesús Martín-Barbero, Lia Calabre; Néstor García Canclini

**Fonte: Autoria própria**

### **3 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A CULTURA: O FIO CONDUTOR DO TOM CADERNO DE ENSAIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

Criar uma publicação no campo da cultura, que indicasse a política cultural da Universidade Federal do Paraná (UFPR), era uma meta antiga da Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) conforme mostram os Planos de Desenvolvimento Institucional da UFPR<sup>19</sup>. Entretanto, só em 2015, amparada pela Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005), documento deliberado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e em atenção ao Plano Nacional de Cultura (Lei nº 12.343/2010), que a PROEC (Gestão 2013-2016), por meio da equipe da Coordenadoria de Cultura, idealizou o TOM Caderno de Ensaios da Universidade Federal do Paraná.

Assim, neste capítulo abordo as políticas públicas culturais que foram o fio condutor para a criação do TOM, um dos objetivos específicos desta pesquisa, entendendo que, conforme coloca Lia Calabre (2019), uma política para a cultura contemporânea precisa estar atenta à existência de diferentes públicos e apta a reconhecer a presença de visões e interesses diferenciados. Ainda, neste capítulo, descrevo de que forma o perfil e o conteúdo do Caderno dialogaram com tais políticas públicas, a partir da ótica dos/as entrevistados/as.

Albino Rubim (2019) diz que independente da discussão sobre o surgimento do conceito de políticas culturais, é possível afirmar que as políticas para a cultura consideram um conjunto articulado, continuado, deliberado e sistemático de ações e formulações, que implicam em diretrizes, metas e atividades. Isso requer a elaboração de legislações, normas e rotinas, e a mobilização de recursos institucionais, materiais, legais, humanos e financeiros.

Esta gama de esforços, segundo Rubim (2019) tem como propósito desenvolver a dimensão simbólica da sociedade; atender às necessidades culturais da população; assegurar cidadania e direitos culturais e manter ou transformar a vida em comunidade. “As políticas culturais obedecem, de modo explícito ou não, um ciclo de planejamento, execução, acompanhamento e avaliação” (Rubim, 2019,

---

<sup>19</sup> Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPR (2007-2011). Extensão e Cultura – Meta: estruturar e editar uma Revista de Cultura na UFPR, a partir de 2008 com o objetivo de ampliar e consolidar os meios de divulgação das ações de extensão e cultura” (p. 17). Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPR (2012-2016). Dimensão Estratégica Acadêmica – Meta 41: “desenvolver produção editorial em mídia digital” (p. 75).

p.286-287). O autor lembra também que para garantir um caráter público, as políticas culturais devem ser submetidas ao crivo do debate público e capazes de projetar deliberações também de ordem pública (Rubim, 2019). Pois é desse modo que as políticas deixam de ser meramente estatais e passam a ser efetivamente públicas. Ou seja, a elaboração de políticas culturais e planos de cultura nas universidades pressupõe a designação de instâncias, normas, infraestruturas, orçamentos, assim como pessoal especializado para planejar, coordenar e realizar as atividades culturais em consonância com as políticas formuladas.

A elaboração da política, por seu turno, para ser democrática e representativa, supõe a concretização de um amplo e participativo diagnóstico cultural de toda universidade, que contemple sua diversidade de atividades de formação, estudos e atuação culturais. O mapeamento apresenta-se como peça básica para a tessitura dialogada, democrática e participativa das políticas culturais universitárias, configuradas em planos de cultura (RUBIM, 2019, p.287).

Tão importante quanto a capacidade de realizar um rigoroso mapeamento, acrescenta Rubim (2019), é possibilitar uma discussão plural e honesta, capaz de definir politicamente as prioridades. Além disso, as relações interdependentes entre mapeamento cultural, políticas culturais e planos de cultura tornam-se essenciais para estabelecer uma conexão entre universidade e cultura.

Calabre (2019) ainda reforça que a base de uma gestão para a cultura está no reconhecimento da diversidade cultural, dos distintos agentes sociais, e na criação de canais de participação democrática.

A garantia da cidadania democrática e cultural é elemento indispensável na busca da superação de desigualdades e do reconhecimento das diferenças reais existentes entre os sujeitos que habitam o território, em suas dimensões social, econômica e cultural. As garantias de cidadania e de democracia cultural passam pela elaboração de uma política de sustentação e ampliação do capital cultural (CALABRE, 2019, p.8).

Dessa forma, Calabre (2019) esclarece que o objetivo fundamental de uma política cultural é garantir o direito à cultura aos/às brasileiros/as, como previsto na Constituição Federal e em algumas das Constituições Estaduais e das Leis Orgânicas. Isso significa, falar de práticas e de desejos de ser e de fazer, conectados a questões de natureza material e imaterial. A política cultural estabelece então, ações dispostas nos campos do real e do simbólico, do consumo e da fruição, do acesso e das práticas. “O desafio que se coloca é o de transformar a lei em realidade” (CALABRE, 2019, p.17).

A diversidade cultural coloca em pauta a questão da democratização cultural, explica Calabre (2019). Um processo contínuo de democratização cultural precisa estar vinculado a uma perspectiva da cultura que privilegia a força social de interesse coletivo, independente das disposições do mercado. Em uma democracia, a cultura tem que ser vista como expressão de cidadania, ou seja, pautar entre os objetivos do governo a promoção das formas culturais de diferentes grupos sociais, atuando no atendimento das necessidades e desejos de cada um deles, buscando incentivar a participação popular no processo de criação cultural e apoiando o formato de autogestão das propostas culturais. A cidadania democrática e cultural favorece a superação de desigualdades para o reconhecimento das diferenças reais presentes entre os sujeitos em suas dimensões social e cultural. “Ao valorizar as múltiplas práticas e demandas culturais, o Estado está permitindo a expressão da diversidade cultural” (CALABRE, 2019, p.20), conforme indicam a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005) e o Plano Nacional de Cultura (Lei nº 12.343/2010).

### 3.1 CONVENÇÃO SOBRE A PROTEÇÃO E PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE DAS EXPRESSÕES CULTURAIS

A Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais é um documento político e jurídico internacional a favor do pluralismo e do diálogo intercultural, adotado durante a 33ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO<sup>20</sup>, realizada na cidade de Paris, em outubro de 2005, e ratificada pelo Brasil por meio do Decreto Legislativo 485/2006<sup>21</sup>.

Ciente de que a diversidade cultural<sup>22</sup> se fortalece a partir da livre difusão de ideias e valores, e reconhecendo a igual dignidade de todas as culturas, o respeito

---

<sup>20</sup> Única agência das Nações Unidas encarregada pela cultura. (Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, 2005, p.20).

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/2006/decretolegislativo-485-20-dezembro-2006-548645-convencao-63819-pl.html>>.

<sup>22</sup> "Diversidade cultural refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados". Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, 2005, p.4.

pelos direitos culturais, a elaboração de políticas culturais pela promoção da diversidade e a preservação do patrimônio cultural, a UNESCO instituiu a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais com o objetivo de fomentar a interculturalidade de forma a estimular a interação cultural e constituir uma conexão entre os povos. Importante destacar que o conceito de interculturalidade é normalmente associado à ideia de multicultural.

Nesse sentido, Néstor García Canclini (2005) explica que multicultural significa a justaposição de etnias ou grupos dentro de uma mesma cidade ou nação. “Sob concepções multiculturais, admite-se a diversidade de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação” (CANCLINI, 2005, p.17). Por outro lado, a interculturalidade refere-se à confrontação e ao entrelaçamento, ao que ocorre quando grupos entram em relações e trocas. “Ambos os termos implicam dois modos de produção do social: multiculturalidade supõe aceitação do heterogêneo; interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos” (CANCLINI, 2005, p.17).

Dessa forma, entende-se que trabalhar com a diversidade cultural é enfrentar o desafio de compreender as diferentes expressões culturais resultantes da criatividade de indivíduos, coletivos ou sociedades. Tais expressões culturais são transmitidas por atividades, bens e serviços com conotação simbólica e com valor artístico e cultural, independente do meio ou da tecnologia utilizada. De acordo com a Declaração Universal de Diversidade Cultural da UNESCO (2002), “as políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz”.

Martín-Barbero lembra ainda que:

A diversidade cultural nos faz pensar e intervir nas diversas formas de assimetria e de dominação que perduram e se renovam nas contemporâneas formas de neutralização, funcionalização e destruição do que por meio da “alteridade” tira o nosso chão e desestabiliza as nossas habituais políticas culturais (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.154).

Ao estabelecer como objetivo principal o fortalecimento dos cinco elos inseparáveis da mesma corrente (criação, produção, distribuição/disseminação, acesso e usufruto das expressões culturais), especialmente nos países em desenvolvimento, a Convenção reafirma os direitos soberanos dos Estados instituírem e manterem políticas e medidas que considerem pertinentes para a

proteção e a promoção da diversidade das expressões culturais nos seus territórios, enquanto garantem o fluxo livre de pensamentos e obras, afinal, cabem aos governos e suas instituições a tarefa de formalizar políticas públicas com diretrizes e critérios de implementação, acompanhamento, avaliação, monitoramento e fiscalização das ações, projetos e programas na área da cultura em diálogo com a sociedade civil. Lembrando que, embora a cultura tenha sido por muito tempo reconhecida pelo viés das belas artes e da literatura, atualmente abrange um campo muito mais extenso.

A cultura deve ser considerada como um conjunto distinto de elementos espirituais, materiais, intelectuais e emocionais de uma sociedade ou de um grupo social. Além da arte e da literatura, ela abarca também os estilos de vida, modos de convivência, sistemas de valores, tradições e crenças (Declaração Universal de Diversidade Cultural da UNESCO, 2002, p.2).

Como defende Canclini (2011), o que denominamos arte não é só aquilo que culmina em grandes obras, mas sim, um espaço onde a sociedade realiza sua produção visual.

A Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais apoia-se em princípios que apontam e garantem que nenhuma medida ou política adotada com a finalidade de proteger e promover a diversidade das expressões culturais violará os direitos humanos e as liberdades fundamentais, como a liberdade de expressão, informação e comunicação, assim como o direito dos indivíduos escolherem suas próprias expressões culturais.

O princípio da abertura e do equilíbrio sustentam que ao definirem medidas de apoio à diversidade das expressões culturais, os Estados devem promover a mesma abertura para as demais culturas existentes. Em relação às universidades, Boaventura (1999) chama de princípio da equivalência dos saberes às práticas sociais em que são originados.

A prática social que produz e se serve do saber científico é uma prática entre outras. A universidade deve participar na definição das virtualidades e dos limites desta prática no contexto doutras práticas sociais onde se geram outras formas de conhecimento: técnico, quotidiano, artístico, religioso, onírico, literário, etc., etc. (SANTOS, 1999, p.198).

Destacam-se também o princípio do desenvolvimento sustentável, o princípio da complementaridade entre os aspectos econômicos e culturais do desenvolvimento, e o princípio do acesso equitativo que apresenta dupla natureza: visa o acesso à cultura em meio à riqueza e a diversidade das expressões e também o alcance de todas as culturas aos meios apropriados de expressão e disseminação.

A Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais vem para complementar, e, ao mesmo tempo, se destacar das demais convenções<sup>23</sup> publicadas pela UNESCO na medida em que se concentra na diversidade das expressões culturais colocadas em circulação e compartilhadas por meio de atividades, bens e serviços culturais.

Em 2005, foi aprovada ainda, a Emenda Constitucional n.º 48<sup>24</sup>, que determinou a elaboração do Plano Nacional de Cultura, fundamental para a construção democrática do PNC. Assim, o artigo referente à seção da cultura, na Constituição Federal (1988) passa a ter uma nova redação:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

[...] § 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do país e à integração das ações do poder público que conduzem à: I - defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro; II - produção, promoção e difusão dos bens culturais; III - formação de pessoal classificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões; IV - democratização do acesso aos bens da cultura; V - valorização da diversidade étnica e regional.

Assim, o Plano Nacional de Cultura, conforme apresentado a seguir, vem para fortalecer a função do Estado na institucionalização das políticas culturais, buscando intensificar o planejamento de programas e ações direcionadas à área cultural, consolidando a execução de políticas públicas para a cultura.

### 3.2 PLANO NACIONAL DE CULTURA

Somente após cinco anos da Emenda Constitucional n.º 48, em dezembro de 2010, o Plano Nacional de Cultura (Lei n.º 12.343/2010) foi instituído, com a duração de 10 anos, a partir de uma iniciativa do Ministério da Cultura, gestão 2007-2010. Conforme expôs Ana de Hollanda (2010), ministra da cultura (2011-2012), o PNC resultou de um prolongado debate, escrito por pessoas de diferentes instâncias e espaços de experimentação e participação, interessadas em garantir o pleno

---

<sup>23</sup> Convenção Universal sobre Direitos Autorais (1952, revisada em 1971); Convenção para a Proteção de Bens Culturais em Caso de Conflito Armado (1954 – primeiro protocolo; 1999 – segundo protocolo); Convenção sobre as Medidas que Devem Ser Adotadas para Proibir e Impedir a Importação, Exportação e Transferência Ilícitas de Propriedade de Bens Culturais (1970); Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (1972); Convenção para a Proteção do Patrimônio Cultural Subaquático (2001); Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (2003); Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005).

<sup>24</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc48.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc48.htm)>.

exercício dos direitos culturais dos/as brasileiros/as em diferentes situações: econômicas, localizações, origens étnicas e faixas etárias.

O Plano Nacional de Cultura estabelece princípios norteadores, objetivos, diretrizes, estratégias, ações e metas que visam a atualização, desenvolvimento e preservação das artes e das expressões culturais.

Os princípios norteadores visam (Plano Nacional de Cultura, 2010, p. 158-159):

- I - liberdade de expressão, criação e fruição;
- II - diversidade cultural;
- III - respeito aos direitos humanos;
- IV - direito de todos à arte e à cultura;
- V - direito à informação, à comunicação e à crítica cultural;
- VI - direito à memória e às tradições;
- VII - responsabilidade socioambiental;
- VIII - valorização da cultura como vetor do desenvolvimento sustentável;
- IX - democratização das instâncias de formulação das políticas públicas;
- X - responsabilidade dos agentes públicos pela implementação das políticas culturais;
- XI - colaboração entre agentes públicos e privados para o desenvolvimento da economia da cultura;
- XII - participação e controle social na formulação e acompanhamento das políticas culturais.

São objetivos do Plano Nacional de Cultura (2010, p.159):

- I - reconhecer e valorizar a diversidade cultural, étnica, e regional brasileira;
- II - proteger e promover o patrimônio histórico e artístico, material e imaterial;
- III - valorizar e difundir as criações artísticas e os bens culturais;
- IV - promover o direito à memória por meio dos museus, arquivos e coleções;
- V - universalizar o acesso à arte e à cultura;
- VI - estimular a presença da arte e da cultura no ambiente educacional;
- VII - estimular o pensamento crítico e reflexivo em torno dos valores simbólicos;

VIII - estimular a sustentabilidade socioambiental;

IX - desenvolver a economia da cultura, o mercado interno, o consumo cultural e a exportação de bens, serviços e conteúdos culturais;

X - reconhecer os saberes, conhecimentos e expressões tradicionais e os direitos e seus detentores;

XI - qualificar a gestão na área da cultura nos setores público e privado;

XII - profissionalizar e especializar os agentes e gestores culturais;

XIII - descentralizar a implementação das políticas públicas de cultura;

XIV - consolidar processos de consulta e participação da sociedade na formulação das políticas culturais;

XV - ampliar a presença e o intercâmbio da cultura brasileira no mundo contemporâneo;

XVI - articular e integrar sistemas de gestão cultural.

E, em consonância com o viés ampliado da cultura<sup>25</sup>, compreendida como um fenômeno social e humano de múltiplos sentidos, o Plano se estruturou em três dimensões complementares (simbólica, cidadã e econômica), que por sua vez, desdobraram-se em 53 metas que se articulam com os temas da diversidade cultural; da criação e fruição; da circulação, da difusão e consumo; da educação, pesquisa e produção do conhecimento; de espaços culturais; do patrimônio, da gestão pública e articulação federativa; da participação social; de desenvolvimento sustentável da cultura; e de fomento e financiamento.

A dimensão simbólica refere-se ao aspecto da cultura que compreende a capacidade das pessoas criarem símbolos a partir das linguagens artísticas (música, literatura, dança, artes visuais, literatura, etc.), mas também, expressos por meio de outras práticas culturais marcadas por múltiplas identidades, como idiomas, costumes, culinária, modos de vestir, crenças, criações tecnológicas e arquitetônicas. Assim, garante-se o reconhecimento, a valorização e a proteção de diferentes perspectivas de criação simbólica como, por exemplo, os saberes e fazeres tradicionais. A dimensão simbólica defende ainda a possibilidade de

---

<sup>25</sup> “Na dimensão antropológica, a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas. Desta forma, cada indivíduo ergue à sua volta, e em função de determinações de tipo diverso, pequenos mundos de sentido que lhe permitem uma relativa estabilidade” (BOTELHO, 2001, p.74).

mestres/as compartilhem suas vivências no ambiente escolar e universitário, gerando uma nova experiência para a educação (CANCLINI, 2011).

A esfera da cultura é um domínio dos símbolos, explica Renato Ortiz (2008). “Não existe, portanto, sociedade sem cultura, da mesma maneira que linguagem e sociedade são interdependentes. Os universos simbólicos ‘nomeiam’ as coisas, relacionam as pessoas, constituem-se em visões de mundo” (ORTIZ, 2008, p. 123).

O aspecto da cultura relacionada à dimensão cidadã coloca em pauta a circulação e a melhor distribuição da produção cultural e artística pelas regiões e territórios do país. Visa garantir aos/às brasileiros/as maior participação no circuito cultural com acesso a livros, espetáculos de dança, teatro e circo, exposições de artes visuais, filmes nacionais, apresentações musicais, expressões da cultura popular, acervos de museu, entre outros. Por consequência, prevê uma melhora significativa na infraestrutura dos equipamentos e instituições culturais e gestores/as mais capacitados/as e qualificados/as por meio de cursos técnicos, de graduação e de pós-graduação na área da cultura, potencializando a relação com a educação. A dimensão cidadã entende a cultura como um direito básico do/a cidadão/ã.

A Constituição Federal incluiu a cultura como mais um dos direitos sociais, ao lado da educação, saúde, trabalho, moradia e lazer. Assim, os direitos culturais devem ser garantidos como políticas que ampliem o acesso aos meios de produção, difusão e fruição dos bens e serviços de cultura. Também devem ser ampliados os mecanismos de participação social, formação, relação da cultura com a educação e promoção da livre expressão e salvaguarda do patrimônio e da memória cultural (Plano Nacional de Cultura, 2010, p.17).

A dimensão econômica amplia a participação da cultura no desenvolvimento econômico socialmente justo e sustentável, promovendo assim, condições necessárias para a consolidação da economia criativa<sup>26</sup>. A cultura assume um papel ativo na dinâmica da inovação social, econômica e tecnológica a partir de modelos distintos de produção e circulação de bens, serviços e conteúdos identificados e estimulados como potenciais geradores de riqueza, trabalho, lucro, renda e oportunidades em projetos e empreendimentos relacionados às expressões culturais.

---

<sup>26</sup> “A economia criativa é, portanto, a economia do intangível, do simbólico. Ela se alimenta dos talentos criativos, que se organizam individual ou coletivamente para produzir bens e serviços criativos. Por se caracterizar pela abundância e não pela escassez, a nova economia possui dinâmica própria e, por isso, desconcerta os modelos econômicos tradicionais, pois seus novos modelos de negócio ainda se encontram em construção, carecendo de marcos legais e de bases conceituais consentâneas com os novos tempos” (Plano da Secretaria da Economia Criativa, 2012,p.24).

Para Albino Rubim (2019), a aprovação do Plano Nacional de Cultura em 2010 foi instrumento motivador para as interações entre cultura e educação no país, porque além das várias metas direcionadas para a área de formação em cultura, registradas no plano, a própria existência do PNC e sua previsão federativa de desenvolvimento futuro de planos setoriais, estaduais, distrital e municipais de cultura, tornou um fator inspirador para que as instituições universitárias começassem a perceber a necessidade de construção de planos de cultura em contextos universitários.

### 3.3 PROGRAMA MAIS CULTURA NAS UNIVERSIDADES

Em 2014, o Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação e Formação Artístico-Cultural (SEFAC), e o então Ministério da Cultura (MinC)<sup>27</sup>, por meio das Secretarias de Ensino Superior (SESU) e de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) uniram-se para dar continuidade ao Programa Mais Cultura nas Universidades, uma iniciativa no campo da política cultural criado para apoiar e estimular a valorização e divulgação das expressões artísticas entre a comunidade acadêmica.

Uma das primeiras resoluções do Programa Mais Cultura nas Universidades foi o Edital n.º 30, de 07 de outubro de 2014, publicado no Diário Oficial da União em 03 de outubro de 2014<sup>28</sup>. O instrumento previa ampliar o papel das universidades federais e institutos federais na difusão, valorização, preservação e construção da cultura brasileira, assim como a efetivação de políticas culturais no âmbito acadêmico. Além disso, o Programa tinha como propósito possibilitar a melhoria dos equipamentos culturais das universidades e proporcionar ações como, por exemplo, a revitalização do espaço acadêmico e a ampliação de atividades culturais na produção universitária.

---

<sup>27</sup> No dia primeiro de janeiro de 2019, a partir da reforma administrativa do Governo Jair Bolsonaro, o Ministério da Cultura foi oficialmente extinto pela medida provisória n.º 870, publicada em edição especial do Diário Oficial da União, tornando-se então, Secretaria Especial da Cultura, inicialmente vinculada ao Ministério da Cidadania e a partir de novembro de 2019, ao Ministério do Turismo. Em 2023, a medida provisória n.º 1154 estabelece a organização básica dos órgãos da Presidência da República e dos Ministérios na gestão de Luiz Inácio Lula da Silva, com a recriação do Ministério da Cultura.

<sup>28</sup> Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=16804-edital-mais-cultura-30122014-pdf&category\\_slug=janeiro-2015-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16804-edital-mais-cultura-30122014-pdf&category_slug=janeiro-2015-pdf&Itemid=30192)>.

Rubim (2019) entende que o programa Mais Cultura nas Universidades foi uma proposta importante, mas ainda tímida ao considerar o distanciamento existente entre as necessidades de cooperação e a conexão entre cultura e educação.

A Chamada Pública consistia em um processo seletivo direcionado às instituições federais de ensino superior que deveriam apresentar Planos de Cultura<sup>29</sup> que articulassem e promovessem a interface entre educação, arte e cultura, definindo objetivos, ações e metas a serem realizados ao longo de doze a vinte e quatro meses, respeitando sua relação com as manifestações, expressões, produções artísticas e culturais do seu território. A ação teria como finalidade desenvolver e potencializar o campo das artes e da cultura, promovendo a cultura de planejamento, além de apoiar programas, projetos e ações que articulassem a formação, inovação e difusão em arte e cultura. Cada instituição poderia solicitar valores entre R\$500.000,00 (quinhentos mil reais) e R\$1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil reais).

É um edital que reconhece as instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica que entraram em condições de igualdade com as instituições federais de ensino superior. É um desafio para as redes mobilizar toda a comunidade interna para discutir cultura e arte. É uma excelente provocação (PAULON, 2015)<sup>30</sup>.

Para garantir a apresentação de projetos mais potentes e de maior alcance de atuação, as instituições públicas federais de ensino superior deveriam apresentar projetos cujas ações mantivessem um vínculo com as regiões onde fossem realizadas. Dessa forma, a Chamada Pública possibilitava às universidades e aos institutos federais firmarem parceria entre si e com instituições, empresas ou pessoas físicas, como centros de ensino, universidades estaduais e municipais, gestores/as e produtores/as culturais, Pontos de Cultura, comunidades locais e tradicionais e movimentos sociais, entre outros.

Cada Plano de Cultura precisou contemplar e relacionar um ou mais dos seguintes eixos temáticos: educação básica; arte, comunicação, cultura das mídias e audiovisual; arte e cultura digitais; diversidade artístico-cultural; produção e difusão

<sup>29</sup> “Entende-se como Plano de Cultura a articulação entre os programas, projetos e ações culturais que valorizem, reconheçam, promovam e preservem a diversidade cultural nas Instituições Federais de Ensino Superior (Programa Mais Cultura nas Universidades. Manual de Orientação aos Avaliadores, 2015).

<sup>30</sup> Ministério da Educação disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/mais-cultura-nas-universidades#:~:text=O%20programa%20Mais%20Cultura%20nas%20Universidades%20%C3%A9%20uma%20parceria%20entre,como%20centros%20irradiadores%20de%20produ%C3%A7%C3%A3o>>.

das artes e linguagens; economia criativa, empreendedorismo artístico e inovação cultural; arte e cultura: formação, pesquisa, extensão e inovação; memória, museus e patrimônio artístico-cultural. E entre as atividades planejadas que poderiam ser apoiadas pelo Mais Cultura nas Universidades estavam: as atividades culturais em escolas públicas, a criação e o fomento de rádios e tevês universitárias, a produção de festivais culturais universitários, a criação de grupos de pesquisa e de novos cursos de pós-graduação em temas ligados à cultura, a criação de museus para preservação da história das universidades, a reestruturação e compra de equipamentos para espaços de ensino e pesquisa já existentes, entre outros.

“É uma vitória para nós, do Ministério da Cultura, que a educação, cada vez mais, venha absorvendo a ideia de que a cultura e a educação têm que andar juntas”, relatou Juana Nunes (2015), titular da Secretaria de Educação e Formação Artístico-Cultural (SEFAC).

O projeto das universidades perpassa a construção de um projeto cultural que leva em conta a extensão na área da cultura, pesquisa e o fortalecimento dos cursos de arte das instituições, para pensá-las, inclusive, como espaços culturais abertos a toda a comunidade (NUNES, 2015).<sup>31</sup>

Rubim (2019) entende que a universidade não reconhece o seu papel cultural em um nível institucional adequado e, conseqüentemente, acaba por não se projetar e desenvolver em sua totalidade como instituição cultural que verdadeiramente é. Na área da ciência e da pesquisa, a universidade conta com políticas, estruturas e recursos alocados especificamente, o que não ocorre no campo da cultura. As universidades não têm reconhecimento na área cultural da mesma forma que ela se reconhece e é reconhecida como uma instituição de formação profissional, instituição científica. A própria universidade não se reconhece como instituição cultural. “Sequer a instituição universitária possui um conhecimento mais sistemático das atividades que realiza na sua atuação cultural” (RUBIM, 2019, p.279).

Nessa primeira edição, o Programa Mais Cultura nas Universidades recebeu adesão de todas as Universidades Federais e de trinta e oito, dos quarenta Institutos Federais do país, comprovando a real necessidade de favorecer o desenvolvimento de ações e projetos de cultura nas Instituições de Ensino Superior. Ao todo, foram

---

<sup>31</sup> Ministério da Educação disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/mais-cultura-nas-universidades#:~:text=O%20programa%20Mais%20Cultura%20nas%20Universidades%20%C3%A9%20uma%20parceria%20entre,como%20centros%20irradiadores%20de%20produ%C3%A7%C3%A3o>>.

classificadas noventa e oito instituições, e as dezoito melhores classificadas foram contempladas pelo Programa.

Rubim (2019) concorda que o programa Mais Cultura nas Universidades reafirmou o papel cultural das instituições universitárias federais, mas alerta ao fato de que ao privilegiar essencialmente projetos de atividades e colocar como exigência anexa a elaboração de um plano universitário de cultura, mesmo que sem intenção, “tornou esta obrigatoriedade mera formalidade, muitas vezes, cumprida de modo burocrático e não democrático-participativo, como requer um verdadeiro plano de cultura universitário” (RUBIM, 2019, p.285).

Fomentar a economia criativa no Rio Grande do Norte, fortalecer e ampliar os programas culturais e os grupos artísticos já existentes. Esses foram alguns dos objetivos do Plano de Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), classificado, com nota 100, em primeiro lugar. Na época, a diretora do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, Teodora Alves<sup>32</sup>, atribuiu a classificação ao fato do Plano estar alinhado com as políticas nacionais e com o histórico da universidade na área cultural.

Trabalhamos muito para que o plano fosse bem estruturado, consistente e alinhado com os planos nacionais de educação, de cultura, com ações que já são desenvolvidas. Trabalhamos os saberes no âmbito da universidade, possibilitando o acesso da comunidade e os saberes da comunidade para a universidade (ALVES, 2015)<sup>33</sup>.

De acordo com a matéria publicada no portal da Universidade<sup>34</sup>, a Federal do Paraná garantiu a quinta colocação na classificação geral, com nota 99,6, e o primeiro lugar entre as instituições federais da região sul. O projeto contemplado foi resultado de um trabalho coletivo e colaborativo, estruturado a partir de ações que já eram realizadas pela instituição em diálogo com as comunidades do litoral do Paraná, conferindo aos Departamentos da Universidade e aos/às estudantes a formação de grupos para construir uma metodologia de trabalho, avaliar e aprimorar as atividades.

---

<sup>32</sup> Professora titular, diretora artística, pesquisadora e gestora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

<sup>33</sup> Ministério da Educação disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/mais-cultura-nas-universidades#:~:text=O%20programa%20Mais%20Cultura%20nas%20Universidades%20%C3%A9%20uma%20parceria%20entre,como%20centros%20irradiadores%20de%20produ%C3%A7%C3%A3o>>.

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://ufpr.br/com-nota-996-ufpr-se-classifica-para-receber-recursos-do-programa-mais-cultura-nas-universidades/>>.

O projeto da UFPR abordou três eixos principais: formação de professores e material didático, memória e intercâmbio. No primeiro, foram desenvolvidas atividades formativas junto às escolas municipais de comunidades litorâneas tradicionais da região do Paraná, como caiçaras, quilombolas, farinheiras, indígenas e pescadores. No segundo eixo foi abordada a memória dessas comunidades para entender qual a relação simbólica que elas tinham com o território e o que era produzido culturalmente no local. Por fim, foi proposto um intercâmbio entre comunidades que tivessem características semelhantes para que houvesse troca de saberes e experiências. Todas as ações dialogavam com a proposta do Plano de Cultura, uma das exigências do Edital n.º 30, que na UFPR foi denominado Plano Institucional de Cultura da UFPR (PIC/UFPR)<sup>35</sup>.

A abertura da instituição para o reconhecimento de saberes oriundos de fora da universidade torna-se desafio para sua melhor conexão com a sociedade e as múltiplas modalidades de conhecimentos existentes no presente. Indispensável ser consciente que a escola e a universidade já não detêm o monopólio do saber no mundo atual (RUBIM, 2019, p. 278).

Rubim (2019) explica que o reconhecimento surge como requisito para garantir uma universidade sintonizada com o seu entorno, próximo e/ou distante. A universidade precisa abrir as portas para reconhecer e localizar saberes ancestrais, artísticos e populares. “Diálogo intercultural, promoção e preservação da diversidade cultural aparecem como valores da instituição atendida com o século XXI” (RUBIM, 2019, p.278).

### 3.4 PLANO INSTITUCIONAL DE CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Embora o Plano Institucional de Cultura só tenha sido aprovado pelo Conselho Universitário da UFPR em 2020, desde 2009, a Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura já promovia alguns movimentos para a formulação de uma política cultural mais articulada na Universidade. Isso não significava a ausência de políticas institucionais, elas existiam, mas ainda de forma muito fragmentada. Em 2010, após diversos debates e reuniões, foram criadas diretrizes a partir de um diagnóstico primário da cultura na UFPR. Depois do

---

<sup>35</sup> Plano Institucional de Cultura da UFPR disponível em:  
<[http://www.proec.ufpr.br/pic/links/pic\\_20\\_30.html](http://www.proec.ufpr.br/pic/links/pic_20_30.html)>.

arquivamento do primeiro documento do PIC encaminhado à Procuradoria Jurídica da UFPR, em 2013, o processo é retomado em 2015 com o estabelecimento dos documentos orientadores e da metodologia de execução do PIC.

De 2016 a 2020 várias ações foram realizadas com o intuito de assegurar o comprometimento da comunidade acadêmica com a cultura, a educação e os direitos humanos mediante o constante diálogo entre a comunidade interna e externa da UFPR. Entre esses procedimentos destacaram-se: mapear e mobilizar atores sociais e articular parceiros para a participação na elaboração do PIC/UFPR; conhecer o cenário cultural a partir do levantamento e análise de dados sobre a institucionalização da cultura na UFPR; definir estratégias, metas e ações, além dos prazos de execução e mecanismos de financiamento para a cultura na UFPR; definir indicadores de monitoramento e procedimentos de avaliação da execução do PIC/UFPR e conhecer o cenário cultural, a partir de levantamento e análise de dados sobre a institucionalização da cultura na UFPR.

Em relação ao mapeamento, Rubim (2019) esclarece que esse é um instrumento básico para uma organização dialógica, democrática e participativa das políticas culturais universitárias, configuradas em planos de cultura. “Tão importante quanto a capacidade de realizar um rigoroso mapeamento, o processo de discussão, plural e sincero, deve ser capaz de definir e construir politicamente prioridades” (RUBIM, 2019, p.287). Por consequência, as relações interdependentes entre mapeamento cultural, políticas culturais e planos de cultura tornam-se potentes para a conexão entre universidade e cultura.

O plano cultural abordou então, de modo articulado e colaborativo, a atuação cultural destinada ao ambiente universitário e aquela voltada para segmentos da sociedade que interagem com a instituição. A comunidade universitária reúne professores/as, funcionários/as técnico-administrativos/as, estudantes e, em sentido mais amplo: ex-alunos/as, ex-professores/as e ex-funcionários/as, bem como familiares de toda esta ampla comunidade, pois a cultura permeia todo o tecido universitário.

Dessa forma, ressalta Rubim (2019), a universidade, no contexto da cultura, atua em diferentes segmentos: criação, transmissão, difusão, distribuição, veiculação, preservação, consumo, pesquisa, crítica, curadoria, organização e legitimação. Isso significa que todo o processo dinâmico da cultura pode ser mobilizado pela universidade, dada a complexidade, a amplitude e a potência de

atuação neste ciclo. Além disso, o público das suas atividades abrange tanto a comunidade interna, composta por estudantes, servidores/as técnicos/as, docentes e funcionários/as terceirizados/as, como a comunidade em que a universidade está inserida. O público pode estar ainda à distância, conectado pelas redes, incluindo as culturais, que proliferam na universidade.

Entretanto, sem uma atuação mais articulada, e realizada de forma dispersa, o potencial da intervenção cultural na universidade se torna insignificante diante da sua capacidade latente, que acaba por inibir a colaboração acadêmica universitária, gerando atividades de pequeno impacto, produzindo redundâncias, ampliando custos e limitando seus desdobramentos. Ou seja, coloca a atividade cultural da universidade em um patamar muito aquém das suas possibilidades (RUBIM, 2019).

É neste contexto, que se propõe o desenvolvimento de políticas culturais e planos de cultura nas universidades, presumindo a definição e a constituição de instâncias, normas, infraestruturas, orçamentos e equipe capacitada para pensar, planejar e coordenar as atividades culturais em sintonia com as políticas delineadas.

A elaboração da política, destaca Rubim (2019), para ser democrática e representativa, “supõe a concretização de um amplo e participativo diagnóstico cultural de toda universidade, que contemple sua diversidade de atividades de formação, estudos e atuação culturais” (RUBIM, 2019, p.287).

Assim, o Plano Institucional de Cultura da UFPR, por meio da Resolução 19/2020 COUN/UFPR<sup>36</sup>, é o documento que torna pública a política institucional para a Cultura na Universidade, que promove a igualdade através da cultura, da cidadania cultural, da valorização das culturas e suas expressões, de forma a fortalecer e dar condições para a consolidação da cidadania plena e os direitos culturais na universidade pública<sup>37</sup>.

A ideia central do PIC/UFPR é entender os diferentes modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição artística, resultantes da diversidade cultural e da multiplicidade das expressões artísticas, dessa forma, o documento foi estruturado em cinco eixos: gestão da cultura, espaços culturais e de lazer; diversidade e acesso à cultura; formação, pesquisa e extensão e fomento, difusão, democratização, acesso e inovação das ações artístico-culturais estudantis.

---

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://www.soc.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2021/01/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-19-2020-COUN.pdf>>.

<sup>37</sup> O Plano Institucional de Cultura da UFPR adota o conceito ampliado de cultura, alinhado ao conceito proposto pelo Plano Nacional de Cultura (2010).

O primeiro eixo, gestão cultural, trata das diretrizes que compreendem os seguintes temas: estrutura de gestão da cultura na UFPR; recursos financeiros e humanos para as ações de cultura; registro e difusão das ações de cultura; preservação da memória da cultura na UFPR; espaços de diálogo e parceria com a comunidade externa; diálogos com as políticas de cultura nacional, estadual e municipal. Entre os seus objetivos está a promoção, a preservação, acesso e difusão do patrimônio cultural, artístico, histórico e científico, presente em museus, coleções universitárias e arquivos da UFPR (PLANO INSTITUCIONAL DE CULTURA DA UFPR 2020-2030, p.6).

Com o passar do tempo, a universidade assume diversos formatos organizacionais, explica Eugenia Barichello (2001). E a concretização desses formatos ou modelos é resultado do seu relacionamento comunicacional com as diferentes sociedades e consigo mesma.

Argumentamos que o núcleo abstrato da universidade se concretiza através dos diferentes espaços que ocupa e das pressões existentes em cada época. Dessa forma, se um dia a universidade parece ter se voltado a formar uma cultura nacional, hoje ela estaria mais voltada à pluralidade das diferentes experiências e ambientes de concretização, mas a sua importância como um lugar de construir um saber superior, através da partilha de idéias, permanece. E partilhar significa conviver e participar de uma comunidade [...] (BARICHELO, 2001, p. 64).

Conforme coloca Irene Scaletzky (2010), é importante projetar o ambiente acadêmico como uma nova perspectiva de ação, privilegiando o diálogo contínuo entre os diversos atores, incluindo a diferença e assumindo as assimetrias desta diversidade. Martín-Barbero (2010) reforça este pensamento quando defende que a escola pública, a partir do momento que começa a convergir com as tecnologias digitais, reconfigura profundamente as formas de produção e circulação do conhecimento.

O eixo espaços culturais e de lazer é formado por diretrizes que envolvem os seguintes temas: espaços institucionais formais de cultura e de lazer (Teatro Experimental da UFPR - TEUNI, Teatro da Reitoria, Museu de Arte da UFPR - MusA, Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR - MAE, quadras, bibliotecas, Capela da Reitoria, espaços de convivência) e também, espaços não formais como Museu dos Instrumentos Musicais - MIMU, pátios, corredores, gramados e outros; ocupação desses espaços nos campi; fortalecimento de espaços nos Setores, preservação de patrimônio material da UFPR; criação de novos espaços culturais e de lazer/ou espaços de convivência, entre outros temas. Um dos seus objetivos é promover a

criação, expansão e organização de espaços virtuais - a partir do próprio portal da UFPR - de interação acadêmica e troca entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa (PLANO INSTITUCIONAL DE CULTURA DA UFPR 2020-2030, p.10).

O terceiro eixo, diversidade e acesso à cultura, foi estruturado pelas premissas estratégicas de consolidar a interdisciplinaridade, intergeracionalidade, interinstitucionalidade e a participação de coletivos e de movimentos socioculturais. Destaca entre seus objetivos fomentar o diálogo, a inclusão e a integração sociocultural entre os setores e os *campi* com as políticas afirmativas e de diversidade (povos indígenas e tradicionais, quilombolas, pessoas com deficiência, LGBTQIA+, migrantes, etc.) (PLANO INSTITUCIONAL DE CULTURA DA UFPR 2020-2030, p.14).

O eixo formação, pesquisa e extensão é composto por diretrizes que envolvem os seguintes temas: questões ligadas ao ensino (cursos, disciplinas, creditação, atividades complementares); cursos de formação para a comunidade externa; pesquisas e grupos; ações intersetoriais; ações de extensão (programas/projetos/cursos/eventos/prestação de serviços), entre outros. Tem como um dos seus objetivos promover a cultura e a arte em toda a UFPR, fomentando o ensino, a pesquisa e a extensão nas áreas da arte e da cultura e em suas relações interdisciplinares com outros campos de conhecimento (PLANO INSTITUCIONAL DE CULTURA DA UFPR 2020-2030, p.17).

O quinto, e último eixo, fomento, difusão, democratização, acesso e inovação das ações artístico-culturais estudantis, prevê diretrizes para o fortalecimento das políticas públicas de cultura para os/as estudantes da UFPR, enquanto movimentos socioculturais sedimentados por linguagens e símbolos que se reconhecem nos seus espaços de vivência e experimentações, diálogo, troca e as expressões (*habitus*) de indivíduos em comunidades/grupos, para desta forma promover a valorização identitária das várias culturas étnicas que compõem o universo acadêmico da instituição. O eixo tem como um dos objetivos reconhecer a cultura enquanto fonte de relacionamento social dos estudantes, em razão das suas dimensões simbólicas para a valorização e promoção da diversidade cultural, para a criação artística e suas manifestações e as expressões culturais, individuais ou coletivas, de todos os grupos étnicos e suas derivações sociais (PLANO INSTITUCIONAL DE CULTURA DA UFPR 2020-2030, p.20).

Rubim (2019) lembra ainda que o plano cultural da universidade deve envolver também, em parceria com a unidade responsável pela comunicação, a divulgação das ações da cultura no âmbito interno e externo da instituição. A comunicação precisa ser considerada um fator essencial que marca o resultado final dos projetos culturais.

As atividades previstas no plano de cultura, segundo Rubim (2019), não podem se reduzir a eventos, bens ou serviços, por mais relevantes que sejam, mas sim envolver um repertório complexo de possibilidades de atuação, inclusive de forma mais permanente e processual, como cursos, estudos, pesquisas, seminários, palestras, críticas, publicações, entre outros.

A qualificação de agentes culturais, nas suas mais diversas categorias (artistas, gestores/as, produtores/as, curadores/as, etc.), e a formação de públicos culturais, vinculados à comunidade universitária ou provenientes de instituições parceiras é mais um aspecto essencial nesse processo, pois conforme coloca Rubim (2019), a universidade é um espaço decisivo na constituição de públicos e plateias críticas para o campo cultural. “As atividades inscritas no plano têm caráter permanente ou eventual. Todas elas necessitam estar registradas e divulgadas em uma agenda que exprima o calendário cultural da universidade” (RUBIM, 2019, p.289).

Calabre (2019) também defende a formação dos/as gestores na área de cultura, especialmente na dimensão pública. “Esse é um campo profissional novo, que demanda conhecimentos múltiplos, interdisciplinares, algumas vezes ultraespecíficos, outras, muito diversificados” (CALABRE, 2019, p.21). A autora ressalta ainda que a oferta de cursos e centros de formação profissional para gestores/as culturais cresceu bastante, mas mesmo assim é insuficiente. Além disso, está concentrada nas capitais, principalmente do Sudeste do país. Para Calabre (2019), a qualificação dos/as trabalhadores/as da área da gestão cultural é essencial para a concretização das próprias políticas setoriais, pois necessitam de ferramentas de planejamento e avaliação para atingir maior grau de eficácia e de permanência.

### 3.5 TOM CADERNO DE ENSAIOS DA UFPR NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A CULTURA A PARTIR DA ÓTICA DOS/AS ENTREVISTADOS/AS NESTA PESQUISA

Os temas do Caderno foram o eixo articulador com a diversidade das expressões culturais. Embora limitado a dez edições, em cinco anos, foram contemplados os festivais de cultura; o litoral paranaense com suas nuances culturais, ambientais, políticas e econômicas; as múltiplas identidades e experiências do *queer*; a diáspora cultural africana; os aspectos culturais da migração; a música de concerto e sua contemporaneidade no Brasil; museus, coleções e museologia; imagens de resistência e subversão; e o corpo, tanto como ação dançante e performativa, como também, na perspectiva do corpo híbrido que rompe fronteiras. Assim, a publicação atendeu às premissas da Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais e do Plano Nacional de Cultura, especialmente quando o documento se refere à liberdade de expressão, criação e fruição.

Compreendendo também que a universidade é um espaço social de discussão pública dos temas que estão em pauta na agenda da sociedade, a definição dos conteúdos foi motivada pelo contexto político e social vivenciado naquele período no Brasil, reflexo de uma sucessão de acontecimentos desde 2016. A começar pelo *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores)<sup>38</sup>, antecedido de uma série de protestos nas ruas de todo país. Ainda, nesse ano, o governo de Michel Temer (Movimento Democrático Brasileiro - MDB) teve entre suas principais bandeiras a Proposta de Emenda Constitucional (PEC 55)<sup>39</sup> que previa o congelamento dos gastos do governo federal com saúde, educação, infraestrutura e programas sociais por 20 anos, o que culminou em uma série de manifestações e ocupação das universidades e das escolas secundaristas contra o desmonte político da educação pública<sup>40</sup>.

<sup>38</sup> Fonte: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/impeachment-dilma-rousseff.htm>>.

<sup>39</sup> A Proposta de Emenda Constitucional, que tramitou na Câmara dos Deputados como PEC 241 e, no Senado Federal como PEC 55 teve por objetivo criar um teto de gasto para evitar que a despesa crescesse mais que a inflação. A base do governo defendia que a medida era fundamental para o reequilíbrio das contas da União. Já a oposição, alegava que tal medida impediria os investimentos públicos, agravaria a recessão e afetaria principalmente os mais pobres, ao reduzir os recursos para áreas como educação e saúde. Fonte: Agência Senado.

<<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127337>>.

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/13/pec-que-restringe-gastos-publicos-e-aprovada-e-vai-a-promulgacao>>.

<sup>40</sup> Fonte: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658\\_698523.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658_698523.html)>.

Em 2017, a filósofa pós-estruturalista estadunidense Judith Butler foi agredida verbalmente enquanto embarcava para o Rio de Janeiro após participar de um seminário na Universidade de São Paulo. Na ocasião, grupos protestaram contra e a favor da realização da palestra<sup>41</sup>. Em março de 2018, o carro em que estava a vereadora carioca e negra Marielle Franco foi atacado na região central do Rio de Janeiro. Ela e o motorista Anderson Gomes foram mortos a tiros<sup>42</sup>.

Ainda, em 2018, houve o incêndio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro<sup>43</sup>. Artefatos culturais, fósseis e outros itens históricos insubstituíveis e fundamentais para a herança científica e cultural do Brasil que compunham o acervo ficaram reduzidos a cinzas. No início de 2019, os povos indígenas realizaram protestos e bloqueios pela garantia territorial<sup>44</sup>. Nesse mesmo período, entraram em pauta a violação dos direitos quilombolas e LGBTQI+<sup>45</sup>.

Foi justamente por tratar das questões raciais que o tema da sexta edição do TOM (n.6, v.2, 2017), cultura afro-brasileira, chamou a atenção da Arantxa Louise Torquato de Siqueira. Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná, Arantxa chegou ao projeto com o incentivo do seu professor de graduação e por meio de um edital que dava preferência à participação de estudantes pretos/as e pardos/as. Uma universidade pública, como é o caso da Federal do Paraná, precisava ter mais iniciativas como esta, argumentou. Pensar em ações e abrir espaços para maior representatividade dessas minorias. Arantxa relatou que no seu período de faculdade só conviveu com duas pessoas pretas que ingressaram no mesmo ano da sua aprovação no vestibular. “Em Curitiba não se vê pessoas pretas”, refletiu. A universidade tem que oferecer projetos, oficinas, palestras que tragam visibilidade, identidade e pertencimento. E não só em termos de raça, mas envolver as minorias de modo geral, conforme dispõe um dos objetivos do Plano Nacional de Cultura: reconhecer e valorizar a diversidade cultural, étnica, e regional brasileira. Como seria impactante se houvesse, por exemplo, uma conversa com alguém dessas minorias que

---

<sup>41</sup> Fonte: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/13/judith-butler-responde-aos-ataques-de-odio-sofridos-no-brasil>>.

<sup>42</sup> Fonte: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376\\_531337.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376_531337.html)>.

<sup>43</sup> Fonte: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/museu-nacional-do-rio-de-janeiro/2018/09/incendio-em-museu-destroi-parte-fundamental-da-historia-do-brasil>>.

<sup>44</sup> Fonte: <<https://projetocolabora.com.br/florestas/janeiro-vermelho-e-sangue-indigena/>>.

<sup>45</sup> Fonte: <<https://www.ecodebate.com.br/2020/03/02/relatorio-aponta-que-2019-foi-ano-de-retrocessos-para-os-direitos-humanos-no-brasil/>>.

ocupasse um cargo maior, chamando para essas oportunidades, completou a jornalista.

Ainda, sobre a importância das políticas públicas, Arantxa destacou que o valor da bolsa extensão foi imprescindível para a continuidade dos seus estudos. Além do aspecto econômico, reforçou o quanto foi valiosa a oportunidade de trabalhar, interagir e se desenvolver dentro da própria Universidade. Sem falar que, trazer a cultura para a vida das pessoas é muito gratificante. Arantxa acredita que há um enriquecimento, uma nova compreensão do mundo ao aproximarmos a cultura das pessoas.

A cultura é um eixo muito mobilizador, argumentou o/a Entrevistado/a 9<sup>46</sup>. Corresponde ao valor simbólico da nação, é parte da nossa educação cidadã e também é um espaço muito importante para a constituição de uma política pública necessária para ampliar a percepção de mundo, refletir sobre a construção das narrativas e ponderar com um olhar crítico sobre nós mesmos. Em outras palavras, estimular o pensamento crítico e reflexivo em torno dos valores simbólicos, de acordo com o sétimo objetivo descrito no Plano Nacional de Cultura.

Durante a entrevista, lembrou que o perfil dos/as estudantes que chegam à universidade pública está mudando em função das políticas afirmativas na educação, como é o caso da Lei das Cotas (Lei n.º 12.711/2012)<sup>47</sup>. Conseqüentemente, explicou, há uma mudança no perfil dos grupos que estão produzindo e difundindo a cultura brasileira dentro das instituições federais de ensino superior.

Para o/a Entrevistado/a 9 o TOM é uma produção cultural transversal dentro da UFPR porque alcança a comunidade interna como um todo. Mas acredita que ainda há limitações para que a sociedade consuma esse tipo de publicação que ocupa o lugar da ciência. A população consome o que vem da universidade quando é um remédio, uma consulta médica, ou atendimento psicológico, fora isso o contato com a sociedade ainda é muito distante, relatou.

Por meio do TOM, o/a Entrevistado/a 9 entende que a Universidade cumpriu o propósito de preservar a memória, resguardar a cultura e compartilhar o conhecimento produzido por diferentes agentes culturais, por exemplo, quando

---

<sup>46</sup> Devido à solicitação do/a interlocutor/a, seu nome não é divulgado e por isso identificado/a nesta pesquisa como Entrevistado/a 9.

<sup>47</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)>.

questionou o que as pessoas negras estavam produzindo. Porque a população negra existe e produz cultura assim como outros grupos que fazem parte da cidade. Se houvesse novas edições do Caderno, o mesmo deveria ser feito com a cultura cigana, com a comunidade indígena, porque o TOM é um canal para reverberar diferentes vozes, materializar essa memória, complementou.

Cristiane dos Santos Souza, curadora da terceira edição do TOM e professora dos cursos de Tecnologia em Produção Cênica e Bacharelado em Produção Cultural, ambos da Universidade Federal do Paraná, defende que a universidade pública é muito potente. Só de existir, já é absolutamente necessária. “É um espaço democrático que promove o acesso ao conhecimento para pessoas como eu”, explicou Cristiane, “minha formação é toda em escola pública”. Para a professora, as pautas culturais discutidas na universidade ampliam o repertório dos/as estudantes, muda o destino e altera a vida das pessoas. São muitos os relatos de alunos/as que tiveram uma outra trajetória por terem tido a chance de entrar na universidade. Por isso é tão significativo continuar com as políticas de acesso. A arte e a cultura são revolucionárias, uma revolução pacífica, concluiu.

Sobre o Plano Institucional de Cultura da Universidade Federal do Paraná, Cristiane argumenta que a partir desse documento foi possível legitimar as ações de cultura realizadas na UFPR. E conseqüentemente reivindicar por verbas, direitos e representatividade.

Amanda Melo Silva que terminou o curso de Tecnologia em Produção Cênica em 2018 e participou de quatro edições do TOM compartilha do sentimento de Cristiane: “eu fui uma grande privilegiada”, tive a possibilidade de me formar em uma universidade pública, com auxílios e bolsas pagas pelo governo federal, declarou. Amanda considera a universidade primordial para a formação, mas alega ser também um espaço importante para o debate das questões políticas e culturais, ou seja, é um lugar que defende o direito à informação, à comunicação e à crítica cultural conforme dispõe um dos princípios do Plano Nacional de Cultura.

Em relação ao TOM, Amanda concorda que a publicação contribuiu para a política cultural da UFPR à medida em que trouxe para a centralidade discussões temáticas importantes, como foi o Caderno dedicado à cultura afro-brasileira. Os próprios eventos de lançamento dos Cadernos, lembrou ela, eram espaços de diálogo, abertos à comunidade.

Professor dos cursos Tecnologia em Design Gráfico e Bacharelado de Design da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Kando Fukushima foi um dos responsáveis pela curadoria do TOM#10 (n.10, v.2, 2019). Durante a entrevista, defendeu que é fundamental para a universidade, enquanto um lugar de formação, promover as discussões sobre a cultura, bem como sua relação com a sociedade, o que vem diretamente ao encontro de outro objetivo do Plano Nacional de Cultura: estimular a presença da arte e da cultura no ambiente educacional. A universidade precisa oferecer caminhos possíveis para discutir esses temas com a sociedade, “a extensão tem um pouco disso em seus princípios”, reforçou o professor. É ter cursos de arte, museu, teatro, música, mas também outras produções culturais, como, por exemplo, a discussão feita no TOM#10, da relação da cultura com os movimentos sociais. Porque eles estão discutindo temas que nos interessam, e “eu acho que podemos contribuir, seja problematizando ou evidenciando o trabalho realizado por esses coletivos como produção cultural, mas também como uma reflexão sobre a sociedade que nos interessa dentro da universidade”, esclareceu Kando. Essa é uma formação que tem a ver com a ideia de cidadania, com uma sociedade que respeita as adversidades e os valores culturais.

No caso específico do Caderno, o professor considera que o TOM abriu espaço para tornar pública outras modalidades de produção acadêmica relacionados à cultura, para além da pesquisa de pós-graduação ou trabalhos de conclusão de curso (TCC), mas ainda assim, produzidas dentro da Universidade. “Eu mesmo tive o privilégio de escrever um texto ensaístico que provavelmente não caberia em uma revista acadêmica mais tradicional”, contou Kando.

Eduardo Zmievski, graduado em Design Gráfico pela Universidade Federal do Paraná, participou da criação de duas edições do TOM. Para o *designer*, o papel da universidade é fomentar o conhecimento por meio do encontro de pessoas de diferentes áreas, da arte, do jornalismo, da história, assim como representantes da sociedade civil. Por exemplo, o TOM#4 (n.4, v.2, 2016) abordava a cultura caiçara, contou ele. Então, o Caderno trouxe muita informação do litoral, que moradores da cidade de Curitiba muitas vezes desconhecem. A Universidade, por meio do projeto de extensão, reuniu textos e imagens, produziu coletivamente o Caderno digital e disponibilizou gratuitamente o acesso, devolvendo um produto cultural para a comunidade. A mesma dinâmica acontece com eventos, festivais, exposições,

documentários, jogos educativos, produzidos no âmbito acadêmico, concluiu Eduardo.

Laura Sferelli Fontoura é graduada em Relações Públicas pela Universidade Federal do Paraná e colaborou em quatro edições do TOM como bolsista extensão. Também concorda que divulgar as mais diferentes culturas deve fazer parte da política cultural de uma instituição pública como a universidade. Laura lembra sobre a pluralidade cultural do Brasil e reconhece que é preciso disponibilizar instrumentos de acesso para que as pessoas conheçam outros costumes e tradições, e outras formas do fazer artístico-cultural. O TOM contribuiu nesse sentido, disse ela. Conforme um dos princípios do Plano Nacional de Cultura, o Caderno privilegia o direito à memória e às tradições.

Assim como Eduardo, Laura reforça o fato da publicação ser gratuita e no formato digital, o que pode facilitar o acesso e a disseminação da cultura atendendo o direito de todos à arte e à cultura, um dos princípios norteadores do Plano Nacional de Cultura.

Além disso, é um material visualmente agradável que favorece a leitura, conta Laura. O/a Entrevistado/a 10<sup>48</sup> acrescentou que o TOM, além de tratar a arte e a cultura no conteúdo, também é poético e artístico na sua forma de relatar, na sua narrativa. Registra a memória de um povo contada por eles mesmos, pelos próprios protagonistas. Quando um migrante se vê no TOM, por exemplo, ele se enxerga por uma perspectiva diferente.

De acordo com o/a Entrevistado/a 10, o propósito da universidade é resistir, é ser a resistência dentro dessa lógica de mercado onde a quantidade é mais importante, onde o valor é computado em números. Os resultados nem sempre são numéricos e sim, qualitativos, alega. A educação, além da cultura, é outra área que sofre com os cortes e a falta de prioridade do atual governo (2019-2022), mas ainda assim tem uma função dentro do mercado de trabalho. Já, em relação à arte e à cultura, a forma como um/a profissional desse segmento irá gerar renda, não se encaixa nessa lógica de mercado, dentro dos parâmetros desse governo, por isso a universidade tem que ser resistência.

---

<sup>48</sup> Devido à solicitação do/a interlocutor/a, seu nome não é divulgado e por isso identificado/a nesta pesquisa como Entrevistado/a 10.

Para o/a Entrevistada/o 10, o TOM cumpriu esse papel de resistir, produzir e divulgar a arte e a cultura para que não sejam esquecidas exatamente como aponta o terceiro objetivo do Plano Nacional de Cultura: valorizar e difundir as criações artísticas e os bens culturais. Além de publicizar, o Caderno resgata e registra, colocando em pauta temas de uma forma diferente de uma notícia, por exemplo, que é mais pontual e superficial, completou.

Luiz Eduardo Geara, servidor técnico-administrativo da Seção de Comunicação do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, foi um dos curadores que atuou no TOM#4 (n.4, v.2, 2016). Luiz Eduardo defendeu que a universidade também tem a tarefa de resgatar e dar visibilidade à cultura popular e ao patrimônio histórico local, seja pela pesquisa ou pela extensão. Para o curador, o TOM foi um catalisador para esse processo de registro e difusão cultural, ou seja, reconhece os saberes, conhecimentos e expressões tradicionais e os direitos e seus detentores, como também coloca um dos objetivos do Plano Nacional de Cultura.

Graduado em Design Gráfico pela Universidade Federal do Paraná, Victor dos Reis Damaceno Uchoa participou de sete edições do Caderno, ora como bolsista, ora como voluntário. Para ele, o TOM é um vetor da política cultural da UFPR. A publicação foi esse lugar de mostrar que a Universidade produz muito. Uma oportunidade de conciliar diferentes campos do conhecimento, diversas áreas administrativas e entender a importância de uma universidade pública. São alunos/as trabalhando na própria Universidade, uma oportunidade de contrapartida pelo espaço ocupado e por tudo que se recebe de uma instituição pública de ensino superior. É uma forma de entender os projetos realizados, as políticas praticadas, as comunidades atendidas, os coletivos, os cursos, assim como os grupos artísticos existentes.

Em relação à divulgação do Caderno, Laura comentou que conheceu o TOM por meio do anúncio de uma vaga para bolsista postada em um dos grupos da UFPR nas redes sociais. Apesar disso, acredita que faltou divulgar mais a publicação. Que bom seria se o “pessoal da área de engenharia falasse que legal, lançou mais uma edição do TOM, o pessoal da medicina tivesse acesso, que todas as áreas conseguissem ler, e para além da Universidade, pessoas do mercado conhecessem o TOM”. Laura lembrou ainda dos outros projetos da UFPR: “deveriam ser mais divulgados, o resultado final do projeto, por exemplo, o nosso produto era o

Caderno, eu tenho certeza que existem outros projetos que fazem trabalhos tão bons quanto e que não são divulgados”.

Eduardo e Arantxa também sentiram falta de maior divulgação. “Não sei exatamente como a Universidade, os professores, poderiam fazer isso”, disse Eduardo, que acredita que divulgar mais o Caderno, contribuiria para motivar a participação dos/as alunos/as no projeto. Arantxa relatou que ninguém conhecia o TOM no Setor de Artes, Comunicação e Design, onde ela estudava: “muitos amigos meus ficaram sabendo porque eu estava participando”. Sobre o edital que dava preferência à participação de estudantes pretos/as e pardos/as no projeto, Arantxa citou o exemplo de uma amiga: “ela era preta e estava procurando emprego, ela acabou conseguindo outra vaga, mas talvez se ela tivesse sabido antes, poderia ter se inscrito, mas eu acho que não teve nenhuma divulgação”. Até o fato da publicação ser digital facilitaria na divulgação em outras frentes, como outras universidades, empresas privadas ou organizações não governamentais.

Em 2016, o TOM Caderno de Ensaios da UFPR tornou-se um produto vinculado ao projeto de extensão universitária denominado TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura, norteado pelo Plano Nacional de Extensão Universitária (2012), conforme apresento no próximo capítulo.

## 4 O TOM CADERNO DE ENSAIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ PELOS CONTORNOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Em 2015, o TOM Caderno de Ensaios da Universidade Federal do Paraná se configurou unicamente como uma ação de comunicação para a cultura produzida pela Coordenadoria de Cultura da UFPR. Entretanto, de 2016 a 2019, a publicação passou a ser um produto vinculado ao projeto de extensão universitária denominado TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura, norteado pelo Plano Nacional de Extensão Universitária (2012), que além do TOM, previa também o gerenciamento da página da rede social Arte Cultura<sup>49</sup>, plataforma digital onde eram feitas as divulgações de todas as atividades culturais promovidas ou apoiadas pela Coordenadoria de Cultura da UFPR.

Dessa forma, neste capítulo discorro sobre as políticas de extensão e relato as percepções dos/as entrevistados/as a respeito desse tema e sua convergência com o Caderno, atendendo ao objetivo específico da pesquisa de verificar as normatizações da extensão universitária.

### 4.1 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA - POLÍTICAS, CONTEXTOS E CONCEITOS

No Brasil, pode-se identificar três períodos distintos em relação ao desenvolvimento da extensão universitária, influenciados por uma tendência norte-americana, que reconhece essa prática voltada aos desígnios comerciais e empresariais; e europeia, notada pelo caráter mais assistencial. “O primeiro [período] compreende o labor extensionista, desde seu início no país, até meados da década de 1960” (FLAVI FERREIRA LISBÔA FILHO, 2022, p.20). Nesta fase, “os três fins principais da universidade passaram a ser a investigação, o ensino e a prestação de serviços” (BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS, 1999, p. 164). Lisbôa Filho (2022) explica que, devido à inexistência de políticas públicas que assegurassem os direitos dos/as cidadãos/ãs brasileiros/as, a extensão era reconhecida por um viés assistencialista, o que ajuda a compreender o elitismo presente nas universidades daquela época. “Também é possível observar que o caráter assistencialista das primeiras atividades extensionistas ainda influenciam

---

<sup>49</sup> Disponível no link: <<https://www.facebook.com/UFPRArteCultura>>.

algumas ações, a exemplo de campanhas de agasalhos e de coletas de alimentos”, reforça Lisbôa Filho (2022, p.20). Apesar de não ser mais o propósito da extensão universitária contemporânea, esse tipo de ação ainda é necessária para suprir dificuldades mais latentes da sociedade, ainda que de forma pontual. Importante ressaltar que o esforço em amenizar as carências observadas em muitas comunidades, ainda é a porta de entrada da extensão para exercer tanto a sua função emancipadora dos sujeitos, quanto seu compromisso social transformador (LISBÔA FILHO, 2022).

[...] não podemos falar em emancipação do sujeito quando cidadãos(ãs) passam fome e/ou frio - antes, é necessário atenuar lacunas expostas pela ineficiência de políticas públicas do Estado; depois, trabalhamos o horizonte do desenvolvimento social (LISBÔA FILHO, 2022, p. 21).

Entretanto, Lisbôa Filho (2022) lembra que não é intenção da extensão universitária assumir o papel que cabe ao Estado, mas sim, atenuar a precariedade encontrada nas comunidades, bem como estimular a cidadania da população.

Na década de 1970, conta Lisbôa Filho (2022) a extensão universitária inicia uma nova etapa e atravessa um período de transição, deixando para trás sua origem mais assistencialista e indo em direção a um cenário mais transformador. Os anos de 1970 são marcados por estimular o olhar para a consciência popular dos seus direitos, entre os quais o direito à educação. Além disso, a ação extensionista passa a se fortalecer por meio da criação de programas nacionais, como o Projeto Rondon<sup>50</sup>.

Segundo Lisbôa Filho (2022), esta década também é reconhecida pela Reforma Universitária<sup>51</sup>, que defendia melhores condições de vida e a possibilidade

---

<sup>50</sup> O Projeto Rondon é uma ação interministerial de cunho político e estratégico do Governo Federal, coordenada pelo Ministério da Defesa, destinada a contribuir com o desenvolvimento da cidadania nos estudantes universitários, empregando soluções sustentáveis para a inclusão social e a redução de desigualdades regionais e visando ao fortalecimento da Soberania Nacional. Em estreita parceria com os ministérios que compõem o Comitê de Orientação e Supervisão (COS) do Projeto Rondon (Decreto nº 9.848, de 25 de junho de 2019), torna-se uma ferramenta eficaz para fomentar o desenvolvimento sustentável e a capacitação da população dos municípios atendidos, com vistas a aproveitar as políticas públicas disponibilizadas pelos governos federal, estaduais e municipais. No nível operacional, tem o imprescindível apoio das Forças Armadas, que proporcionam o suporte logístico e a segurança necessários às operações. Conta, ainda, com a participação de instituições de ensino superior (IES), de governos estaduais e de prefeituras municipais. O planejamento e a execução das operações compreendem os seguintes conjuntos e áreas temáticas: saúde, educação, direitos humanos, justiça, cultura, trabalho, meio ambiente, tecnologia e produção, comunicação e comunicação social (PORTARIA NORMATIVA n.º 77/GM-MD, DE 20 DE AGOSTO DE 2020).

<sup>51</sup> Decretada em 28 de novembro de 1968, a Lei 5.540, conhecida como a Lei da Reforma Universitária, propunha investimentos para modernizar e expandir as universidades brasileiras, sobretudo a pós-graduação, com o propósito de impulsionar a economia e o desenvolvimento do país. Entretanto, deixou como legado problemas que ainda não foram solucionados, como a

de maior desenvolvimento social. Naquela época, as instituições federais de ensino superior foram a campo em diferentes territórios e, para além do trabalho assistencialista, característico da primeira fase, promoviam o despertar do pensamento crítico dos/as cidadãos/ãs. As universidades se inspiraram em educadores como Paulo Freire (Recife, 1921 - São Paulo, 1997) cuja perspectiva orienta a caminhada extensionista no sentido de qualificar o seu desenvolvimento.

Já a terceira fase, com início nos anos de 1980 e que prevalece até a atualidade, é reconhecida pela especialização da extensão universitária. Neste período, Lisbôa Filho (2022) destaca a criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores/as de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras<sup>52</sup> (FORPROEX); a celebração de uma Constituição Cidadã no Brasil<sup>53</sup>; e os 100 anos da Reforma de Córdoba<sup>54</sup>.

Naquele momento, “a ação extensionista passa a ser projetada a partir da transformação social e da valorização dos sujeitos e de sua independência crítica” (LISBÔA FILHO, 2022, p. 22), essencial para refletir sobre os elos que são criados e consolidados na relação entre as universidades e a sociedade. Ou seja, para Lisbôa Filho (2022):

A Extensão que trabalhamos e incentivamos não deve ter caráter assistencialista, mas de transformação social - porque o caráter assistencialista exige uma ação contínua, muito focada em atender as mazelas, o que, com o tempo, cria uma dependência dos grupos sociais e das comunidades. Esta ação não-emancipatória vai à contramão daquilo que a Extensão preconiza, que é a autonomia dos sujeitos (LISBÔA FILHO, 2022, p. 22).

---

dificuldade de acesso ao ensino superior das camadas menos favorecidas da sociedade. Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/autoritaria-e-modernizante-reforma-universitaria-completa-50-anos>>.

<sup>52</sup> O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras é uma entidade voltada para a articulação e definição de políticas acadêmicas de extensão, comprometido com a transformação social para o pleno exercício da cidadania e o fortalecimento da democracia. São membros natos do FORPROEX, com direito a voz e voto, os Pró-Reitores de Extensão e titulares de órgãos equivalentes das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. Disponível em:

<<https://xn--extenso-2wa.ufjf.br/index.php/forum-de-pro-reitores-de-extensao>>.

<sup>53</sup> A Constituição Federal de 1988 ficou conhecida como Constituição Cidadã porque apresenta cláusulas essenciais à manutenção e ao fortalecimento da democracia, como o pluralismo político, o voto direto e secreto, a garantia dos direitos políticos individuais, o princípio da anterioridade da lei eleitoral e as condições de elegibilidade do cidadão que concorre a determinado cargo eletivo. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/constituicao-cidada-simbolo-da-democraci-a-eleitoral%20e%20as%20condi%C3%A7%C3%B5es%20de>>.

<sup>54</sup> A Reforma de Córdoba, realizada em 1918, marcou o início do processo de luta pela construção de um modelo institucional para atribuir identidade à universidade latino-americana, bem como de um modelo de ensino superior renovado (JORNAL DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO). Disponível em: <<https://jornal.usp.br/institucional/reitor-da-usp-participa-de-evento-sobre-os-100-da-reforma-de-cordoba/>>.

O protagonismo na extensão universitária é do/a cidadão/ã, conta Lisbôa Filho (2022) considerando, claro, as desigualdades sociais e econômicas, o que não impede de buscar alternativas e propor ações que realmente causem uma transformação na realidade social.

Diferente das etapas anteriores, a extensão universitária contemporânea está pautada por uma relação de mão dupla, constituída a partir do compartilhamento e do reconhecimento dos saberes que estão fora da universidade. Os saberes científicos são tão importantes quanto os saberes populares, justifica Lisbôa Filho (2022). É nesta troca que há uma construção coletiva, que aciona de maneira diferente a formação dos/as estudantes gerando transformações tanto na sociedade como na própria universidade. Porque esse é o lugar da pluralidade, da liberdade, do respeito à diferença, da democracia e da formação - inclusive cidadã. Ou seja, a cidadania é consolidada no espaço universitário, onde circulam diferentes concepções, visões e perspectivas. Por isso é preciso reconhecer positivamente essa complexidade para a construção de uma universidade mais plural e inclusiva, mesmo que ainda seja um reflexo da composição da sociedade, que por um lado conta com pautas progressistas que incentivam a democracia e a formação de cidadãos(ãs) conscientes de seus deveres e de seus direitos, e por outro, reverberam temas também de origem mais conservadoras combinados com atitudes discriminatórias, racistas, LGBTQIA+fóbicas, machistas e misóginas (Lisbôa Filho 2022).

A Extensão é o lugar onde a universidade reconhece a diversidade sociocultural e étnico-racial, argumenta Sandra de Deus (2020).

[...] permite não apenas a construção, como também o estabelecimento dos compromissos necessários à leitura do mundo. Ao atuar nas dimensões estéticas e culturais, a Extensão Universitária tenciona o Ensino e atualiza a Pesquisa. Este movimento nos convoca não só a pensar o lugar da Extensão na formação cidadã dos envolvidos, como também a reconhecer o seu papel real e objetivo na estrutura da universidade, no cumprimento daquela que pode ser uma de suas tarefas mais generosas e instigantes: a de ser o local de formação, contribuição e promoção de propostas para melhoria da vida (DEUS, 2020, p.23).

Para Sandra de Deus (2020), a Extensão é uma oportunidade para a transformação, o diálogo, a conexão e a construção de uma sociedade que se propõe a dialogar e a interagir não só com os seus semelhantes, mas também com os seus diferentes.

Santos (2008) há muito tempo defende que o campo da extensão universitária ocupa um significado especial dentro das universidades. A partir do momento que o capitalismo global tentou funcionalizar as instituições federais de ensino superior e transformá-las de fato em agências de extensão ao seu serviço, a reforma universitária vem para colocar as atividades extensionistas em destaque, provocando inclusive implicações no currículo e nas carreiras dos/das docentes, projetando a extensão como alternativa ao capitalismo global, atribuindo às universidades “uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural” (SANTOS, 2008, p. 66-67).

Santos argumenta ainda que a universidade desempenha

[...] adequadamente funções sociais e simbólicas, como, por exemplo, a função de inculcar nos estudantes valores positivos perante o trabalho e perante a organização económica e social de produção, regras de comportamento que facilitem a inserção social das trajetórias pessoais, formas de sociabilidade e redes de interconhecimento que acompanham os estudantes muito depois da universidade e muito para além do mercado de trabalho, interpretações da realidade que tornam consensuais os modelos dominantes de desenvolvimento e os sistemas sociais e políticos que os suportam (SANTOS, 1999, p. 166-167).

A universidade precisa criar espaços de interação com a comunidade onde atua, continua Santos (1999) e sempre que possível as atividades extensionistas devem incluir estudantes e servidores técnico-administrativos, conclui. Como afirma Sandra de Deus (2020, p.43) “o estudante universitário, ao viver a experiência da Extensão, transforma-se, consegue atuar no seu trabalho de maneira muito mais consistente”.

Santos (1999) ainda lembra que as universidades precisam exercer adequadamente funções sociais e simbólicas. E cita como exemplo, estimular nos estudantes valores positivos diante do trabalho e perante a organização económica e social de produção, gerir regras de comportamento que facilitem a inserção social das trajetórias pessoais, estabelecer formas de sociabilidade e redes de interconhecimento que acompanham os estudantes para além da universidade e do campo profissional, apresentar interpretações da realidade que tornam consensuais os modelos dominantes de desenvolvimento e os sistemas sociais e políticos que o sustentam.

Independente do compromisso com o Ensino e a Pesquisa, esclarece Lisbôa Filho (2022), as universidades brasileiras, especialmente as públicas, desempenham

um papel fundamental para o crescimento do país, por meio da extensão universitária. “Através do intercâmbio entre os saberes populares e científicos, as instituições atuam em diversas frentes, promovendo atividades para o desenvolvimento social, econômico, humano e ambiental de territórios e grupos populacionais” (LISBÔA FILHO, 2022. p. 19).

Boaventura (2008) sugere que o bem público da universidade passe a ser produzido em rede, “o que significa que nenhum dos nós da rede pode assegurar por si qualquer das funções em que se traduz esse bem, seja ele a produção de conhecimento, a formação graduada e pós-graduada ou a extensão” (BOAVENTURA, 2008 p. 84). Assim, fortalece-se a universidade pública como um todo, qualificando-a na discussão sobre a formação do pensamento crítico, possível a partir da captação conjunta de recursos e da potencialidade do desempenho funcional, considerando as contribuições específicas que os diferentes nós da rede podem agregar. Dessa forma, a construção da rede pública resulta da partilha de recursos e de equipamentos, bem como, da mobilidade de docentes e estudantes no interior desta rede. Sem que isso interfira nas especificidades de como cada universidade pretende atuar no contexto local ou regional em que está inserida. Pois é justamente essa especificidade que, ao ser preservada, valorizará o interior da rede. “Por exemplo, no Brasil, tenho-me apercebido de experiências riquíssimas de extensão nas universidades do Norte e do Nordeste que são totalmente desconhecidas ou desvalorizadas no Centro-sul e Sul. E estou seguro que o inverso também ocorre” (BOAVENTURA, 2008, p. 85).

Ao trabalhar com a extensão universitária, conclui Sandra de Deus (2020) “percebe-se que teoria e prática andam juntas, estão em constante diálogo” (DEUS, 2020, p. 44), o que contribui para a renovação e para o desenvolvimento da universidade e da sociedade concomitantemente. As relações constituídas entre os envolvidos nas atividades extensionistas são fundamentais para a compreensão de outras realidades e outros saberes. “O impacto da Extensão na vida (acadêmica, profissional e pessoal) do graduando é necessário”, completa (DEUS, 2020, p.43).

Por isso, para falar da extensão universitária é preciso entender o que constitui o seu saber, e o seu fazer acadêmico e social. Além disso, a extensão tem que ser vista como um processo educativo, em sintonia com as demandas da sociedade, fortalecendo as políticas públicas, mas sem substituí-las (LISBÔA FILHO, 2022).

## 4.2 POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A Política Nacional de Extensão Universitária foi aprovada durante o XXXI Encontro Nacional do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), realizado em Manaus, em maio de 2012. O documento é resultado de amplas discussões sobre os limites e as potencialidades do Plano Nacional de Extensão de 1999<sup>55</sup>, somadas às contribuições dos representantes das Universidades Públicas signatárias do Fórum<sup>56</sup>.

Desde que foi criado, o FORPROEX procura reformular as políticas e as práticas institucionais direcionadas à extensão, tanto no campo de atuação das Instituições Públicas de Educação Superior, do Ministério da Educação e dos demais ministérios, como nas agências governamentais. “Todas as instâncias devem reconhecer o valor do processo extensionista e aportar investimentos públicos para a sua execução” (Sandra de Deus, 2020, p.13).

Sandra de Deus (2020) ainda aponta o quanto é essencial contar com programas e linhas de financiamento de ação contínua que podem ser efetivados por meio da inserção na origem orçamentária das instituições de ensino superior, pela ampliação dos aportes do Ministério da Educação, ou através da inclusão na agenda das agências governamentais.

Para o FORPROEX, a extensão universitária reflete o posicionamento da própria universidade, pois a partir de uma atuação interdisciplinar, educativa, cultural, científica e política, as ações extensionistas promovem a interação com a sociedade, que transforma não apenas a universidade em si, mas também os setores sociais com os quais a instituição interage. Em relação à prática acadêmica,

---

<sup>55</sup> O Plano Nacional de Extensão Universitária foi elaborado pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e do Desporto, durante Encontro realizado em 8 de maio de 1998, na cidade de Natal - RN. O documento, além do significado para o desenvolvimento das instituições acadêmicas, foi importante também porque permitiu o reconhecimento, pelo poder público, de que a extensão universitária não se coloca apenas como uma atividade acadêmica, mas como uma concepção de universidade cidadã. Disponível em: <[http://www.prae.ufrpe.br/sites/prae.ufrpe.br/files/pnextensao\\_1.pdf](http://www.prae.ufrpe.br/sites/prae.ufrpe.br/files/pnextensao_1.pdf)>.

<sup>56</sup> Neste Fórum, havia mais de setenta Instituições de Ensino Superior signatárias, entre as quais estão a Universidade Federal de Roraima (UFRR), a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Universidade Federal de Goiás (UFG), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR). Disponível em: <[http://www.prae.ufrpe.br/sites/prae.ufrpe.br/files/pnextensao\\_1.pdf](http://www.prae.ufrpe.br/sites/prae.ufrpe.br/files/pnextensao_1.pdf)>.

a Extensão segue o que está posto na Constituição Federal (BRASIL, 1988)<sup>57</sup>, ou seja, ser desenvolvida de forma indissociável com o Ensino e a Pesquisa, visando a promoção e a garantia dos valores democráticos, da equidade e do desenvolvimento da sociedade em suas dimensões humana, ética, econômica, cultural e social.

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2012, p. 15).

São objetivos da Política Nacional de Extensão Universitária (2012, p.5):

1. reafirmar a Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade;
2. conquistar o reconhecimento, por parte do Poder Público e da sociedade brasileira, da Extensão Universitária como dimensão relevante da atuação universitária, integrada a uma nova concepção de Universidade Pública e de seu projeto político-institucional;
3. contribuir para que a Extensão Universitária seja parte da solução dos grandes problemas sociais do País;
4. conferir maior unidade aos programas temáticos que se desenvolvem no âmbito das Universidades Públicas brasileiras;
5. estimular atividades de Extensão cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade;
6. criar condições para a participação da Universidade na elaboração das políticas públicas voltadas para a maioria da população, bem como para que ela se constitua como organismo legítimo para acompanhar e avaliar a implantação das mesmas;
7. possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e disponibilização de conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do País;

---

<sup>57</sup> Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>.

8. defender um financiamento público, transparente e unificado, destinado à execução das ações extensionistas em todo território nacional, viabilizando a continuidade dos programas e projetos;
9. priorizar práticas voltadas para o atendimento de necessidades sociais (por exemplo, habitação, produção de alimentos, geração de emprego, redistribuição da renda), relacionadas com as áreas de Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Trabalho;
10. estimular a utilização das tecnologias disponíveis para ampliar a oferta de oportunidades e melhorar a qualidade da educação em todos os níveis;
11. considerar as atividades voltadas para o desenvolvimento, produção e preservação cultural e artística como relevantes para a afirmação do caráter nacional e de suas manifestações regionais;
12. estimular a educação ambiental e o desenvolvimento sustentável como componentes da atividade extensionista;
13. tornar permanente a avaliação institucional das atividades de Extensão Universitária como um dos parâmetros de avaliação da própria Universidade;
14. valorizar os programas de extensão interinstitucionais, sob a forma de consórcios, redes ou parcerias, e as atividades voltadas para o intercâmbio e a solidariedade;
15. atuar, de forma solidária, para a cooperação internacional, especialmente a latino-americana.

#### 4.2.1 Diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária

Com o intuito de orientar a elaboração, implementação e avaliação das ações extensionistas estabelecidas pelo FORPROEX, a Política Nacional de Extensão Universitária (2012) traz cinco diretrizes norteadoras: Interação dialógica; Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; Interdisciplinaridade e interprofissionalidade; Impacto na formação do estudante; e Impacto e transformação social.

A ideia era que essas diretrizes, também conhecidas por cinco “Is”, contribuíssem ainda para a superação das três crises da Universidade Pública, elencadas por Santos (1999): a crise da hegemonia, da legitimidade e institucional. A primeira, resultou das contradições entre o papel tradicional da universidade de priorizar os conhecimentos das áreas científicas e humanísticas e a função de produzir conhecimentos instrumentais para atender ao movimento capitalista do século XX. A crise da legitimidade manifesta-se na contraposição entre a hierarquização e a democratização. Segundo Santos (1999, p.166), “a universidade sofre uma crise de legitimidade na medida em que se torna socialmente visível a falência dos objectivos colectivamente assumidos”. E por último, a crise institucional, que resulta do contraponto entre a autonomia institucional e produtividade social. Ocorre quando impõe-se à universidade modelos organizacionais vigentes em outras instituições ditas mais eficientes (SANTOS, 1999).

#### 4.2.1.1 Interação dialógica

A partir do entendimento de que a extensão universitária é construída pelo diálogo (LISBÔA FILHO, 2022), a diretriz Interação dialógica defende que o desenvolvimento das relações entre a universidade e os demais setores sociais seja marcado pelo diálogo e pela troca de saberes, superando dessa forma o discurso da hegemonia acadêmica. “Não tratamos de Extensão Universitária se não estivermos abertos ao diálogo, à experimentação”, diz Sandra de Deus (2020, p.12). A extensão não se limita mais em colocar à disposição da sociedade um conhecimento que até então, estava restrito à universidade. Não é um movimento de dentro para fora da universidade, pelo contrário, pressupõe reciprocidade. Significa desenvolver coletivamente ações que contribuam para a superação da desigualdade e da exclusão social, e para a formação de uma sociedade justa, ética e democrática. Os atores sociais envolvidos na ação universitária, sejam pessoas da comunidade ou agentes públicos comprometidos na formulação e na implementação de políticas públicas, também contribuem com a produção do conhecimento, pois oferecem à universidade os saberes constituídos nas práticas cotidianas profissionais ou geradas em função da própria vivência comunitária. “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (FREIRE, 1987, p.68).

“É como eu acredito no mundo”, declarou Cristiane dos Santos Souza. “Tem que ter espaço para todas as pessoas. Para alguém que já tem uma certa referência e reconhecimento e para alguém que está começando. Para mim, isso tem que estar sempre numa esfera de troca, de oportunidade”, argumentou. Enquanto curadora, Cristiane explicou que convidou tanto os/as alunos/as para participarem do TOM, como chamou Manuel Guerrero, doutor que pesquisa a dramaturgia da resistência da América Latina. “Para mim, não tinha diferença ser um artista, um pesquisador doutor ou um estudante. Nesse lugar as trocas estão acontecendo”.

Luiz Eduardo Geara compactua com essa dinâmica. Para a curadoria da quarta edição do TOM, a equipe de curadores procurou em cada área alguns destaque e isso incluiu docentes, discentes e colaboradores/as externos, “como foi o caso do Chico Farro, que apresentou algumas poesias, o Marcos Gernet que tinha um projeto na Ilha do Mel”, pontuou Luiz Eduardo. A intenção era, a partir da cultura, da ciência, da pesquisa e da extensão, abranger todo o território do litoral paranaense.

“Troca” foi também o termo utilizado por Arantxa Louise Torquato de Siqueira e pelo/a Entrevistado/a 9. A jornalista reforçou que, para além da convivência que tinha com as pessoas que faziam parte do TOM, a troca com pessoas externas foi um dos diferenciais do projeto.

Laura Sferelli Fontoura relatou que durante a produção dos eventos de lançamento do Caderno, teve a oportunidade de entrar em contato com instituições fora da UFPR, inclusive estabelecimentos privados, para verificar se poderiam ceder o lugar para os eventos do TOM. “Era a chance de apresentar o projeto para outras pessoas, vender a ideia, então tudo isso foi bem rico”, explicou.

Já o/a Entrevistado/a 9 comentou que foi um espaço de muito trabalho e discussões: “houve trocas, houve diálogo, houve afeto, houve contribuições de um sobre o trabalho do outro, então foi dialógico, foi afetivo e produtivo”. O/a Entrevistado/a 9 ainda lembrou que a universidade é uma instituição em que o poder está ligado diretamente ao conhecimento, e que segue a lógica de uma hierarquia vertical, do reitor ao servidor técnico-administrativo. Mas sua experiência enquanto curador/a foi marcada pela horizontalidade na interação, mediação e diálogo entre os/as participantes.

Sandra de Deus (2020) argumenta que a extensão universitária tem um papel central para transformar e oxigenar a universidade.

[...] mantendo a universidade em diálogo permanente com a sociedade, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural, para a redução das diferenças (com a inclusão de pessoas e setores), para a recuperação da dignidade de homens e mulheres marginalizados por diferentes razões, para a preservação dos direitos humanos e para o aperfeiçoamento democrático (DEUS, 2020, p. 30).

A extensão apoia-se na troca e no compartilhamento constante entendendo que a demanda apontada pela comunidade precisa estar alinhada aos propósitos que movem a universidade: o ensino e a formação (LISBÔA FILHO, 2022).

Para que a interação dialógica contribua nas direções indicadas, de acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária (2012), é preciso estabelecer metodologias que privilegiem a participação e a democratização do conhecimento assim, as contribuições dos atores não-universitários ficam evidentes na produção e na difusão da ação extensionista.

Por se tratar do campo das relações, pode-se considerar que a diretriz Interação dialógica está na essência do contexto ético dos processos de Extensão.

#### 4.2.1.2 Interdisciplinaridade e interprofissionalidade

Ninguém faz extensão sozinho/a. E para que se possa ter uma atuação qualificada, a extensão universitária reivindica interdisciplinaridade e interprofissionalidade, ou seja, a participação de atores sociais de diferentes campos de atuação. “A ação extensionista é feita por grupos, e, quanto mais heterogêneos em relação às áreas que os constituem e as diferentes formações profissionais eles forem, mais rica será a partilha” (LISBÔA FILHO, 2022, p.27).

Nessas relações de interdisciplinaridade, explica Sandra de Deus (2020, p.40), “todos ganham, todos contribuem e todos (se) transformam, contribuindo para que o aprendizado ganhe força, renove-se e multiplique-se”. Durante o processo é possível observar o quanto, e como, o pensamento do/a estudante vai mudando em relação à realidade à sua volta. Sandra de Deus (2020) faz uma analogia da extensão universitária com uma escada rolante, onde em uma ponta está o/a participante e na outra, o universo social.

A Extensão Universitária, na teoria e na prática, é a escada, é o catalisador que, sempre que alcança o indivíduo, leva-o para um outro lugar. Um lugar diferente. A Extensão se renova sempre. Ela está sempre acompanhando os processos sociais que se transformam. Decorre desse constante mover-se (DEUS, 2020, p.40).

O resultado que as intervenções extensionistas provocam na vida de qualquer grupo ou comunidade é algo que não pode ser mensurado com índices numéricos, dados e estimativas, defende Sandra de Deus (2020). Da mesma forma, “a mudança que esta relação provoca no estudante também não se mede com números absolutos, mas com aprendizado relatado em depoimentos” (DEUS, 2020, p. 37).

A interdisciplinaridade e interprofissionalidade interferem também na indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão porque as trocas, inicialmente praticadas na Extensão, podem ser direcionadas para a Pesquisa, contribuindo na produção de outros conhecimentos, assim como podem ser compartilhadas nos projetos de Ensino, dentro e fora do espaço acadêmico (LISBÔA FILHO, 2022).

Enquanto extensionistas, precisamos fazer este esforço de projetar o que esperamos com as nossas ações de Extensão e de reconhecer a importância do trabalho interdisciplinar e interprofissional que somos capazes de articular em prol da realidade social na qual iremos desempenhar nosso trabalho (LISBÔA FILHO, 2022, p. 32.).

“Se afirmamos que a Extensão é interdisciplinar e interprofissional, é a partir do arranjo de diferentes áreas que vamos propor ações de Extensão”, explica Lisbôa Filho (2022, p. 27). É a natureza da proposta, assim como sua finalidade, que determinarão a qual área temática a ação estará vinculada segundo a Política Nacional de Extensão (2012): Comunicação; Cultura; Direitos Humanos e Justiça; Meio Ambiente; Saúde; Tecnologia e Produção; ou Trabalho. (Lisbôa Filho, 2022).

Sobre o TOM, Amanda Melo Silva relatou que o projeto de extensão contava com a participação de pessoas de diferentes áreas de atuação o que tornava as trocas bem ricas, principalmente durante as reuniões de equipe realizadas periodicamente. De acordo com a Amanda, esses eram momentos em que todos/as tinham a possibilidade de colocar sua visão, contribuir com a produção do Caderno, cada um/a com a sua atribuição e conhecimento.

“Eu lembro que no começo, nas primeiras reuniões, eu ficava mais acuada, assim, eu era mais tímida”, contou Laura. Mas com o tempo, foi conquistando seu espaço. Nesses encontros, a equipe tinha um panorama completo, de todas as etapas do projeto.

Eu entendia o que os alunos do design estavam fazendo, coisa que eu não tinha nem ideia quando entrei no projeto. Como que se fazia um projeto gráfico, como que se fazia um livro, eu conseguia acompanhar as atividades dos redatores e dos curadores (LAURA SFERELLI FONTOURA, 2022).

Laura comentou também que quanto mais se aproximava a data do lançamento do Caderno, as reuniões se tornavam mais frequentes, o que contribuía com a sua tarefa de alimentar as plataformas digitais, “era importante ter essa troca com os curadores para produzir conteúdo para as redes sociais”.

Sobre os eventos de lançamento, Laura concorda que partilhar as experiências foi algo bem positivo para a sua formação. Atualmente, trabalha na área de comunicação corporativa e uma das suas atribuições é justamente organizar eventos na agência onde atua.

No começo eu não entendia nada de como organizar o evento, como divulgar. Eu lembro de conhecer a Amanda, por exemplo, eu sabia que ela já tinha participado de um outro Caderno, ela também tinha muita experiência para agregar e me ensinou muita coisa, sabe, em relação à produção do evento. Eu lembro de uma conversa que eu tive com Amanda, que a gente foi almoçar e isso já era fora do trabalho, fora do período de reunião de TOM, mas que a gente conversou muito sobre o que que ela fazia, e o que que eu fazia, e isso foi muito importante (LAURA SFERELLI FONTOURA, 2022).

Nesse sentido, as reuniões também foram citadas por Cristiane que lembrou o quanto era instigante ver a apresentação da atmosfera gráfica do Caderno feita pelos alunos do Design: estudo de paleta de cores, tamanho das letras, proposta de colagens, sequência das páginas. “Embora eu não entendesse da área do design, era muito legal poder participar, de poder ouvir eles falando sobre esse processo de construção”, completou.

Sandra de Deus (2020) afirma que a Extensão é o lugar onde a universidade reconhece a diversidade sócio-cultural e ético-racional. É o lugar que “permite não apenas a construção, como também o estabelecimento dos compromissos necessários à leitura do mundo” (DEUS, 2020, p.23).

Ao atuar nas dimensões estéticas e culturais, a Extensão Universitária tenciona o Ensino e atualiza a Pesquisa. Este movimento nos convoca não só a pensar o lugar da Extensão na formação cidadã dos envolvidos, como também a reconhecer o seu papel real e objetivo na estrutura da universidade, no cumprimento daquela que pode ser uma de suas tarefas mais generosas e instigantes: a de ser o local de formação, contribuição e promoção de propostas para melhoria da vida. (DEUS, 2020, p.23).

Lisbôa Filho (2022) lembra que é possível trabalhar com a Extensão em diferentes perspectivas: com caráter mais social ou com perfil tecnológico, uma extensão que dialogue com grupos vulneráveis econômica e socialmente, ou próxima aos setores produtivos, desde o campo até às indústrias. Esse conjunto de possibilidades reivindica uma colaboração interdisciplinar e interprofissional.

#### 4.2.1.3 Indissociabilidade Ensino – Pesquisa - Extensão

A diretriz Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão é objeto do artigo 207 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) no qual afirma-se que “as universidades gozam, na forma da lei, de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

Entretanto, Nádia Gaiofatto Gonçalves (2015) explica que o percurso histórico da extensão universitária mostra que sua integração como a terceira função das universidades surgiu somente após a consolidação e legitimação do Ensino e da Pesquisa. Foi um processo que implicou a “coexistência de distintas concepções de Ensino, de Pesquisa e, em especial, de Extensão, das quais derivam estruturas, normas e práticas, institucionais e individuais” (GONÇALVES, 2015, p.1230).

A Política Nacional de Extensão Universitária (2012) salienta que a diretriz de indissociabilidade, no que diz respeito à relação Extensão e Ensino, coloca não só o/a estudante como protagonista da sua formação técnica e cidadã, mas todos/as os/as envolvidos/as nas ações de extensão universitária, como professores/as, técnicos/as administrativos/as, integrantes das comunidades, estudantes de outras universidades e do ensino médio. Assim, substitui-se o modelo pedagógico tradicional “estudante-professor/a” por uma proposta em que a construção do conhecimento torna-se participativa e colaborativa, possibilitando novas trajetórias acadêmicas.

Amanda considerou que pôde aplicar o conteúdo abordado no curso Tecnologia em Produção Cênica nas práticas realizadas durante o projeto, já que também era responsável pela pré-produção, produção e pós-produção dos eventos de lançamento dos Cadernos - “com certeza foi possível experimentar e usar meus conhecimentos da graduação dentro do projeto”. Mas, ao mesmo tempo, alegou que sentiu falta de um/a professor/a da área para orientá-la. Esse talvez tenha sido um ponto fraco, considerando que o professor orientador do projeto era professor do Curso de Design. Seria interessante que o projeto contasse com professores/as de todas as áreas envolvidas para orientar os/as alunos/as dentro das suas especificidades, na Comunicação, no Design, na Produção, isso proporcionaria um ganho para todos/as, explicou durante a entrevista.

Arantxa relatou que estava no segundo ano do Curso de Comunicação Social e que precisava ter uma vivência na sua área, por isso participar do TOM “foi uma oportunidade de trabalhar com a escrita e desenvolver mais essa parte prática da minha profissão”.

Quando participou do TOM, Eduardo Zmievski estava fazendo experimentações gráficas no laboratório de gravura, em função de uma disciplina optativa do Curso de Design da UFPR, ministrada pela professora Dulce Osinski<sup>58</sup>: “você passava a tinta bem líquida e imprimia no papel, então ficava um efeito de água, sabe? Como o tema da quarta edição do Caderno era o litoral paranaense, a técnica contribuiu para dar a ideia de mar na proposta gráfica. Outra disciplina que foi bem aproveitada no projeto foi a de Design Gráfico Editorial, que abordava conteúdos como composição visual, tipografia, ilustração e ritmo, afirmou Eduardo.

Victor dos Reis Damaceno Uchoa, que assim como Eduardo, foi estudante do Curso de Design da UFPR, contou que conseguiu conciliar a matéria de Design Editorial, ministrada pela professora Rita Solieri<sup>59</sup>, com as suas atribuições no TOM. A proposta da disciplina era produzir uma revista digital, então, com o consentimento da professora e do coordenador do projeto, Victor pôde alinhar as aulas com a criação da atmosfera gráfica da publicação.

Kando Fukushima relatou que realmente foi uma experiência diferente da vivida em sala de aula “eu não estava ensinando a fazer o design gráfico, eu era mais uma pessoa para colaborar nesse processo, foi um grande aprendizado”, comentou.

Laura contou que ao participar do projeto teve a oportunidade de trabalhar com fotografia, que era uma das disciplinas que estava cursando na época da graduação. “Achei que super encaixou com a minha área. Eu atuava nessas frentes: organização do evento, redação e manutenção de redes sociais e fotografia”. Laura

---

<sup>58</sup> Pintora, desenhista, gravadora e professora. Na década de 1980, cursou pintura e licenciatura em desenho na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em Curitiba, e fez pós-graduação na Academia de Belas Artes de Cracóvia, Polônia. De volta ao Brasil, atuou como orientadora das Oficinas de Gravura em Metal do Solar do Barão entre 1988 e 1991; e passou a lecionar na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e na Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

<sup>59</sup> Possui especialização em Leitura de Múltiplas Linguagens pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2005). É graduada no Curso de Comunicação Visual pela Universidade Federal do Paraná (1987) e formada no Curso Técnico de Desenhista de Móveis e Decoração - CEFET/PR (1982). Atua como docente na Universidade Federal do Paraná, no Departamento de Design e também como profissional na área de design na Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura, desde 1986. Tem experiência na área de Design e Artes, com ênfase em Design Editorial, Design Autoral, Artes Plásticas e Ilustração.

reforçou durante a entrevista que quando se está na faculdade a sensação é que os trabalhos são infinitos, “tem que ler artigo toda toda semana, tem vários trabalhos para entregar”, mas, ao mesmo tempo, participar de um projeto de extensão é positivo porque, apesar de estar dentro da Universidade, você está abordando outros assuntos, está envolvido com outras coisas, “falar sobre cultura é muito importante, muito enriquecedor porque você leva aprendizados que vão além de sala de aula”. Mas tem seu lado negativo, “é mais uma tarefa né, você tem que cumprir prazo”, comentou.

No que se refere a relação Extensão e Pesquisa são muitas as oportunidades de articulação entre a universidade e a comunidade. Mas a Política Nacional de Extensão Universitária (2012) destaca que os pesquisadores, para que possam contribuir na transformação social de forma justa, solidária e democrática, precisam ter claro em quais problemas sociais pretendem atuar, qual será a proposta analítica, teórica, e conceitual, metodologia de avaliação dos resultados ou produtos e sempre que possível, conhecer também quais os impactos sociais.

Ainda, sobre a relação Extensão e Pesquisa, o documento defende dois movimentos acadêmicos: a incorporação de estudantes de pós-graduação em ações extensionistas, visando a qualificação tanto das atividades de extensão quanto dos programas de pós-graduação; e a produção acadêmica a partir das vivências na Extensão, seja como teses, dissertações, livros ou capítulos, artigos em periódicos, seja no formato de apresentações em eventos, filmes ou demais produtos artísticos e culturais. Tanto o/a Entrevistado/a 9 como a Cristiane comentaram sobre a produção acadêmica. “É legal saber que você está fazendo uma tese que de novo vai documentar isso porque a gente precisa documentar as nossas histórias, né?”, explicou a professora.

Então, quando eu vejo que você está trabalhando com esse projeto, você não está só recuperando um caderno específico, que é o TOM, você está recuperando a memória de um grupo, recuperando a memória daquelas pessoas, daqueles agentes que estavam ali [...] Eu vejo que o teu interesse não é somente o TOM, é o TOM e o conteúdo, a curadoria, as pessoas envolvidas ou os atores sociais, ou os agentes culturais, acho que são as pessoas, né? (ENTREVISTADO/A 9, 2022).

Entende-se dessa forma que, conforme explicita a Política Nacional de Extensão Universitária (2012), as ações extensionistas garantem maior efetividade quando estão vinculadas ao Ensino, ou seja, em consonância com o processo de

formação dos/as estudantes e relacionadas à Pesquisa, a partir da geração de conhecimento.

Lisbôa Filho (2022) acrescenta a importância de constituir parcerias sólidas dentro e fora das instituições de ensino superior para que a indissociabilidade ocorra de forma efetiva. Ao conectar diferentes perfis nas áreas da Pesquisa, do Ensino e da Extensão, a universidade terá uma atuação mais plural, qualificada e contextualizada às demandas da sociedade.

O contato com diferentes realidades, com outras perspectivas, o estímulo ao senso crítico e reflexivo são aspectos essenciais da formação profissional e cidadã. Porém, Sandra de Deus (2020) lembra que valorizar a universidade enquanto o único local de produção de conhecimento, ainda é uma visão equivocada recorrente. “É esta distorção que afasta os estudantes da Extensão, onde as atividades são mais complexas e exigem um olhar para o ‘outro’” (DEUS, 2020, p. 76). Buscar motivações entre os/as professores e estudantes para que se envolvam em atividades que não sejam realizadas exclusivamente em salas de aula e laboratórios, ampliando esse espaço de aprendizagem, é o grande desafio das instituições de ensino superior. “E de ver também, o quanto nosso trabalho acadêmico pode ter outros formatos, não só o artigo escrito, que a gente sabe que é importante, mas que é uma possibilidade, não a única”, pontuou Cristiane, durante a entrevista para a pesquisa.

Por isso, participar de programas e projetos de Extensão é uma iniciativa importante para mudar esse paradigma. E a maioria das universidades brasileiras oferecem aos/às estudantes a oportunidade de atuar nessas ações, inclusive, muitas vezes, com apoio financeiro (DEUS, 2020). Essa foi uma questão importante para a Arantxa, por exemplo, que quando entrou no projeto tinha acabado de chegar de viagem, estava morando sozinha e precisava de uma renda de qualquer forma.

Sandra de Deus (2020) ainda reforça que a universidade é um local de disputa de poder, e que o discurso recorrente de que a universidade pública precisa se manter neutra, enfraquece tanto a sua presença institucional na sociedade quanto a própria formação proporcionada aos/às estudantes. Além disso, completa a pesquisadora, uma instituição que tem por missão a produção do conhecimento e a formação profissional e cidadã dos sujeitos não pode assumir uma posição de neutralidade no momento em que a sociedade reivindica propostas curriculares para sair do patamar de escola profissionalizante.

#### 4.2.1.4 Impacto na formação do estudante

Segundo a Política Nacional de Extensão Universitária (2012), as atividades extensionistas são essenciais à formação dos/as estudantes por possibilitar tanto a ampliação do universo de referência, como o contato direto com questões contemporâneas da vida em sociedade. Essas vivências trazem um enriquecimento educacional em termos práticos, teóricos, metodológicos, além de reafirmar e materializar os compromissos éticos e solidários das universidades públicas brasileiras. Ao mesmo tempo, para garantir a qualidade na formação dos/as estudantes envolvidos/as nas atividades extensionistas, as instituições de ensino superior precisam buscar um diálogo constante dos órgãos destinados ao fomento da extensão com os colegiados de gestão acadêmica da graduação e da pós-graduação, com o intuito de adotar efetivamente as diretrizes de extensão universitária e da legislação vigente. Toda essa estruturação normativa e legal orienta a organização de regras relacionadas aos estágios discentes, composição de grade curricular, correlação entre carga horária e créditos atribuídos e previsão de cronogramas de disciplinas.

Lisbôa Filho (2022) afirma que o impacto na formação do/a estudante é o principal condutor da Extensão porque é justamente o que caracteriza as ações extensionistas nas instituições de ensino.

A Extensão dissociada da formação do(a) estudante perde completamente o sentido. É impossível pensar uma Ação de Extensão sem que o(a) estudante esteja vinculado, seja ele do ensino médio, do ensino técnico, da graduação ou da pós-graduação, porque a Extensão é formativa, e esse é o nosso papel enquanto instituição de ensino. Ademais, a Extensão dá um novo significado à sua formação (LISBÔA FILHO, 2022, p.28).

Sandra de Deus (2020) concorda que a extensão universitária transforma os/as docentes, os/as estudantes, a universidade e a sociedade. Mas não descarta os desafios existentes no interior e no exterior das universidades, na gestão administrativa, no entendimento do papel formativo das instituições de ensino superior, “na disponibilidade de cada um de nós, na capacidade de aceitar as mudanças e, sobretudo, na trajetória institucional”. (DEUS, 2020, p.61).

A Extensão, sem dúvida, contribui para a formação de pessoas mais conscientes de seus direitos e deveres, mas há também, lembra Lisbôa Filho (2022), a Extensão com uma perspectiva mais voltada à formação profissional, beneficiando

o exercício da prática de modo orientado à vocação profissional, preparando assim, os/as estudantes para o mercado de trabalho.

“A primeira vez que eu ouvi o termo ‘*clipping*’<sup>60</sup> foi no projeto”, contou Arantxa. A jornalista citou também as entrevistas com os curadores - criar uma pauta, formular as perguntas, providenciar o agendamento, foram aspectos que contribuíram para o seu desenvolvimento profissional.

Amanda contou que estava chegando na UFPR, na fase inicial da graduação de um curso na área cultural, ainda bem inexperiente, quando entrou no projeto. E que o fato dele ser realizado na Coordenadoria de Cultura, uma unidade administrativa da universidade, possibilitou um outro tipo de aprendizado. “Eu sentia que a minha formação estava sendo elevada a outro nível, digamos assim”. Porque na graduação, relatou Amanda, todos tinham acesso ao mesmo conteúdo, mas na PROEC existia a oportunidade de conhecer dinâmicas distintas do processo de produção. Na oitava edição, que teve a música como temática, por exemplo, apesar de não ter um conhecimento amplo na área, acompanhar o funcionamento da Orquestra Filarmônica da UFPR, dentro da PROEC, fez toda a diferença para entender um pouco mais sobre as produções e as pesquisas no campo da música, explicou Amanda.

“Aprendi muito também sobre a escrita, que eu gostava muito, mas ainda não tinha tido essa experiência”, relatou Amanda, que teve textos da sua autoria publicados nos Cadernos. “Sinto que eu melhorei bastante a minha escrita que é algo que não aprenderia no meu curso, assim especificamente, mas no projeto eu tive essa oportunidade de aprender a escrever melhor”, acrescentou.

Para Victor, a formação no campo da política cultural foi um grande diferencial. “Como eu tinha que diagramar os textos, eu tinha que ler os textos também, então contribuiu para minha visão política; eu li, eu me informei”.

Eduardo concorda com a fala de Victor. Segundo o *designer*, o que impactou bastante na sua formação foi a oportunidade de compreender melhor sobre as pessoas e a região do litoral paranaense ao ler os textos e conhecer as histórias para realizar a diagramação do TOM#4. Além disso, citou como o seu orientador no projeto o influenciou de forma positiva: “ele questionava bastante as nossas

---

<sup>60</sup> *Clipping* é a compilação de matérias publicadas nos diversos veículos de comunicação. (Manual de Assessoria de Comunicação, Federação Nacional dos Jornalistas, disponível em: <[https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/08/manual\\_de\\_assessoria\\_de\\_imprensa3.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/08/manual_de_assessoria_de_imprensa3.pdf)>.

escolhas de design”, ou seja, provocava uma reflexão a respeito do que estava sendo produzido, como o tratamento e disposição das imagens e a diagramação dos textos, por exemplo. Eduardo ainda contou sobre a experiência de atuar dentro de uma unidade administrativa da UFPR:

Foi bem interessante ter essa visão de como realmente funciona a administração e como se organizam os projetos da universidade. Isso contribuiu bastante para minha jornada acadêmica dentro da universidade, eu sou bem feliz por ter tido essa oportunidade (EDUARDO ZMIEVSKI, 2022).

Para a professora Cristiane, essa aproximação com a PROEC foi muito positiva para os/as estudantes do Curso de Produção Cênica da UFPR que tiveram a oportunidade de atuar também em outras ações produzidas pela Coordenadoria de Cultura.

“Isso deu uma certa formalidade para o projeto”, respondeu Laura quando questionada sobre participar de um projeto de extensão dentro de uma unidade administrativa da Universidade. E em relação a sua formação, fez o seguinte relato:

Pensando na área profissional, eu acho que todas as oportunidades que eu tive para conversar com diferentes públicos, me fez ser a profissional que sou hoje. Trabalho na área de atendimento, com comunicação com público, eu não atuo com mídias digitais, eu não crio conteúdo, como eu fazia no projeto, mas eu consigo ter essa visão de como funciona. Eu também não atuo mais com fotografia, mas também eu tenho uma base muito maior do que se eu não tivesse participado do projeto (LAURA SFERELLI FONTOURA, 2022).

Victor comentou que fazer parte de um projeto realizado dentro da PROEC fez com que ele conhecesse melhor as atividades realizadas pela Coordenadoria de Cultura e tivesse mais contato com os/as servidores/as técnico-administrativos/as da Pró-Reitoria. Além disso, foi uma oportunidade para conhecer a Universidade como um todo, circular pelos diferentes *campus*. O Setor de Artes, Comunicação e Design, por exemplo, é fisicamente separado:

O DeArtes lá no Batel, o Design na Reitoria e a Comunicação no Juvevê, o pessoal da Produção Cênica é do Campus Botânico, e quando tínhamos que apresentar trabalho na Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão, íamos para o Centro Politécnico (VICTOR DOS REIS DAMACENO UCHOA, 2022).

“Eu descobri também muita coisa que tinha dentro do meu próprio *campus* que eu jamais iria me envolver se não tivesse no projeto de extensão”, destacou Laura, que ao participar da edição número nove, cujo tema era museu, conheceu a reserva técnica do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR situada no mesmo *campus* onde estudava. “Acho que precisaria ter mais coisas que envolvessem as

atividades que existem dentro dos *campi*. O *campus* Juvevê, que é a Floresta, é minúsculo, tem pouquíssimos cursos e as pessoas não conhecem o que de fato tem ali dentro”, reforçou.

#### 4.2.1.5 Impacto e transformação social

A diretriz Impacto e transformação social, de acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária (2012), reafirma a Extensão como instrumento pelo qual se estabelece a inter-relação da universidade com os demais setores da sociedade. Extensão precisa estar conectada com os interesses e necessidades da comunidade para que as ações gerem resultado, promovam a transformação social e o aprimoramento das políticas públicas (LISBÔA FILHO, 2022). “Os aspectos econômicos, por exemplo, gerados a partir da Extensão qualificada podem possibilitar uma distribuição de renda, promovendo empregos, através de ações nas quais os sujeitos participem e avancem em sua emancipação social (LISBÔA FILHO, 2022, p.32-33).

As ações extensionistas, ao buscar a transformação social, caracterizam-se por três premissas conforme traz a Política Nacional de Extensão Universitária (2012). A primeira delas é respeitar a complexidade e diversidade da realidade nas questões em que privilegiadamente atua. A segunda é considerar a abrangência, ou seja, propor ações que possam ser suficientes para contribuir de forma relevante para a transformação da área, setor ou comunidade atingida. Por último, a efetividade da intervenção, analisada pelo viés da racionalidade, mas sem esquecer os valores e os princípios implícitos aos resultados e impactos sociais.

É uma grande provocação para todas as nossas instituições, em especial no âmbito das Pró-Reitorias de Extensão, fazer com que toda essa força de trabalho intelectual das ações em prol do desenvolvimento social e regional dos territórios atuem e dialoguem entre si (LISBÔA FILHO, 2022, p.32).

Sandra de Deus (2020) acredita que é no cumprimento de sua responsabilidade social que as instituições de ensino superior promovem o processo de comunicação cultural com a sociedade, e explica que o maior, ou melhor, desempenho das universidades na América Latina depende diretamente do maior ou menor nível de relacionamento entre as próprias universidades e os demais setores da sociedade. O não comprometimento com questões sociais graves, sejam da Arte, da Cultura ou da Ciência, causa um distanciamento entre a universidade e a

sociedade. Para a pesquisadora, fica evidente que a universidade precisa reavaliar seus métodos de Pesquisa e Ensino, buscando a valorização dos saberes do senso comum.

Este movimento nos convoca não só a pensar o lugar da Extensão na formação cidadã dos envolvidos, como também a reconhecer o seu papel real e o seu objetivo na estrutura da universidade, principalmente no cumprimento daquela que pode ser uma de suas tarefas mais generosas e instigantes: a de ser o local de formação, contribuição e promoção de propostas para melhoria da vida. (DEUS, 2020, p. 77, 78).

Nesse viés, Cristiane compartilhou a experiência do lançamento do Caderno, em que estudantes tiveram a oportunidade de comercializar lanches durante a realização do evento. A questão era que essas pessoas tinham uma certa dificuldade para pagar a passagem do ônibus até a faculdade, então foi uma maneira de contar com a presença desses/as alunos/as que, além de vender seus quitutes pelos corredores de forma performática, puderam assistir às apresentações que ocorreram na casa e ainda angariaram um valor para contribuir com o custo das passagens.

Ainda, em relação ao lançamento da terceira edição do TOM, Cristiane comentou sobre a importância da inclusão de pessoas com deficiências na programação do evento, que contou com a apresentação artística dos bailarinos Lívea Castro<sup>61</sup> e Moisés Batista<sup>62</sup>. Ela, uma mulher dentro de um padrão de beleza, magrinha, super flexível, e ele, um deficiente físico, ambos performando pela casa. “É muito chocante ver essa hibridização, o encontro desses corpos, [...] os dois em completa relação ali de troca, então isso também causava um desconforto e eu acho que o híbrido fala disso, né, que a gente não sabe lidar com o diferente”, concluiu Cristiane.

Laura citou como diferencial, o aprendizado sobre os movimentos sociais, a representação da mulher na sociedade, “a gente precisa saber dos nossos direitos”, conforme estabelece um dos princípios básico da Política Nacional de Extensão Universitária (2012) “a Universidade deve participar dos movimentos sociais, priorizando ações que visem à superação da desigualdade e da exclusão social existentes no Brasil”.

---

<sup>61</sup> Lívea Castro é graduada em Dança pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR-FAP), com especialização em Estudos Contemporâneos em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Desenvolve pesquisas artísticas e educacionais na Nú Movimento em Rede e como professora de dança da Associação dos Deficientes Físicos do Paraná (ADFP).

<sup>62</sup> Assessor técnico de paradesporto no Instituto Esporte Paraná, bailarino contemporâneo, atleta e palestrante.

Entretanto, o mesmo documento deixa claro que não se espera um impacto e uma transformação social apenas sobre a comunidade. A própria Universidade Pública enquanto integrante da sociedade pode sofrer impactos e ser, também, transformada. “A universidade se transforma, ao mesmo tempo em que atua, orientando as ações Extensionistas e, assim, propiciando o desenvolvimento social e regional, além do aprimoramento das políticas” (LISBÔA FILHO, 2022, p.31). Quando pauta-se o caráter de transformação social, deixa-se de lado o assistencialismo. Por isso as ações precisam estar pautadas com as necessidades das comunidades e em diálogo permanente com os diferentes setores da sociedade (LISBÔA FILHO, 2022).

#### 4.3 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

No âmbito da Universidade Federal do Paraná, é a Resolução n.º 57/19-CEPE<sup>63</sup> (Conselho de Pesquisa e Extensão da UFPR), alterada pela Resolução n.º 03/23 CEPE, que dispõe sobre as atividades de Extensão. Já, no primeiro capítulo, o documento traz a definição da extensão universitária que orienta as atividades dentro da Universidade.

Art. 1º A extensão universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa, constitui-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção, aplicação e troca do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa. (Redação dada pela Resolução n.º03/23-CEPE).

A extensão universitária pode ser desenvolvida sob a forma de Programa, Projeto, Curso, Evento e Prestação de Serviço, respeitando as áreas temáticas estabelecidas pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), ou seja, Comunicação; Cultura; Direitos Humanos e Justiça; Educação; Meio Ambiente; Saúde; Tecnologia e Produção e Trabalho.

De acordo com a Resolução n.º 57/19-CEPE, é considerado Programa de Extensão o conjunto de no mínimo dois Projetos que tenham objetivos comuns e atividades articuladas em torno de uma temática específica, um território delimitado

---

<sup>63</sup> Disponível em: < <http://www.proec.ufpr.br/links/extensao/normatizacoes.html>>.

ou o atendimento de um determinado grupo ou população. O Projeto de Extensão caracteriza-se pela ação processual e contínua de caráter educativo, social, artístico, científico ou tecnológico que contemple os cinco princípios que norteiam a extensão universitária: impacto e interação social; interação dialógica; multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e multiprofissionalidade; indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão e impacto na formação dos/as estudantes. Entende-se como Curso de Extensão, a ação pedagógica que tenha um caráter prático e/ou teórico, com carga horária previamente estipulada e que seja planejada e organizada de forma sistemática e alinhada ao conceito de extensão universitária definido pela mesma Resolução. Evento de extensão é a atividade que resulta em uma apresentação ou exibição pública, livre ou para uma plateia específica, do conhecimento ou produto cultural, artístico, esportivo, científico e tecnológico desenvolvido e reconhecido pela UFPR. E por último, a Prestação de Serviço Extensionista, um trabalho social que propõe o estudo e a solução deliberada de problemas dos meios profissional ou social, com a possibilidade de desenvolver novas abordagens pedagógicas e de pesquisa, assim como transferir conhecimento e tecnologia à sociedade. A ação pode ser realizada de forma eventual ou permanente, desde que atue sobre a realidade objetiva, promovendo à transformação social.

Independente se Programa, Projeto, Curso, Evento ou Prestação de Serviço, todas as ações devem, conforme a Resolução n.º 57/19-CEPE, integrar o Ensino e a Pesquisa com as demandas sociais, socializar o conhecimento acadêmico por meio de diálogo construtivo e transformador com os demais setores da sociedade, incentivar na prática acadêmica o desenvolvimento da consciência social e política e a reflexão ética quanto à dimensão social do Ensino e da Pesquisa, formando profissionais cidadãos, participar criticamente de propostas que objetivem o desenvolvimento regional, econômico, social e cultural que expressem o compromisso social da Universidade e contribuir para o aperfeiçoamento, a reformulação e a implementação de concepções e práticas curriculares da UFPR para a sistematização do conhecimento produzido.

#### 4.4 CREDITAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Em 2018, o Conselho Nacional de Educação aprovou a Resolução n.º 07/2018<sup>64</sup>, documento que definiu a Extensão como parte integrante da matriz curricular das Instituições de Ensino Superior, conforme disposto na meta 12.7 do Plano Nacional de Educação<sup>65</sup> – PNE 2014-2024: contemplar no mínimo dez por cento da carga horária total com atividades extensionistas, implicando assim, na Creditação da Extensão. Tal processo precisaria então, prever, entre outras medidas, a reestruturação dos currículos, a adaptação de professores/as, alunos/as e técnicos/as administrativos/as e a adoção de estratégias de gestão para cumprir a legislação.

A resolução, além de ratificar o PNE 2014-2024, assegurando um total de 10% da carga horária dos currículos dedicados à Extensão, simboliza um avanço para que as universidades cumpram com o seu compromisso público e social”. (LISBÔA FILHO, 2022, p. 35 e 36).

A Resolução n.º 07/2018 colocou a extensão universitária como parte, além da matriz curricular, também da organização da pesquisa, contribuindo na formação cidadã crítica e responsável do/a estudante. O documento determina que, independente da modalidade, as atividades extensionistas precisam ser sistematizadas e acompanhadas de instâncias administrativas institucionais. Todas as Instituições de Ensino Superior devem estabelecer uma autoavaliação da Extensão, com instrumentos e indicadores claramente explicitados. E são os/as docentes os/as responsáveis pela orientação das atividades de extensão nos cursos de graduação.

As atividades extensionistas podem ser realizadas também em parceria com outras Instituições de Ensino Superior, estimulando a mobilidade de estudantes e docentes, e eventualmente, incluem programas governamentais que atendem a políticas municipais, estaduais, distrital ou nacional. Todas precisam contribuir para o cumprimento dos objetivos dos Projetos Político Pedagógico dos Cursos e do Plano de Desenvolvimento Institucional onde são incluídos o planejamento e as atividades institucionais de extensão, bem como a forma de registro, modalidades, estratégias

---

<sup>64</sup> Disponível em:

<[https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE\\_RES\\_CNECESN72018.pdf](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf)>.

<sup>65</sup> 12.7. assegurar, no mínimo, dez por cento do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social (PNE 2014-2024, p. 74).

de creditação curricular e de participação dos/as estudantes nas atividades de extensão, a Política do processo Autoavaliativo e as estratégias de financiamento das atividades de extensão.

Queremos que a própria universidade pública seja capaz de se transformar, pois é nessas trocas que crescemos. É fundamental que as nossas instituições procurem articular as demandas provenientes da interação com diversos setores da sociedade, junto aos Planos de Desenvolvimento Institucional – PDIs das instituições. Precisamos, ademais, promover iniciativas que expressem o compromisso social das instituições de ensino superior com todas as áreas. Precisamos incentivar a atuação da comunidade acadêmica e técnica no enfrentamento às questões que implicam a sociedade brasileira (LISBÔA FILHO, 2022, p. 32).

A Resolução afirma ainda, que as Instituições de Ensino Superior devem prever uma forma de participação, registro e valorização dos/as técnicos/as administrativos/as nas ações extensionistas.

#### 4.5 CREDITAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal do Paraná aprovou em 13 de novembro de 2020, por unanimidade de votos, a Resolução 86/20-CEPE<sup>66</sup>, que dispõe sobre a creditação das atividades curriculares de extensão nos currículos plenos dos cursos de graduação da UFPR. Dois anos depois, a Pró-Reitora de Graduação e Educação Profissional e o Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFPR, estabeleceram a Instrução Normativa PROGRAD/PROEC N° 001/2022, alterada em 05 de outubro de 2022<sup>67</sup>, para regulamentar os procedimentos administrativos e operacionais para a inclusão e integralização da extensão nos currículos dos cursos de graduação de que trata a Resolução 86/20-CEPE.

De acordo com o §1º do Art. 1º, entende-se por Integralização da Extensão, a inclusão das atividades curriculares de extensão como elementos obrigatórios para a integralização dos cursos de graduação. O §2º do mesmo artigo, esclarece que para a inclusão de atividades de extensão nos cursos de Graduação, na forma de componente curricular, considera-se o currículo como o conjunto de atividades formativas de natureza dialógica, interdisciplinar e interprofissional, que articula

---

<sup>66</sup> Disponível em: <<http://www.proec.ufpr.br/links/extensao/normatizacoes.html>>.

<sup>67</sup> Disponível em: <[http://www.proec.ufpr.br/download/extensao/2022/creditaacao/SEI\\_4965472\\_PROGRAD\\_\\_Instrucao\\_Normativa.pdf](http://www.proec.ufpr.br/download/extensao/2022/creditaacao/SEI_4965472_PROGRAD__Instrucao_Normativa.pdf)>.

Ensino, Pesquisa e Extensão e que possibilita a geração e o compartilhamento de conhecimentos científicos e tecnológicos, bem como a imersão real do graduando na sociedade. Já, o parágrafo §3º, esclarece que no âmbito da UFPR, o processo de creditação, referido na Resolução MEC/CNE/CES N.º 7/2018, será denominado de Integralização da Extensão.

Luiz Eduardo, entrevistado na pesquisa, considera que a integralização mostra a versatilidade e a potência da extensão universitária, que encontra espaço tanto nos cursos como na administração da universidade, “esse processo amplia a inserção do servidor na instituição”.

Já, o/a Entrevistado/a 10 lembra o fato de que o maior problema dos projetos da Universidade, inclusive os de extensão, é uma personificação muito grande, ou seja, o projeto acaba sendo da pessoa que coordena ou organiza as ações, e não da instituição. Então, quando os responsáveis se desligam, não existe quem queira assumir porque não é algo que está institucionalizado. Embora exista o registro dos projetos na Universidade, as atividades dependem muito mais de uma vontade pessoal do que de um interesse institucional, o que acaba por comprometer a continuidade das ações.

Laura e Cristiane, por sua vez, mencionaram a falta de recursos financeiros para viabilizar algumas atividades do TOM.

Eu acho que a UFPR deveria disponibilizar mais verba para o projeto. Lembro que a gente sempre sofria com isso porque não tinha verba disponível. Inclusive a gente comentou de ter uma edição impressa, acho que isso iria enriquecer muito. Na minha opinião, precisaria ter esse incentivo financeiro da UFPR (LAURA SFERELLI, 2022).

“A gente não tinha dinheiro para pagar, por exemplo, a pessoa que escreveria o artigo”, confirmou Cristiane. A equipe estava sempre disposta a tentar viabilizar minhas sugestões, a negativa se dava, na verdade, por falta de recurso financeiro, explicou.

Entretanto, apesar da burocracia institucional, encontrada pelo caminho, a dimensão formativa que as atividades extensionistas proporcionam aos/às estudantes ainda é prioridade. A Extensão tem em sua base epistemológica o saber reconhecido e indispensável à formação superior, o que mostra a necessidade de incentivar a rede extensionista e possibilitar às instituições cumprir seu papel social sem o caráter clientelista e assistencialista característico na sua origem. O propósito é trabalhar a favor da autonomia dos sujeitos, do livre pensar, dos valores

democráticos, éticos e cidadãos. “Daqui só podemos avançar!”, completa Lisbôa Filho (2020, p.7).

## 5. TOM(S), ENCONTROS, PRÁTICAS E SIGNIFICADOS

Após a contextualização do TOM Caderno de Ensaios da UFPR em relação aos temas da Cultura e da Extensão Universitária feita nos capítulos anteriores, este por sua vez, tem como propósito analisar de que forma as práticas realizadas durante as etapas de criação, produção e divulgação do TOM Caderno de Ensaios, publicados de 2015 a 2019, contribuíram para a constituição e compartilhamento de significados entre os/as curadores/as e estudantes envolvidos/as no projeto, um dos objetivos específicos desta pesquisa.

### 5.1 ESTUDOS CULTURAIS: UMA TEORIA SOBRE PRÁTICAS E SIGNIFICADOS

Apoio-me, então, nos Estudos Culturais<sup>68</sup> que “se distingue por pensar as características da arte e da sociedade em conjunto, não como aspectos que devem ser relacionados, mas como processos que têm diferentes maneiras de se materializar, na sociedade e na arte” (CEVASCO, 2003, p.64). Para Maria Elisa Cevasco (2003), tanto os projetos artísticos, como os intelectuais, são constituídos e, ao mesmo tempo, constituem os processos sociais, visto que também lhes conferem forma.

Os Estudos Culturais, defende a pesquisadora, avançaram metodologicamente com a confirmação de que a produção cultural não pode ser percebida em si mesma, mas apenas em relação com determinada formação social. “Essa produção é vista como mimeses dos sentidos disponíveis na sociedade e construção de novos sentidos que dão forma a mudança social” (CEVASCO, 2003, p. 73).

Por exemplo, os elementos geralmente classificados como externos a um projeto, como o modo de vida de uma comunidade específica, são considerados internos na medida em que definem a forma das obras e dos projetos, e, conseqüentemente, imprimem os significados e os valores dessa comunidade.

---

<sup>68</sup> Para Stuart Hall, diretor (1968-1980) do *Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham (o primeiro programa de pós-graduação em estudos culturais), as origens dos Estudos Culturais estão na publicação de três livros: *The Making of the English Working Class*, 1963 (Edward P. Thompson), *Culture and Society*, 1958 (Raymond Williams) e *The Uses of Literacy*, 1957 (Richard Hoggart) (CEVASCO, 2003).

A própria proposta dos Estudos Culturais segue este modelo:

Sua forma é expressão de uma luta por um modo de vida distinto, baseado no princípio da solidariedade. Sua primeira localização institucional - uma organização de esquerda de ensino democrático e de luta por uma cultura em comum - determina sua forma inicial experimentalista e promulga a interação entre instrutores e alunos. Esses elementos do processo real de constituição de um novo campo de estudos articulam a própria armação teórica que organiza os estudos práticos da nova disciplina (CEVASCO, 2003, p. 64 - 65).

Assim era a agenda dos Estudos Culturais, justifica Cevasco (2003, p. 96): “a codificação disciplinar desse novo modo de pensar uma prática de política cultural”. “A cultura é a instância da construção de significados e da veiculação de valores” (CEVASCO, 2003, p.97).

Armand e Michèle Mattelart (1999) apontam que são diversas as influências conceituais presentes nos Estudos Culturais. Uma delas, citam os pesquisadores, é o Interacionismo Social da Escola de Chicago, que tem como foco atuar dentro de uma perspectiva etnográfica, analisando os valores e os significados vividos, as diferentes maneiras pelas quais os grupos sociais se expressam, de que forma os atores sociais manifestam as condições em que vivem e como se comportam perante uma cultura dominante.

Para Cevasco (2003), o experimentalismo e a interdisciplinaridade estão na base dos Estudos Culturais. A pesquisadora define o termo “experiência” como os valores propagados das práticas cotidianas, resultados das vivências do mundo urbano-industrial. Luiz Gonzaga Motta (2012, p. 27) afirma que a experiência é algo que ocorre rotineiramente, é responsável “pela formação do nosso caráter, identidade e pensamento, assim como constitutivas dos significados que formulamos e retemos no imaginário e na memória”.

Stuart Hall (2003) conta que Raymond Williams absorve completamente as definições de “experiência” ao nosso “modo de vida”, e completa:

Trata-se de onde e como as pessoas experimentam suas condições de vida, como as definem e a elas respondem o que para Williams, constitui aquilo que, em última instância, a análise cultural deve oferecer. Na “experiência” todas as práticas se entrecruzam; dentro da “cultura” todas as práticas interagem - ainda que de forma desigual e mutuamente determinante (HALL, 2003, p 134).

Sobre a interdisciplinaridade, Ana Carolina Escosteguy (2001) salienta que os Estudos Culturais são um campo em que diversas disciplinas convergem na análise dos aspectos culturais da sociedade contemporânea. A multiplicidade de objetos de pesquisa também é uma característica desta teoria. “Isto resulta da

convicção de que é impossível abstrair a análise da cultura das relações de poder e das estratégias de mudança social” (ESCOSTEGUY, 2001, p.160).

Cevasco (2003) recorre a Raymond Williams para esclarecer o conceito de cultura pelo viés dos Estudos Culturais, e explica que a proposição do autor é de uma cultura em comum, uma cultura que é de todos, sem uma classe especial ou um grupo de pessoas responsável pela criação de significados e valores, no sentido geral ou específico das artes e do conhecimento.

O exemplo mais claro da dependência da criação de processos que são comuns a toda a sociedade é a linguagem; ela é uma prática social cujo significado é estendido e aprofundado por certos indivíduos, cuja criatividade depende do grupo social para sua inteligibilidade. A criação de significados e valores é comum a todos, e suas realizações são parte de uma herança comum a todos (CEVASCO, 2003, p. 20).

Contraopondo a ideia de uma minoria que define o que é cultura e então divulga entre “as massas”, Cevasco (2003) relata que Williams sugere que o ponto central é favorecer o acesso ao conhecimento e aos meios de produção cultural.

A ideia de uma cultura em comum é apresentada como uma crítica e uma alternativa à cultura dividida e fragmentada que vivemos. Trata-se de uma concepção baseada não no princípio burguês de relações sociais radicadas na supremacia do indivíduo, mas no princípio alternativo da solidariedade que Williams identifica com a classe trabalhadora (CEVASCO 2003, p. 20).

Cevasco (2003) menciona ainda que o discurso de Williams no decorrer da sua obra<sup>69</sup>, vai desconstruindo a dicotomia entre cultura e civilização e suas oposições entre o mundo espiritual e material, a criatividade e o mecanicismo, a grande arte e a vida ordinária, ou seja, Williams procura superar o distanciamento estruturante entre a tradição cultural e a sociedade.

A “Cultura”, com C maiúsculo, é colocada longe da vida material, onde encontra seu significado. Para Williams, a questão nodal é verificar que a cultura é produzida de forma muito mais extensa do que querem fazer crer os defensores da cultura de minoria. Longe de desprezar o que comumente se designa as grandes obras da Cultura, é preciso se apropriar dessa herança comum retida nas mãos de poucos, por meio da abertura do acesso aos meios de produção cultural. Williams lembra que é preciso insurgir-se ainda contra uma outra identificação indébita, a de cultura popular com cultura de massa (CEVASCO, 2003,p. 23).

Cevasco (2003) entende que a diferença substancial que a contribuição de Williams coloca em pauta é a percepção materialista da cultura. Para o autor, os bens culturais são resultados de meios de produção, mas também, materiais desse processo, que concretizam relações sociais em instituições, convenções e formas. A produção cultural, ou a prática cultural, conforme coloca Williams (1992), não é só

---

<sup>69</sup> *Culture and Society*, 1958.

um produto decorrente de uma ordem social diversamente constituída, mas elemento importante em sua constituição.

Conceituar a cultura, argumenta Cevasco (2023), “é pronunciar-se sobre o significado de um modo de vida” (CEVASCO, 2003, p. 23), um amplo campo de estudos e intervenções, apto aos Estudos Culturais.

Hall (2003) relata que Williams percebe a cultura como algo que se conecta a todas as práticas sociais, uma forma comum de atividade, pela qual as pessoas constroem a sua história em determinado campo de força social. Se a arte é parte da sociedade, não há unidade sólida externa a ela, para a qual atribui-se prioridade pela forma de nosso questionamento, explica Hall (2003) citando novamente Williams (1965), que argumenta: a arte existe como uma atividade, igual à produção, o comércio, a política ou a criação dos filhos. Para estudar as relações adequadamente, é preciso observá-las ativamente, percebendo todas as atividades como formas únicas e contemporâneas de energia humana.

Dentro desta perspectiva, a arte é apenas uma parte da comunicação social, já a cultura é todo um processo global pelo qual as significações são socialmente e historicamente construídas (ARMAND E MICHÈLE MATTELART, 1999).

Os Estudos Culturais constitui um ramo da sociologia geral, completa Williams (1992). Um campo mais próximo das questões sociológicas gerais, do que no entendimento de uma área mais especializada. “Ao mesmo tempo, embora seja um tipo de sociologia que coloca sua ênfase em todos os sistemas de significações, está necessária e fundamentalmente preocupado com as práticas e a produção culturais manifestas” (WILLIAMS, 1992, p.14). Essa abordagem mais global, característica dos Estudos Culturais, requer novas categorias de análise social de instituições e formações especificamente culturais, além do estudo entre as relações concretas e os meios materiais de produção cultural (WILLIAMS, 1992).

Escosteguy (2001) recorre a Storey (1997) para explicar que por meio da análise da cultura de uma sociedade, considerando as formas textuais e as práticas documentadas, é possível reconstruir o comportamento padronizado e o conjunto de ideias compartilhadas pelos indivíduos que produzem e, ao mesmo tempo, consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade. É uma lógica que enfatiza a “atividade humana”, a produção ativa da cultura em vez do seu consumo passivo.

Dessa forma, a proposta dos Estudos Culturais é analisar as práticas culturais simultaneamente como formas materiais e simbólicas (ESCOSTEGUY, 2001). “O propósito da análise é entender como as inter-relações de todas essas práticas e padrões são vividas e experimentadas como um todo, em um dado período: essa é sua “estrutura de experiência” [structure of feeling]” (HALL, 2003, p.128). Hall (2003) ainda salienta que ao enfatizar os aspectos da cultura, da consciência e da experiência, e evidenciar o agenciamento, os Estudos Culturais rompeu, de alguma maneira, com o evolucionismo tecnológico, o economicismo reducionista e o determinismo organizacional.

Há uma certa aproximação prática entre os sentidos antropológicos e sociológicos de cultura como “modo de vida global” distinto e o sentido mais especializado de cultura como “atividades artísticas e intelectuais”. No primeiro, percebe-se um “sistema de significações” bem determinado, não só como essencial, mas como essencialmente conectado em todas as formas de atividade social. O segundo, coloca em evidência um sistema de significações mais geral, estabelecido de maneira muito mais ampla, abrangendo não só as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas as “práticas significativas”, considerando desde a linguagem, artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade, que agora integram esse campo complexo e necessariamente extenso (WILLIAMS, 1992).

As distinções entre as práticas são superadas pela visão de todas elas como formas variantes de práxis - de uma atividade e energia humanas genéricas. Os padrões subjacentes que distinguem o complexo das práticas numa sociedade específica em determinado período são “formas de organização” características que embasam a todas e que, portanto, podem ser traçadas em cada uma delas (STUART HALL, 2003, p. 129).

Para Williams, a cultura é como uma rede vivida de práticas e relações que organizam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo é prioridade (Escosteguy, 2001).

Ainda, de acordo com Williams (1958), Cevalco (2003) explica que a formação de uma sociedade é o desvelar de significados e caminhos comuns. O seu desenvolvimento acontece na dinâmica do debate e no aperfeiçoamento contínuo, sob a interferência da experiência, do contato e das invenções. A sociedade em desenvolvimento é um fato, mas ela se constrói e reconstrói em cada pensamento diverso e individual, um lento aprendizado das formas, propósitos e significados que possibilitam o trabalho, a observação e a comunicação. Paralelamente, está a

comprovação destes na experiência, a construção de novas observações, comparações e de novos significados.

Segundo Cevasco (2003), Williams (1958) defende que a cultura tem dois aspectos: os significados e direções conhecidos, em que seus membros são treinados; e as novas observações e os novos significados, que são apresentados e testados. Esses são os chamados processos ordinários das sociedades e das mentes humanas, pelos quais a natureza de uma cultura é observada: tanto a tradicional quanto a criativa; tanto os mais ordinários significados comuns quanto os mais refinados significados individuais.

As redes culturais estão se tornando o novo espaço público de mediação entre diferentes atores de um mesmo país, entre atores do mesmo campo —política, gestão, formação— em vários países, ou então mobilizando transversalidades e transdisciplinaridades que enriquecem o trabalho acadêmico do campo político e da criação artística, o campo político. Estamos perante a possibilidade histórica, não só tecnológica, mas cívica, de renovar radicalmente o quadro político da interculturalidade, tecendo redes que ligam cada vez mais o mundo dos artistas e trabalhadores culturais ao das instituições territoriais e das organizações sociais (MARTÍN-BARBERO, 2010, p. 32, TRADUÇÃO NOSSA).

Atribui-se a palavra cultura aos dois sentidos: para designar todo um modo de vida - os significados comuns; e para qualificar as artes e o aprendizado - os processos especiais e o esforço criativo, pois segundo Williams, toda sociedade humana tem a sua própria forma, propósitos e significados, expressos nas instituições, nas artes e no conhecimento (CEVASCO, 2003).

Hall (2003) entende o termo significado como tudo ao que se atribui valor e pode ser compartilhado na sociedade. E a partir das palavras de Williams (1965), explica que, considerando que o nosso modo de ver as coisas é exatamente a nossa maneira de viver, o processo de comunicação é realmente um processo de comunhão. Ou seja, o compartilhamento de significados, propósitos e atividades comuns, a possibilidade de entregar, receber e comparar novos significados, que conseqüentemente geram tensões, crescimento e mudanças.

Williams (1992) esclarece também que é possível identificar um sistema de significações de outros tipos de organização social, assim como de sistemas de signos mais específicos. Não há distinção para destacar essas áreas, mas para analisar a inter-relações entre estas. Por isso é preciso reconhecer sistemas econômicos, políticos e geracionais (de parentesco e família), e ser capaz de debater em seus devidos termos. Entretanto, ao inter-relacioná-los, percebe-se que cada um deles tem seu próprio sistema de significação. Afinal, são as relações entre

os seres humanos conscientes que se comunicam, elementos de um sistema de significações mais amplo e geral, ou seja, um sistema social.

O pesquisador explica ainda, que ao examinar um sistema social de maneira mais abrangente, é um equívoco restringí-lo somente ao sistema de significações, pois assim converteria todas as ações e relações humanas em meras funções de significação, reduzindo-as radicalmente. “Porém, também seria um erro supor que alguma vez se pudesse examinar de maneira proveitosa um sistema social sem incluir, como parte essencial de sua prática, seus sistemas de significações, dos quais, como sistema, depende fundamentalmente” (WILLIAMS, 1992, p.206).

Afinal, um sistema de significações é inerente a qualquer sistema político, geracional e, de modo mais geral, a qualquer sistema social. Entretanto, pode-se, também, destacar-se, na prática, como um sistema por si mesmo, de forma mais evidente, “uma língua; ou como um sistema de pensamento ou de consciência, ou, para utilizar aquele difícil termo alternativo, uma ideologia; e, ainda, como um conjunto de obras de arte e de pensamento particularmente significativo”, exemplifica, Williams, (1992, p. 207). Além disso, tudo isso existe, não apenas como instituições, obras, ou sistemas, mas também como práticas ativas e estado de espírito, conclui.

São nessas áreas de maior destaque, em que um sistema de significações fica mais nítido, que estão os sentidos mais negociáveis de “cultura”. Esse foi o uso prático operacional adotado por Williams (1992), pois de acordo com o próprio autor, “tem a vantagem de concentrar a atenção sobre uma área da prática humana que é muito importante em si mesma e que, como se afirmou, tem recebido muita pouca atenção da sociologia” (WILLIAMS, 1992, p. 207).

Além disso, há a vantagem de se colocar em pauta discussões sobre as qualidades específicas desses sistemas significativos manifestos e suas conexões com o que pode ser visto como outros sistemas (políticos, econômicos e geracionais). Entretanto, reforça Williams (1992), por mais difícil que seja, deve-se existir um controle teórico sobre o tipo de ênfase dado a esses sistemas de significações manifestos, pois, independente dos sistemas de sinais e sistemas de signos locais, estes constituem um sistema de significações mais amplo, que é a condição de qualquer sistema social e com o qual, na prática, de maneira concisa, compartilham seus objetos e conhecimento.

Assim, o que se pretende é que a distinção da cultura, no sentido mais amplo ou mais restrito, como um sistema de significações realizado, não só abra espaço para o estudo de instituições, práticas e obras manifestamente significativas, mas que, por meio dessa ênfase, estimule o estudo das relações entre essas e outras instituições, práticas e obras (WILLIAMS, 1992, p.207-208).

A interpretação dessas relações se estabelece em dois sentidos. Primeiro, ativa essas relações entre instituições, práticas e obras reafirmando que a prática significativa está essencialmente presente em todas essas instâncias. Depois, ativa as relações no sentido contrário, ao insistir em que há um sistema de significações, mesmo que mais ou menos completamente dissolvidas, inerentes em todas as atividades manifestas. O termo “mais ou menos” não é casual, mas um modo de indicar uma verdadeira amplitude em graus de significação, para mais ou para menos, que podem ser identificados na prática. (WILLIAMS, 1992).

## 5.2 “UM GRANDE ENCONTRO DE PESSOAS DISPOSTAS A FAZER ACONTECER”

Sobre as práticas realizadas nas etapas de criação, produção e divulgação do TOM Caderno de Ensaios da UFPR foram mapeadas muitas e diversas: criar, diagramar, entrevistar, redigir, ilustrar, produzir, divulgar, fotografar, apresentar, convidar, revisar, organizar, conferir, reunir, enfim, foram inúmeras ações efetivadas, em cinco anos de projeto. Cada pessoa que passou pelo TOM assumiu a tarefa de contribuir com o resultado final do Caderno.

Início então, a análise das entrevistas e o levantamento dos significados - articulados ao conceito de cultura proposto pelos Estudos Culturais apresentado anteriormente, a partir das práticas relatadas pela Arantxa Louise Torquato de Siqueira, cujo depoimento publicado na sexta edição do Caderno foi o grande motivador para essa pesquisa. Assim, cumpro o último objetivo específico proposto neste estudo: analisar de que forma estas práticas contribuíram para a constituição e compartilhamento de significados entre os/as curadores/as e estudantes.

Durante sua participação no projeto, Arantxa foi responsável pelo *clipping* das matérias publicadas sobre o Caderno, manteve contato com os/as convidados/as que contribuíram com o TOM, produziu textos para as redes sociais da Coordenadoria de Cultura, participava das reuniões com os/as curadores/as e das rodas de conversa com a equipe, apresentou o projeto na Semana Integrada de

Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPR (SIEPE) e fez algumas revisões de conteúdo.

Sobre a interação entre os/as estudantes, Arantxa comentou que não era tão forte no dia-a-dia de produção porque, às vezes, os horários de trabalho na Coordenadoria de Cultura não coincidiam em função dos turnos dos Cursos, por isso as trocas não eram diárias. Mas sempre que havia uma reunião ou roda de conversa, o grupo prolongava o debate e mantinha o contato mesmo que por mensagem via telefone celular.

A jornalista enfatizou muito sua atuação no TOM#6, “eu sentia que tinha um propósito, sabe?”. Estar em um projeto que trouxe a africanidade como pauta, não no sentido estético, mas no contexto cultural, histórico, emocional e social, despertou muitas reflexões.

Eu acho que foi muito bom pra mim, não num sentido de aceitação, mas de entender ou respeitar o seu espaço no mundo, vamos dizer assim. Eu sou filha de uma mãe branca e de um pai preto e meu cabelo, por exemplo, é enroladinho mas eu uso alisado. E um dos motivos é porque eu sofri muito *bullying* quando eu era criança. Hoje super gosto assim [liso], se eu quiser voltar às vezes com o cabelo cacheado, eu volto, enfim, mas eu me curto mais assim. Só que também é uma baita herança de todas as coisas que aconteceram, né? E, agora, inclusive é muito maravilhoso que tem mais contexto para as pessoas poderem usar cabelo cacheado, viver de boa com isso (ARANTXA LOUISE TORQUATO DE SIQUEIRA, 2022).

Arantxa relatou que também passou pelo preconceito por questões de cor da pele, só que muito minimizados. “Eu não me sinto à vontade para falar que eu sofri racismo porque eu não me considero preta retinta, então a situação é diferente. Mas então eu penso, será que eu tenho que ignorar o que passei porque não sou preta retinta?”, pergunta. Exatamente o questionamento que colocou no texto, publicado no TOM#6: “sou muito branca para ser preta, mas muito preta para ser branca... então, eu sou o quê?” É o que Lilia Schwarcz (2012) chama de discrepâncias entre a cor atribuída e a cor autopercebida, e que muitas vezes, estariam relacionadas com a própria situação socioeconômica dos indivíduos. “No país dos tons e dos critérios fluidos, a cor é um critério de classificação, variando em função do local, da hora e, sobretudo, da condição” (SCHWARCZ, 2012, p.49).

Há pouco tempo, Arantxa fez alguns estudos e constatou que a expressão “pardo” é considerada pejorativa, mas que não existe um meio termo, não tem como dizer preto mais claro, é preto!

Sobre a expressão “pardo”, Schwarcz (2012) lembra que o Censo Demográfico, pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

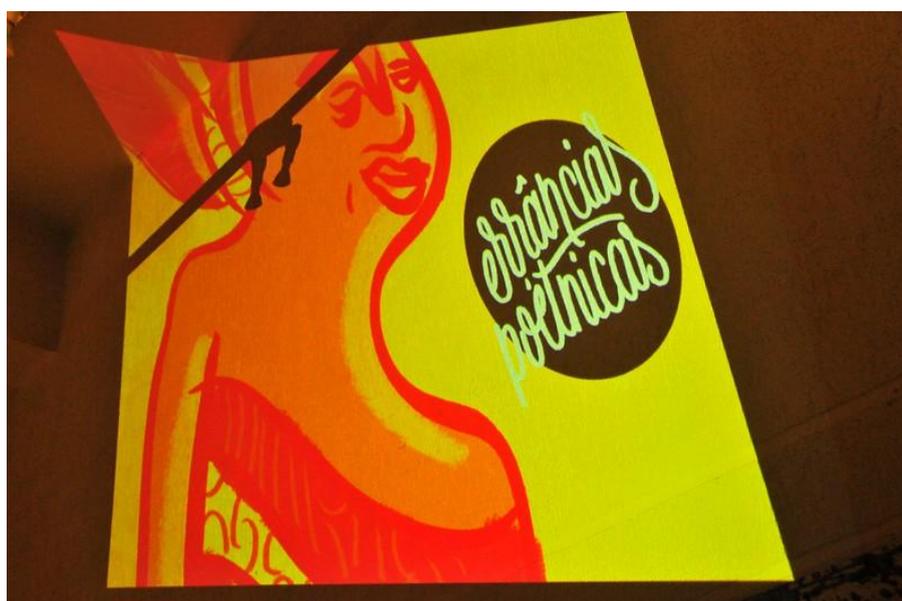
(IBGE), utiliza “apenas cinco cores como critério de definição, e dentre elas se encontra o “pardo”; que funciona como uma espécie de coringa da classificação: nunca uma autodenominação, sempre um atributo externo (SCHWARCZ, 2012, p.49).

Além disso, ponderou Arantxa, há um contexto de preconceito dentro do próprio coletivo, “se eu me considero preta, a pessoa me fala: você não é preta! Você não passa pela metade do que eu passo”. Por isso a vivência na produção da sexta edição do TOM contribuiu

No sentido de eu conseguir me conectar com o meu passado, de entender a necessidade de estudar mais sobre o assunto, de saber como eu posso me portar com outras pessoas que passam de verdade por problemas mais profundos do racismo e como isso afetou a minha vida. De entender que eu posso falar: eu sou preta, não só fisicamente, mas na minha história, na minha origem (ARANTXA LOUISE TORQUATO DE SIQUEIRA, 2022).

Arantxa citou ainda a experiência de um outro menino que participou do projeto - era ilustrador. Ela lembrou de uma conversa em que ele comentou que se considerava uma pessoa branca. E a partir das reuniões com os/as curadores/as, “um povo preto, empoderado, forte”, ele se descobriu preto. “Foi um baque”, comentou Arantxa, supondo que isso resultou do fato de que não se vê muitas pessoas pretas em Curitiba, desde que se mudou para a cidade, nem profissionalmente, ela teve esse contato tão próximo. Como nasceu em São Paulo, carrega uma referência diferente, além disso, seu pai, preto, fazia questão de reforçar suas raízes.

**Figura 6 - Capa de seção TOM#6 projetada no evento de lançamento da edição**



Fonte: TOM Caderno de Ensaios da UFPR v.3, n.6

Ser mais empática nesse lugar, ser mais questionadora também foram algumas das mudanças observadas pela jornalista. “Agora eu tenho vontade e liberdade para entrar nesse debate. De dizer como você se sente? Como você se enxerga? O que você faz para isso?” Arantxa acredita que não pode usar esse privilégio só para si e que pode fazer algo pelas pessoas que são como ela. Então, se considera muito mais ativa nesse sentido, questionando os ambientes onde atua, como, por exemplo, em relação a promoções de cargo e vagas de trabalho para pessoas pretas e LGBTQIA+<sup>70</sup>. Porque tocar no lado emocional, motiva a transformação, completa Arantxa.

Em relação ao aspecto profissional, Arantxa contou que o TOM é especial porque foi a primeira vez que atuou na área da Comunicação, como jornalista. E foi a primeira vez também que teve um texto seu publicado, um marco, ressaltou. No final, Arantxa comentou que quando olha para trás e compara com o momento atual percebe o seu crescimento e que isso tem a ver com os lugares em que passou, as bagagens que adquiriu e como as oportunidades que surgem são importantes para o nosso desenvolvimento.

Durante a entrevista, Amanda Melo Silva contou que no início do projeto foi voluntária, mas depois de alguns meses, surgiu a possibilidade de participar como bolsista. Como era aluna de um curso na área cultural, ficou responsável por organizar, produzir e divulgar os eventos de lançamento das edições que participou. Sempre pensados em dialogar com a temática do Caderno, os eventos, além de mostrar a mais nova publicação do TOM - resultado de um trabalho coletivo e colaborativo, tinham o intuito de ser um momento de interação mais informal, sem protocolos, tanto para a equipe quanto para os convidados. A ideia era proporcionar uma atmosfera de envolvimento, que aproximasse o público dos temas tratados no Caderno, visto que o TOM é no formato digital, explicou Amanda. Então, por exemplo, o TOM#5, que abordava o *queer*, foi lançado com uma festa bem agitada, com discotecagem, dentro de um bar de Curitiba.

---

<sup>70</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, *queer*, intersexo, assexual.

**Figura 7 - Festa lançamento TOM#5**

**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR**

O TOM#6, edição que discutia a cultura afro-brasileira, “foi um lançamento incrível, teve banda, teve comidinha, foi muito bom”, relatou Amanda. O evento contou com comidas típicas da República Democrática do Congo; as cores, as poesias, a música, o agito da negritude saiu do bar e tomou conta das ruas.

**Figura 8 - Festa lançamento TOM#6**

**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR**

Para o TOM#7, que tinha como tema a migração, os próprios refugiados fizeram a festa com sua culinária, seus sabores, sua música e sua arte para mostrar a sua história.”Foi bem bonito esse lançamento”, comentou Amanda.

**Figura 9 - Evento lançamento TOM#7**

**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR  
Fotógrafa - Laura Sferelli Fontoura**

A temática do TOM#8 era a música de concerto, então o evento foi para dentro da sala de ensaios da Orquestra Filarmônica da UFPR, justamente para proporcionar essa vivência ao público.

**Figura 10 - Evento lançamento TOM#8**

**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR  
Fotógrafa - Laura Sferelli Fontoura**

Amanda também mencionou que após os eventos, ela redigia os textos que descreviam os detalhes de cada lançamento. Os relatos eram publicados nas páginas finais de cada edição e tinham como propósito registrar as produções. Além disso, ficava responsável pela divulgação dos Cadernos nas redes sociais da Coordenadoria de Cultura e geralmente entrava em contato com os/as curadores/as para agendar reuniões de trabalho. “Eu me comunicava bastante por *e-mail*, às vezes até pelo *WhatsApp*<sup>71</sup>, principalmente na fase de pré-produção dos eventos de lançamento, quando era preciso fazer contatos mais frequentes”, justificou.

Da equipe, Amanda lembrou do Victor, que foi uma pessoa que marcou bastante pelo seu trabalho enquanto *designer*. Citou a Bruna e a Vanessa, alunas do Curso de Design da UFPR, e a Arantxa, da Comunicação. “Eu lembro dessas pessoas que foram as que eu passei mais tempo”, explicou. Com a Arantxa, minha interação foi maior, relatou Amanda.

Nós escrevíamos juntas, cuidamos por um tempo das redes sociais, programávamos as publicações, participávamos das reuniões e, em alguns períodos, trabalhávamos juntas na mesma sala, então tudo isso fez com que nosso contato fosse mais próximo (AMANDA MELO SILVA, 2022).

Amanda ressaltou que atuar no projeto foi muito enriquecedor. O TOM#5 foi a primeira edição que participou. O Caderno trouxe o *queer* como temática e

Apesar de ter um conhecimento, quando você presencia o diálogo da curadoria, quando se tem um contato mais profundo, o entendimento é outro, porque enquanto estudante, às vezes, não temos esse conhecimento tão profundo sobre algumas questões (AMANDA MELO SILVA, 2022).

O TOM#6 trouxe como tema a cultura afro-brasileira. E mesmo morando em um país extremamente miscigenado, ainda existe um certo distanciamento dessa temática, então, mais uma vez, Amanda considerou o quanto foi importante esse contato com o coletivo negro.

A sétima edição do Caderno abordou a migração e “nós estávamos naquele momento recebendo muitos imigrantes, convivendo de perto com essa situação”, contou Amanda. Trabalhar com a realidade dos emigrados do projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária da Universidade Federal do Paraná foi uma mistura de sentimentos: encantador pela arte dos refugiados, mas, ao mesmo tempo, triste pela circunstância que estavam passando, destacou.

---

<sup>71</sup> Aplicativo que funciona como um serviço de mensagens instantâneas conectado à internet, disponível em multiplataformas.

**Figura 11 - Evento lançamento TOM#7**

**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR  
Fotógrafa - Laura Sferelli Fontoura**

Para Amanda, a experiência de atuar no TOM modificou a sua percepção. “O contato com essas temáticas tão distantes da minha realidade trouxe uma mudança no meu olhar. Hoje eu vejo, eu penso, eu ouço sobre esses temas de uma outra forma. Existe uma Amanda antes e outra depois do projeto”, finalizou.

Luiz Eduardo Geara relatou que o convite para atuar na curadoria do TOM#4 chegou por meio da colega Aline Gonçalves, jornalista da Seção de Comunicação da UFPR Litoral. Logo o grupo de curadores/as começou a se mobilizar para entender qual seria seu papel nessa edição. “Foi feita uma reunião em Curitiba e no retorno à Matinhos nós começamos a refletir, ainda na estrada, qual seria a proposta e então surgiu o tema”, completou. O Caderno abordou uma maneira de ver o litoral, mostrando como as pessoas que vivem no litoral se sentem entre a terra e o mar, e como essa relação limítrofe se desenvolve. A publicação apontou também, o mar e a agricultura como fontes de renda, característica específica desse universo caiçara da região litorânea do Paraná.

Dessa forma, o trabalho na curadoria do TOM#4 foi basicamente sistematizar o que já era praticado na Seção de Comunicação da UFPR Litoral, “divulgar, dar voz e luz a todas as frentes que acontecem no Setor, sejam elas de extensão, de pesquisa, ou de ensino”. As atividades eram familiar para Luiz Eduardo e seus/suas colegas que ao pensar no TOM e nas pessoas que gostariam de

convidar para participar do Caderno, idealizaram uma publicação heterogênea, que fosse bastante representativa, não só da Universidade, mas das áreas que a constituem, ou seja, seus projetos e suas pesquisas, articuladas às perspectivas artísticas, científicas e culturais.

Em função da distância física entre a UFPR Litoral, situada em Matinhos - litoral do Paraná, e a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, localizada em Curitiba, o contato entre a equipe ocorreu principalmente via *e-mail*. Luiz Eduardo considerou esse processo tranquilo, porque a equipe responsável pela curadoria já estava bem acostumada a utilizar essa ferramenta de comunicação no ambiente de trabalho. Só em relação à diagramação do Caderno, que os/as curadores/as tiveram pouco envolvimento, pois a arte foi toda desenvolvida pelo grupo que estava em Curitiba. “A nossa participação se limitou a poucos ajustes necessários em alguns artigos específicos da edição”, explicou Luiz Eduardo. Por outro lado, todo o conteúdo, assim como os/as autores/as convidados/as foram definidos/as pela curadoria. “Fazíamos o primeiro contato com as pessoas e depois a equipe do TOM oficializava o convite. Além disso, administrávamos o cronograma de trabalho para garantir o cumprimento dos prazos”.

Para Luiz Eduardo, participar do TOM trouxe um sentimento maior de pertença. “Eu pude experimentar um envolvimento mais profundo na vida acadêmica”. A identidade profissional acaba relacionada à rotina do trabalho diário. “Mas essa foi uma oportunidade de abrir o campo de visão e olhar mais cuidadosamente para vários outros projetos realizados dentro da Universidade, que muitas vezes conhecíamos apenas superficialmente, por meio de uma notícia”, finalizou.

Eduardo Zmievski também atuou no TOM#4, fez a direção de arte e todo o trabalho de diagramação desse número. “Minha tarefa era definir o projeto gráfico e fazer, do começo ao fim, a direção visual do Caderno”. Eduardo relatou que recebia os textos, as entrevistas e, às vezes, algumas imagens e então, criava o *lay-out* das páginas, definindo como iriam se posicionar os blocos de leitura. Ficou responsável também pela produção das capas, inicial e de cada seção, desta edição. “Eu tive bastante liberdade criativa”, destacou.

**Figura 12 - Evento lançamento TOM#4**



**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR**

Como era uma edição sobre o mar, o *designer* retratou graficamente no Caderno a experiência de uma pessoa que está na areia e segue em direção ao mar para um mergulho. Uma metáfora do mar e da profundidade dos textos e das imagens, “eu queria que isso refletisse visualmente no Caderno”, explicou Eduardo.

Por exemplo, essa seção sobre o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná em que as imagens estão todas deformadas, eu queria realmente que nesse momento do Caderno a pessoa tivesse a impressão que estava embaixo d’água, com o ruído da sujeira debaixo do mar, com a distorção assim como se o museu estivesse realmente embaixo d’água (EDUARDO ZMIEVSKI, 2022).

Foi um exercício bem grande e alguns meses de trabalho porque é um Caderno com mais de duzentas páginas, contou Eduardo.

Sua maior motivação para participar do projeto de extensão, foi a possibilidade de trabalhar com uma proposta gráfica dessa escala, “era algo que eu imaginava não ter tão facilmente se fosse em outro lugar, uma empresa, por exemplo, eu com certeza não teria o mesmo nível de responsabilidade e liberdade criativa”, justificou o *designer*.

Assim como Luiz Eduardo, Eduardo comentou que não teve muita interação com a equipe envolvida na produção do TOM#4. O contato mais próximo foi com os seus veteranos que já haviam participado desse mesmo projeto.

Eduardo também participou do TOM#6 como ilustrador.

Eu lembro que esse Caderno era muito focado na cultura afro-brasileira. Eu até me senti meio deslocado naquele contexto, porque eu não sabia exatamente como colaborar para aquele Caderno. Mas no fim, entendi que

era mais para mostrar o processo dos artistas envolvidos, a contribuição de cada um (EDUARDO ZMIEVSKI, 2022).

Ao finalizar a entrevista, Eduardo contou que a sua participação no TOM, assim como em outros projetos culturais que atuou dentro da UFPR, significou uma realização pessoal, pois enquanto aluno, teve a oportunidade de concretizar algo, de dar a sua retribuição para a Universidade.

Cristiane dos Santos Souza falou que quando recebeu o convite para ser curadora da terceira edição do TOM estava lendo sobre o conceito de hibridismo cultural de Néstor García Canclini.

Isso para mim, estava muito pulsante, como que vão se construindo essas relações culturais de troca a partir dos encontros, como que a gente vai se adaptando, se transformando, ressignificando práticas, conceitos, ideias, dessas relações de aproximação entre diferentes grupos e ao se aproximarem o que vem disso? (CRISTIANE DOS SANTOS SOUZA, 2022).

Assim, o TOM#3 explora essa questão do híbrido que vai tocando, contaminando e sendo contaminada, porque a arte tem que chegar em todos os lugares, explicou Cristiane. Foi a primeira vez que atuou como curadora de uma publicação, mesmo assim explicou que pôde exercer esse papel com total liberdade. “A partir do canal aberto, cada TOM é uma singularidade, é uma beleza, (...) essa metodologia de deixar os curadores à vontade é muito potente”, refletiu Cristiane. E o que foi muito interessante de poder fazer a curadoria com essa liberdade foi ter a possibilidade de transitar nesse lugar da incerteza, experimentando diferentes dinâmicas.

Tinha uma seção com fotos, outra com entrevista, a gente criou um vídeo para revista, tinha um outro que era uma entrevista com a Cristiane Bouger<sup>72</sup>, que trazia o híbrido, na ideia de uma brasileira que está em outro país. Então, essas relações de troca me interessavam e esse método que não era necessariamente só texto escrito também me remetia falava ao híbrido (CRISTIANE DOS SANTOS SOUZA, 2022).

---

<sup>72</sup> Cristiane Bouger (Curitiba, 1977) é uma artista interdisciplinar que desenvolve trabalhos em performance, vídeo, instalação, teatro, dança, texto e escrita crítica, relacionando corpo, biografia, cultura e política.

**Figura 13 - Cartaz de divulgação do evento de lançamento TOM#3**



**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR  
Autor - Victor dos Reis Damaceno Uchoa**

Sobre a equipe de produção do Caderno, Cristiane comentou que essa curadoria ensinou e ajudou a entender esse lugar da mobilização das pessoas, que independente da ocupação, técnica-administrativo/a, docente ou estudante, todos/as estavam comprometidos/as com a ação, não existia diferença, esse foi o grande diferencial do projeto. Havia um grande compromisso. O que é bem engraçado, reforçou, porque normalmente quando se tem muita liberdade para trabalhar, pode gerar também uma certa confusão.

Existe uma linha tênue entre você trabalhar com liberdade e, ao mesmo tempo, com confiança. Então, não é que vale qualquer coisa. Na verdade, dentro de um plano conceitual de estéticas, era meio que: você propõe e nós partilhamos da sua ideia. A gente se entendia, isso fluía muito bem naquela equipe, era interessante (CRISTIANE DOS SANTOS SOUZA, 2022).

Além da equipe de alunos/as que participaram no desenvolvimento do TOM pela Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Cristiane comentou que, na época em que foi curadora do TOM#3, estava simultaneamente coordenando um grupo de estudantes que se autodenominava *Corpos Inquietos*. Esses/as estudantes ajudaram na montagem de toda a estrutura do evento de lançamento da publicação, ampliando assim o alcance do caráter formativo do projeto.

**Figura 14 - Evento lançamento TOM#3**



**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR**

Ainda, sobre a participação dos/as alunos/as, Cristiane lembrou que começou a conversar com os/as estudantes que tinham feito intercâmbio, então propôs trazer a pauta do intercâmbio da universidade e registrar como foi a experiência dos/das discentes indo para fora do país. “Eram alunos/as, também jovens, que não dominavam línguas, tanto que a maioria vai para Portugal, pela primeira vez entraram em um avião, pela primeira vez saíram do Brasil”, relatou Cristiane. Assim, o Caderno oportunizou um espaço para que esse/a jovem pudesse descrever um pouco sobre essa experiência, como foi essa transição de ter vivido lá e voltar para o Brasil.

Isso fala do híbrido. O que que te agregou lá, o que te trouxe de conflito? Normalmente, ouvimos dos/as dos alunos/as que saem para o intercâmbio, que transforma tudo dentro deles por causa desses processos culturais todos que acontecem nos corpos, então isso também foi uma coisa bonita da revista (CRISTIANE DOS SANTOS SOUZA, 2022).

Para mim, relatou Cristiane, participar da curadoria do TOM#3 foi um divisor de águas na minha vida. Foi como um ritual de organização de tudo que vinha fazendo na Universidade, até então. O TOM materializou todas essas ações. “Porque quando se trabalha com performance, as coisas meio que escorregam, é mais difícil visualizar toda sua produção. Esse processo todo, foi uma das coisas mais legais que eu fiz na vida”, concluiu.

Laura Sferelli Fontoura afirmou que participou por dois anos do projeto e que desde do início foi aluna bolsista. Foram quatro Cadernos, do sétimo até o décimo.

Lembrou que ao entrar na equipe, pensou que iria auxiliar só na parte de divulgação de conteúdo sobre o TOM nas redes sociais da Coordenadoria de Cultura. Mas logo foi requisitada para a produção de textos do Caderno e também para contribuir nos eventos de lançamento da publicação.

Eu sempre cuidava parte do registro, da memória dos eventos, então eu me preparava antes para tirar foto, eu não tinha câmera, eu não tenho câmera até hoje, então eu sempre ia lá na UFPR alugar a câmera antes, com antecedência, acho que inclusive teve um evento que a gente tirou foto pelo celular porque não tinha esse recurso (LAURA SFERELLI FONTOURA, 2022).

Apesar de ter participado da equipe de produção de quatro edições do TOM, o que mais chamou sua atenção foi a experiência que teve no TOM#7, sobre migrantes e refugiados, “mudou minha vida”, completou.

Antes de atuar no projeto, Laura havia se envolvido com as missões da igreja que frequentava, então já tinha uma certa afinidade com o tema da migração.

Quanto mais eu ia conhecendo sobre o mundo dos migrantes, estar no meio deles, me trouxe essa certeza que a gente precisa ajudar essas pessoas. Eu acho que foi com esse Caderno que mais aprendi sobre humanidade. Essa questão de você se colocar no lugar do outro, entender a realidade dessas pessoas (LAURA SFERELLI FONTOURA, 2022).

É mais prático contribuir com uma doação financeira, por exemplo, do que se envolver com a realidade dessas pessoas, explicou Laura. Assim, você não toma conhecimento sobre a realidade, não entende que a dificuldade deles/as vai além do recurso monetário, é também com a língua - muitos não dominavam o básico. Sem falar nos aspectos jurídicos, a maioria não conhecia seus direitos. “Então, esse projeto me ensinou muito isso, de se colocar no lugar do outro, entender qual é realmente a dor daquela pessoa”, relatou.

Laura também comentou a respeito da interação do grupo. Todos/as eram bem receptivos/as e se colocavam sempre disponíveis para trabalhar em conjunto, então as trocas aconteciam muito naturalmente.

Esse era um mérito de quem coordenava as ações, porque quando se tem um líder que está disposto a unir a equipe, a ensinar, a conversar, a tirar essa formalidade de superior, digamos assim, motiva as pessoas do projeto a agirem da mesma forma (LAURA SFERELLI FONTOURA, 2022).

Quando a equipe participou da Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPR (SIEPE), Laura contou que os/as alunos/as se reuniram uns dias antes para personalizar e atualizar o conteúdo do material de acordo com as falas da apresentação, que também era previamente ensaiada. “Eu participei de duas

edições da SIEPE, e acho que nas duas, a gente se reuniu duas ou três vezes antes da apresentação para ensaiar, foi um momento de muitas trocas”, acrescentou.

Mas nem sempre a interação foi tão intensa e frequente. “Talvez porque eu estudava no *campus* Juvevê e a maioria dos/as estudantes envolvidos/as no projeto eram da Reitoria, ou porque não tive oportunidade mesmo”. Para Laura, a distância física influenciou nesse aspecto. Ela lembra de ter almoçado uma vez com a Amanda no Restaurante Universitário, e solicitado a ajuda do Victor que foi bem solícito, mas “eu acho que eu me sentia mais próxima dos curadores do que dos alunos”, argumentou.

Laura ressaltou ainda, que os encontros e as trocas mais potentes aconteciam durante as reuniões de trabalho. Os eventos de lançamento do Caderno eram momentos descontraídos em que a interação era mais informal. “Eu ficava mais envolvida no círculo de pessoas que eu já trabalhava. Tive a oportunidade de trocar ideias com alguns curadores durante os eventos. Esses encontros, essas reuniões foram muito boas para isso”, finalizou.

**Figura 15 - Reunião de trabalho TOM#9**



**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR**

**Figura 16 - Reunião de trabalho TOM#10**

**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR**

Kando Fukushima resumiu sua participação como um dos curadores do TOM#10 em “aprendizado”. O professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná contou durante a entrevista, que o tema da décima edição, imagens como protesto e resistência, particularmente o interessa bastante, “tem a ver com a minha pesquisa dentro da universidade, mas tem a ver também com a minha própria vivência mesmo”, completou.

O professor, até então, não tinha uma experiência mais profissional na área de curadoria. Foi durante o processo de produção do Caderno que aprendeu como se faz uma revista e quais seriam as práticas realizadas pelo grupo. Kando relatou que ficou responsável, juntamente com as demais curadoras, por definir quem seriam os/as autores/as convidados/as e providenciar o primeiro contato para verificar se teriam disponibilidade para aceitar o convite e providenciar o material para o Caderno. Além disso, organizou a distribuição de tarefas e traçou o cronograma de atividades, reconhecendo que algumas etapas do processo exigiam um controle mais rígido das ações. Kando declarou ainda que as entrevistas para a publicação também foram um desafio para o curador, considerando a própria construção do método.

Mas o aprendizado não foi só de ordem prática ou técnica. Kando mencionou que aprendeu muito sobre as relações pessoais. É sempre gratificante trabalhar com parceiros/as que respeitamos e estudantes interessadas e dedicadas. Apesar de no final ter ficado com a sensação que ainda poderia fazer mais pelo Caderno, o professor declarou que “foi pessoalmente um baita aprendizado. Fiquei

muito feliz de ter sido convidado. Talvez tenha sido uma das melhores experiências em termos de produção. Foi inspirador”, concluiu.

**Figura 17 - Capa de seção TOM#10**



**Fonte: TOM Caderno de Ensaios da UFPR v.5, n.10**

Quando foi convidado/a para participar do TOM, o/a Entrevistado/a 9 relatou que sentiu o convite como um chamado para materializar a história, deixar lá, usar esse espaço do Caderno, da UFPR, para registrar a memória dessa história. Além disso, ao participar e escrever o conteúdo, o/a entrevistado/a acredita que estava contribuindo para a pluralidade de vozes daquela edição.

Só que naquele momento nós sabíamos que nos chamaram porque era para escrever sobre esse tema. Eu posso escrever sobre outros bailes, eu posso escrever sobre outras culturas, outras bandas, eu posso escrever sobre outros cinemas, mas nós geralmente somos convidados para abordar esse assunto. Se é ruim? Isso é péssimo! Porque somos competentes o suficiente, formados, profissionais para atuar nessa área da comunicação, cobrir matéria ou produzir conteúdo, independente se vai abordar as questões de raça, de gênero ou qualquer outro recorte (ENTREVISTADO/A 9, 2022).

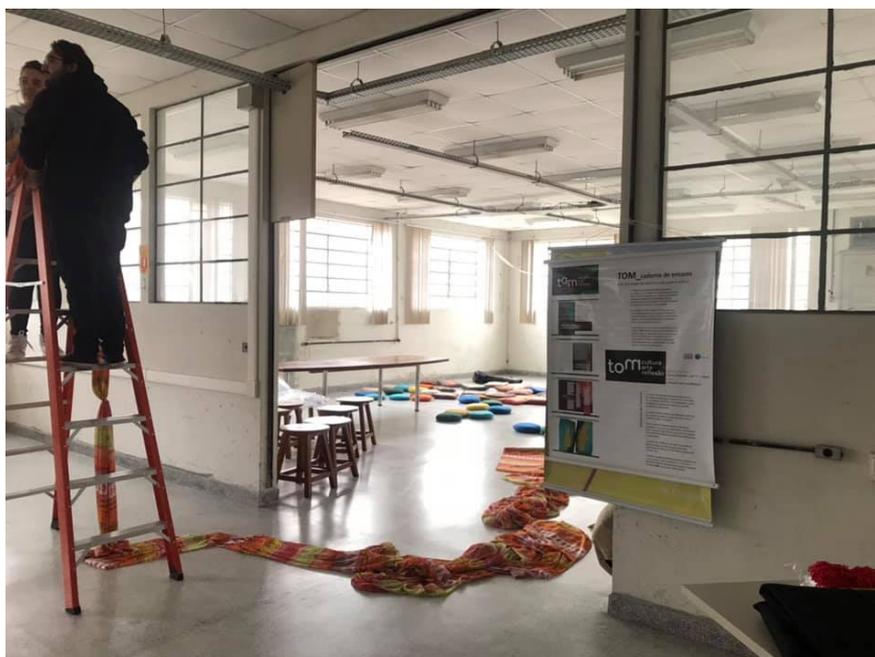
O/a Entrevistado/a 9 relatou que já tinha uma certa experiência com curadoria, “algumas recomendações de livros, às vezes fazíamos mostras, então eram curadorias breves, mais de conteúdo, mas sempre passavam por mim”, justificou.

Mesmo tendo que se dividir entre o horário de trabalho e o tempo livre para acompanhar as reuniões, o/a entrevistado/a 9 fazia questão de estar presente nesses encontros para refletir junto com a equipe como seria a publicação. “Foi um

trabalho coletivo. A equipe era muito coesa, sincronizada”. Todos assumiram a responsabilidade de atuar como agentes culturais nesse processo, explicou.

Para o/a Entrevistado/a 10, a extensão universitária envolve pessoas, vidas e comunidades. A extensão é o chão de fábrica, é a prática, é o lugar do fazer. Quando elaboramos uma proposta de extensão dificilmente conseguimos prever exatamente como de fato acontecerá e qual será o resultado. Porque algumas das ações, assim como as suas resoluções, se constituem durante o processo, por isso é tão difícil prevê-las. Isso significa, que na extensão, muitas vezes o processo é mais importante que o resultado. O/a proponente imagina uma situação, a comunidade traz outra demanda e o que realmente acontece é totalmente diferente. Há uma rede de pessoas que se propõe a realizar um projeto e é preciso um esforço para manter essa rede e as atividades da proposta. Por isso o processo é tão importante, mas infelizmente o registro qualitativo com suas variáveis e especificidades não cabem no formulário padrão do relatório final exigido. Deixando para trás informações relevantes sobre a atuação da extensão universitária dentro do contexto da comunidade interna e externa à Universidade. “Para mim, o TOM foi um grande encontro de pessoas dispostas a fazer acontecer”, relatou.

**Figura 18 - Produção para o evento de lançamento TOM#9**



**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR**

Victor dos Reis Damaceno Uchoa foi o estudante que participou do maior número de edições do Caderno, foi uma longa trajetória. Tudo começou no TOM#1. Naquele ano a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR contava com a colaboração de vários/as bolsistas dos Cursos de Design Gráfico e Design de Produto. Mariana Midori foi quem desenhou a identidade gráfica do TOM. Estavam lá também os/as alunos/as Lucas Garcia, Ana Lino e Camila Villanova. Era muita gente naquela sala. “Eu fiquei responsável pelo projeto editorial do TOM#1 e pelo material gráfico de divulgação da publicação. Foi o início da minha carreira profissional”, descreveu o *designer*.

Depois veio o TOM#3. Victor trabalhou na diagramação enquanto o Lucas Garcia e a Aurora Cristina criaram as colagens para o Caderno. “No TOM#1, eu estava muito no digital, no TOM#3 eu comecei a fazer experimentações mais manuais, ponderou. Victor lembrou que para essa edição ainda criou um cartaz que, infelizmente, só foi impresso após o evento de lançamento.

“No TOM#5 eu cuidei de tudo! Ali foi sozinho, nessa edição não tinha mais ninguém enquanto bolsista de *design* gráfico”. Victor gostou dessa experiência porque o fez se sentir mais maduro de certa forma, porque até então estava acostumado a trabalhar sempre no coletivo, junto com outras pessoas e nesse Caderno era só ele com a orientação do professor Ronaldo Corrêa. Na época, o *designer* apresentou aos curadores, o professor Leandro Gorsdorf<sup>73</sup> e a professora Ângela Fonseca<sup>74</sup>, uma proposta pensada na ideia digital do *glitch*, que é um tipo de efeito, em que você abre o arquivo com um *software*. Ambos prontamente aprovaram a sugestão da atmosfera gráfica para o Caderno. Nesse número,

---

<sup>73</sup> Possui graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1998), mestrado e doutorado em Direito pela Universidade Federal do Paraná (2004 e 2016). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Paraná na área de prática jurídica em Direitos Humanos. Foi coordenador da Coordenação de Políticas Sociais e Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFPR durante os anos de 2013 a 2020. Membro do Instituto Brasileiro de Direitos Urbanístico e conselheiro da entidade de direitos humanos - Terra de Direitos. Membro da Comissão de Diversidade Sexual da OAB/PR. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito, atuando principalmente nos seguintes temas: direitos humanos, gênero, diversidade sexual e direito, direito urbanístico e direito e arte.

<sup>74</sup> Professora da Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora de pós-doutorado na UFPR, Doutora em Filosofia do Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com período de estágio de doutoramento (bolsa sanduíche) École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris. Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curso de aperfeiçoamento em Epistemologia Moderna e Contemporânea no departamento de Filosofia da Università degli Studi di Firenze. Graduada em Direito pela Universidade Federal do Paraná (1996). Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (2001). Tem experiência na área de Filosofia do Direito, com ênfase em Filosofia Política, atuando principalmente nos seguintes temas: Nietzsche, Foucault, direito, niilismo, crítica da modernidade, crítica da metafísica, biopolítica, corpo, sexualidade e gênero.

também foram produzidos uns lenços, que seguiam a mesma proposta gráfica da edição, para presentear os/as autores/as convidados/as.

Na sequência, veio o TOM#6. Então, o professor Ronaldo chamou mais três alunos/as para criar o desenho gráfico da publicação: Eduardo Zmievski, Marcella Calado e Wellington Júnior. O Eduardo porque naquele momento estava fazendo algumas experimentações plásticas, artísticas digitais. O Wellington por ser ilustrador e a Marcella, além de ilustradora, trabalhava com a arte do *lettering*<sup>75</sup>.

Na minha opinião foi caótico porque eram quatro pessoas diferentes que não necessariamente estavam trabalhando juntas. Porque a atmosfera gráfica era uma coisa, o conceito da ilustração era outra, o conceito de ilustração do Eduardo também era outra, a da Calado outra, e não necessariamente conversavam as quatro coisas entre si (VICTOR DOS REIS DAMACENO UCHOA, 2022).

Victor relatou também que, para ele, teve uma questão de pensar sobre a negritude, tema central do TOM#6. O *designer* confidenciou que, no fim, considerou particularmente o Caderno muito bonito, mas no início estava inseguro em como abordar o assunto sem cair em um terreno insensível com as pessoas responsáveis pela curadoria e com o Wellington, amigo e parceiro de trabalho naquela edição.

Se houvesse um TOM sobre a periferia, eu não gostaria que fosse cinza, que fosse o pixo, confidenciou Victor, que viveu essa realidade em São Paulo.

Tem muitas outras coisas, tem muitas outras referências de quem vive ali, naquele contexto. Por exemplo, as caixas, os engradados de cerveja que são muito coloridos, vermelho Brahma, amarelo Skol, azul Antártica, o carpete verde da sinuca, todas essas coisas são do meu contexto, então parte de mim foi pensar como não fazer algo que fosse estereotipado (VICTOR DOS REIS DAMACENO UCHOA, 2022).

A preocupação maior sempre foi ser sensível aos meus/minhas amigos/as, tentar ver e entender o que eles/as gostavam, explicou Victor. Mesmo o TOM#5, “eu falo que eu desenhei o Caderno sozinho, mas, ao mesmo tempo, eu tinha muitas referências, muitos amigos e amigas” que influenciaram no processo de criação, explicou.

A questão da negritude foi, ainda mais delicada para o Victor, porque no próprio Curso de Design, só naquele ano, tinham cinco alunos negros. E alunas lésbicas, alunos/as gays sempre tiveram. Mas o corpo negro era algo muito delicado, relatou o *designer* que se inspirou também nas referências do afrofuturismo para desenhar a proposta gráfica do TOM#6.

---

<sup>75</sup> Arte de desenhar letras, unificando um trabalho de ilustração, *design* e escrita. Disponível em: <<https://zipgrafica.com.br/tipografia-e-lettering-o-que-e-cada-um-e-quais-as-principais-diferencas/>>.

Já tinham algumas ilustrações, algumas fotografias preto e branco e eu pensei não acho que é por aqui o caminho. Eu acho que o caminho é a cor, uma cor mais fluorescente, mais forte, viva. É quase como pensar: esse corpo negro não tem que ser essa cor marrom, essa cor terra, quase como se tivesse que limitar a pessoa a aquilo, e eu acho que não, até porque cor é cor, cor qualquer um pode usar e pode ter (VICTOR DOS REIS DAMACENO UCHOA, 2022).

A proposta para o TOM#7 surgiu de um encontro durante a apresentação de trabalhos no Seminário de Extensão Universitária da Região Sul (SEURS), em Foz do Iguaçu, na Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA). As representantes do projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH)<sup>76</sup> da UFPR, assistiram à apresentação do TOM, realizada pelo Victor no evento, e dessa primeira conversa surgiu o interesse em publicar uma edição do Caderno em parceria com o PBMIH sobre o tema migração.

Nesta edição, entra no projeto a aluna bolsista Vanessa Diamante para definir o *design* gráfico da publicação, mas o professor Ronaldo pede para que eu a oriente, então naquele primeiro momento prestei um apoio ao trabalho dela, explicou Victor, “inclusive Vanessa é a primeira menina a desenhar o Caderno”, completa. Logo em seguida, por questões pessoais, Vanessa deixa o projeto e Victor assume a tarefa, tentando manter as referências gráficas que ela propôs para o TOM#7.

Depois, veio o TOM#8 sobre música de concerto e contemporânea no Brasil. Victor considera este o seu projeto mais maduro. “Olhando em retrospecto, eu acho que ele é o mais bem desenhado, de certa forma. É o que eu menos faria modificações. Foi um número menor, foi um número mais tímido, foi meu último número, enquanto *designer*”, concluiu.

No TOM#9 eu também participei, mas como ilustrador. Eu fiz três ilustrações de museus para o Caderno. O professor Ronaldo me convidou e eu escolhi fazer as ilustrações do Memorial da Resistência, do Museu do Futebol e da Pinacoteca. São lugares que eu frequento e também porque sou de São Paulo, esclareceu Victor.

A escolha pelo Memorial da Resistência foi porque durante uma visita ao museu, Victor relatou que ficou muito emocionado. “Acho que eu nunca chorei em um museu, exceto naquele, foi horrível, muito pesado”. Na época, houve a morte da

---

<sup>76</sup> O projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária foi fundado em 2013 na Universidade Federal do Paraná (UFPR). O principal objetivo do PBMIH é oferecer aulas gratuitas de português para migrantes portadores de visto de auxílio humanitário, solicitantes de refúgio, refugiados, apátridas e/ou migrantes em vulnerabilidade social, moradores de Curitiba e região metropolitana. A intenção do projeto é, sobretudo, promover o acolhimento dessas pessoas em nossa língua, o português brasileiro e, conseqüentemente, em nossa universidade (UFPR) e em nossa região.

Marielle Franco<sup>77</sup> e o caso do ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza<sup>78</sup>, então também relacionei o museu como um espaço de manifestação política, explicou o *designer*.

Quanto ao Museu do Futebol, teve um sentido de valorização, trazer a relevância e a importância do futebol de várzea porque é um futebol que cresci acompanhando os times ao lado do meu pai, o time do meu bairro versus o time do bairro vizinho, os mascotes, as camisas, aquilo para mim é muito forte, evidente. Eu não sou boleiro, não sou do futebol, mas meu pai é (VICTOR DOS REIS DAMACENO UCHOA, 2022).

Em relação à Pinacoteca de São Paulo, Victor contou que na verdade a ilustração não é sobre a Pinacoteca em si, “a minha referência no da Pinacoteca é o Museu da Língua Portuguesa porque eles são um em frente ao outro. Então, eu desenhei a fachada da Pinacoteca e pixei por cima daquela ilustração o texto ‘testemunha ocular de museu em chamas’, pois o edifício presenciou o incêndio do Museu da Língua Portuguesa, ocorrido em 2015. “E foi o meu último Caderno, minha participação no último Caderno, só que como convidado, enquanto ilustrador”, finalizou Victor.

---

<sup>77</sup> Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro, Marielle Franco foi assassinada no dia 14/03/2018, em um atentado ao carro onde estava. Disponível em: <<https://www.institutomariellefranco.org/>>.

<sup>78</sup> O ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza desapareceu entre os dias 13 e 14 de julho de 2013, após ter sido detido por policiais militares e conduzido, da porta de sua casa, na Favela da Rocinha, zona sul do Rio, em direção à sede da Unidade de Polícia Pacificadora do bairro. De acordo com a Justiça, ele foi torturado e morto por policiais e seu corpo nunca foi encontrado. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/brasil/justica-absolve-policiais-acusados-de-tortura-e-morte-de-a-marildo/98850/>>.

**Figura 19 - Evento lançamento TOM#9**

**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR**

Sobre a interação com a equipe que atuou no projeto, Victor considerou que não houve muitas trocas, porque na época, como a produção e o aproveitamento eram avaliados a partir da entrega das atividades e não necessariamente pelo cumprimento das horas presenciais na Coordenadoria de Cultura, sua preferência foi por trabalhar em casa ou nos espaços da Reitoria. “Acredito que eu não tinha maturidade suficiente para utilizar aquele espaço como um lugar de trabalho, uma coisa que eu lamento”, conclui.

No que se refere à oportunidade de atuar nos projetos que são realizados dentro da Universidade, Victor considera que era meio difícil garantir o engajamento por parte dos/as alunos/as.

É complicado dizer, eu não quero generalizar porque existiam pessoas envolvidas em outras coisas dentro da Universidade, alunos e alunas envolvidas em pesquisa científica, em monitoria, mas eu não sei se tinha, se sempre existiu esse interesse das pessoas em fazer algo na Universidade, para a Universidade (VICTOR DOS REIS DAMACENO UCHOA, 2022).

Nesse sentido, Victor, assim como Eduardo, tinha essa disposição e queria contribuir.

Se algo precisa ser feito e não necessariamente tem alguém para fazer, e se eu posso ser essa pessoa, eu quero fazer e quero fazer bem feito. Então eu vou fazer com o máximo de carinho, o máximo de responsabilidade

dentro da minha irresponsabilidade estudantil, é um compromisso (VICTOR DOS REIS DAMACENO UCHOA, 2022).

Essa é uma questão que acompanha o Victor, mesmo depois que deixou a Universidade. O *designer* relatou que costuma aceitar trabalhos sem apelos mercadológicos, com foco nas políticas públicas e sociais. Recentemente, desenvolveu um material para a Associação Brasileira de Antropologia, cujo tema era os direitos sociais. Criou também uma proposta para o Prêmio Pierre Verger, conectando a ideia do corpo e a técnica da fotografia. “Eu vejo muito do que foi o TOM nisso tudo”, completou Victor.

Eu assumo esses projetos porque eu gosto, porque me interessam. Parte de mim, ainda que insegura, pensa: precisa ser bem feito! E eu vou, eu sei que eu vou fazer o mais bem feito possível, ainda que não me pague tão bem. Existem trabalhos que pagam e existem trabalhos que são por porque a gente quer fazer. O TOM é porque eu sempre quis fazer (VICTOR DOS REIS DAMACENO UCHOA, 2022).

E o que ficou de todo esse processo? Perguntei finalizando a entrevista. “Tanta coisa que me marca, é muita coisa, porque vai além da área profissional, vai além da área pessoal, são as relações que eu construí, as amizades que eu fiz, a crítica e autocrítica”, respondeu Victor.

### 5.3 O PROCESSO É TÃO SIGNIFICATIVO QUANTO O RESULTADO FINAL

Ao finalizar este capítulo, além de cumprir o objetivo específico da pesquisa citado logo no início desta seção - analisar de que forma as práticas realizadas durante as etapas de criação, produção e divulgação do TOM Caderno de Ensaios, publicados de 2015 a 2019, contribuíram para a constituição e compartilhamento de significados entre os/as curadores/as e estudantes envolvidos/as no projeto - foi possível também reiterar e entender melhor quais foram as práticas exercidas pelos/as curadores/as e estudantes, elencadas ainda na fase exploratória deste estudo.

As entrevistas possibilitaram também olhar os Cadernos a partir das relações de quem os produziu, identificando o papel dos atores sociais como mediadores da produção cultural da Universidade e entendendo que essa relação entre produtores, neste caso estudantes e curadores/as, pode gerar descobertas e compartilhamento de significados. Nesse aspecto, a pesquisa deixou muito claro que as práticas podem até serem iguais, mas as motivações e os significados são

diferentes porque são acionados a partir das experiências de cada pessoa, sem escala de medida ou juízo de importância. As ilustrações feitas pelo Victor no TOM#9, por exemplo, tem uma relação afetiva com experiências que o *designer* teve ao morar, ou visitar São Paulo, sua terra natal. Laura muito provavelmente teve uma afinidade maior com o tema do TOM#7 em função da sua experiência com os migrantes, na igreja em que frequentava. Assim como a Arantxa, que sofreu *bullying* quando criança por causa do seu cabelo, se identificou totalmente com o tema do TOM#6, sobre a cultura afro-brasileira. Mas além dos significados de ordem pessoal, a partir dos relatos foram identificados também muitos significados constituídos na área profissional, o que confirma a extensão universitária como um espaço de formação.

Sobre as interações entre a equipe do TOM, em menor ou maior medida, pode-se afirmar que aconteceram. E a prova material disso, são os próprios Cadernos. Além disso, a maioria dos depoimentos, explicitam o contato com outros/as integrantes do projeto, com exceção do TOM#4, mesmo sem comprometer a logística de produção e o resultado final do Caderno, a distância física entre a equipe da curadoria, instalada na sede do Setor Litoral, em Matinhos, e os/as estudantes, trabalhando em Curitiba, limitou os encontros do grupo.

Como observado nos relatos, as interações realizadas durante o processo de desenvolvimento do TOM Caderno de Ensaios da UFPR constituíram redes de práticas e relações. Essas redes foram estabelecidas não só a cada edição do Caderno, mas também de uma forma mais abrangente, resultando em futuras ações, “a partir dos encontros que o TOM proporcionou surgiram outras ações que desencadearam em mais resultados”, considerou o/a entrevistado/a 10. Laura inclusive contou que depois dos eventos<sup>79</sup> de lançamento da sétima edição do TOM, ela encontrou com uma das curadoras da publicação e isso lhe rendeu um novo trabalho, “frutificou, digamos assim”, constatou. Victor lembrou que o seu contato com o Gilmar, estudante do Curso de Tecnologia em Produção Cênica, que também atuou na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, foi só em 2019, quando ambos já haviam deixado o projeto. “O Gilmar estava cuidando da produção de uma peça de teatro e de um show itinerante, e eu cheguei a trabalhar com ele”, justificou o

---

<sup>79</sup> O TOM#7 contou com dois eventos de lançamento: no dia 18 de agosto de 2018, no Teatro da Reitoria da UFPR, e outro, realizado durante a solenidade do IX Seminário Nacional da Cátedra Sérgio Vieira de Mello - ACNUR e da III Conferência Latino-Americana, no dia 13 de setembro, na Capela Santa Maria.

*designer*. “ As relações que fizemos no TOM, permanecem”, explicou Cristiane, que produziu um cortejo performático na Praça Santos Andrade, em Curitiba, e o Victor foi responsável pela criação do cartaz de divulgação.

Ainda sobre o aspecto da interação, uma questão que não foi relatada pelos/as entrevistados/as mas que me chamou a atenção e considerei válido registrar nesse documento, é a diferente naturalidade dos/das participantes: Amanda é natural de Aracaju, Sergipe. Eduardo nasceu em Curitiba, Paraná. Cristiane é da cidade de Jaguaruna, Santa Catarina, e Victor é natural de Carapicuíba, São Paulo. Com certeza este também é um fator que interfere nas experiências e significados compartilhados, ainda que subjetivamente.

Destaco também a relação do TOM com outros projetos de extensão da UFPR. Essa aproximação pode ser vista de duas maneiras: primeiro incentivando a participação em outros projetos culturais da Universidade, conforme experiência relatada por Victor e Eduardo. E segundo, por meio da parceria com o projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH) na produção do TOM#7 cuja relação entre as duas equipes ocorreu de maneira bem orgânica, pois ambas já adotavam uma modalidade de trabalho coletivo, colaborativo e interativo.

Em relação ao PBMIH, pode-se dizer que também gerou um outro fruto: a Revista Ressonâncias<sup>80</sup> publicada pela própria equipe do projeto e inspirada na trajetória do TOM.

Importante registrar que os/as curadores/as entrevistados/as revelaram que sempre tiveram muita liberdade para propor o conteúdo dos Cadernos e apoio para executar as propostas, o que reflete positivamente na dinâmica do trabalho, na cumplicidade da equipe e na qualidade tanto da publicação em si, como dos eventos de lançamento.

Considero ainda, que o próprio tema e conteúdo do Caderno quando, e se, lidos pelos integrantes do projeto assumem um caráter formativo para estes atores sociais, aumentando o repertório, provocando reflexões a respeito dos assuntos pautados confirmando, transformando ou constituindo novos significados.

Desta forma, acredito que com essa pesquisa foi possível verificar que o processo de um projeto, seja de ensino, pesquisa ou extensão, é tão significativo

---

<sup>80</sup> A Revista Ressonâncias é uma publicação relacionada à temática de migração e refúgio. Esse periódico tem seu surgimento no projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária, desenvolvido na Universidade Federal do Paraná (PBMIH-UFPR) - ISSN:2674-9858.

quanto o resultado final. Assim como, compreender de que forma as práticas realizadas no projeto de extensão TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura, contribuíram para a constituição e compartilhamento de significados entre os atores sociais (curadores/as e estudantes) envolvidos nas etapas de criação, produção e divulgação do TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná (2015-2019), objetivo geral deste estudo, respondendo assim, a questão de pesquisa: de que forma as práticas dos projetos de extensão universitária podem constituir significados aos atores sociais envolvidos?

## 6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de qualquer coisa, gostaria de registrar que no início desta pesquisa, muito provavelmente influenciada pelos depoimentos da Arantxa e do Wellington, projetei que os significados constituídos durante o desenvolvimento do TOM, seriam, em sua maioria, relacionados aos temas das edições, especialmente sobre a quinta e a sexta, que pautaram o *queer* e a cultura afro-brasileira, respectivamente. Entretanto, estava equivocada. A cada entrevista, a cada relato, fui compreendendo a importância do significado em si, na vida de cada um/a. São trajetórias diferentes, vivências diferentes, então os significados jamais poderiam ser iguais. Cada experiência é única e afeta de forma distinta. E não existe o mais, ou o menos relevante, o que prevalece é o valor atribuído individualmente, a reflexão e a transformação gerada em cada pessoa de forma única e particular. Posso dizer que os significados expressados me surpreenderam pela diversidade com que foram contemplados, desde algo que marcou no sentido profissional, como algo que despertou a conexão com as origens e com as lembranças afetivas do passado.

O TOM Caderno de Ensaios é isso: é a materialização das práticas, dos significados compartilhados, das interações em rede e da articulação entre a Comunicação para a Cultura, as Políticas para a Cultura e a Extensão Universitária.

A universidade é um espaço privilegiado para a inclusão, para a formação cidadã e para o debate sobre os assuntos da Cultura, entendendo-a também como um instrumento de geração de riqueza simbólica, pois a diversidade é uma realidade dentro do ambiente universitário. No Processo Seletivo UFPR - 2023 para a seleção dos/as novos/as estudantes, 1.637 foram aprovados/as por algum tipo de cota, ou seja, estudantes de escolas públicas e subcotas para pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência. Quatorze candidatos/as foram selecionados/as para as vagas suplementares ofertadas para pessoas com deficiência<sup>81</sup>.

A universidade também é parte das Políticas Públicas para a Cultura, desta forma necessita estar atenta e acompanhar de perto estes encaminhamentos políticos. Além disso, precisa se dedicar ao planejamento e a execução de ações que garantam tal articulação. Por isso a importância de um Plano Institucional de

---

<sup>81</sup> Disponível em:

<<https://ufpr.br/mulheres-estudantes-de-escolas-publicas-e-menores-de-18-anos-sao-maioria-entre-os-aprovados-no-vestibular-2023-da-ufpr/>>.

Cultura bem fundamentado e constantemente revisado e atualizado. Pois, conforme já colocado, sem uma atuação mais articulada, e realizada de forma dispersa, o potencial da intervenção cultural na universidade se torna insignificante diante da sua capacidade latente, que acaba por inibir a colaboração acadêmica universitária, gerando atividades de pequeno impacto, produzindo redundâncias, ampliando custos e limitando seus desdobramentos. Ou seja, coloca a atividade cultural da universidade em um patamar muito aquém das suas possibilidades (RUBIM, 2019).

É por meio da Cultura que a universidade promove o encontro de diferentes modos de conhecimento, que além do formato presencial, pode ocorrer a partir de ferramentas de acesso como a comunicação e a tecnologia.

E além de refletir sobre a transversalidade da cultura no ensino, na pesquisa e na extensão, é papel da universidade colocar em pauta a centralidade da cultura como algo relevante e singular no contexto contemporâneo, dentro de uma dimensão estratégica do desenvolvimento social e econômico. A universidade é um equipamento cultural que se relaciona com o território também por meio dos princípios da extensão universitária.

Assim, esta pesquisa, com a execução dos objetivos específicos, mostra de que forma as políticas públicas para a cultura se articulam com a extensão universitária e qual o papel do TOM dentro desse contexto como objeto de práticas e significados, cumprindo assim, o objetivo geral da investigação, ou seja, compreender de que forma as práticas realizadas no projeto de extensão TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura, contribuíram para a constituição e compartilhamento de significados entre os atores sociais (curadores/as e estudantes) envolvidos nas etapas de criação, produção e divulgação do TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná (2015-2019).

Em relação ao TOM e o conceito de diversidade cultural, que segundo a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, caracteriza-se pelas diferentes formas de criação, produção, difusão e fruição das expressões artísticas e culturais, independente do meio e da tecnologia utilizados, considere que o TOM Caderno de Ensaio, apesar de apresentar uma variedade temática em suas publicações, ainda está longe de contemplar uma pluralidade cultural, pois foram produzidas dez edições e cada número abordou um único tema.

Isso significa, que também seriam necessários tantos outros números e temas para que se configurasse uma abordagem multicultural.

Sobre a extensão universitária, a pesquisa aponta que a Extensão não é a base mais fraca do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, especialmente com a obrigatoriedade da Creditação da Extensão que tem por finalidade incorporar atividades de extensão às matrizes curriculares dos cursos de graduação, de acordo com o que prevê o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, Lei n.º 13.005, de 25 de junho de 2014. Além de ampliar a oportunidade de atuação dos/as alunos/as, dos/as servidores/as técnico-administrativos/as e docentes nas ações extensionistas, a creditação da extensão potencializa o diálogo e a troca de saberes entre a comunidade e a universidade, reforça a difusão cultural e cria meios para estabelecer processos de mudança social.

No que diz respeito às diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária (2012) - Interação dialógica; Interdisciplinaridade e interprofissionalidade; Indissociabilidade Ensino – Pesquisa - Extensão; Impacto na formação do estudante e Impacto e transformação social, pôde-se observar que o TOM, por meio das suas práticas, se aproximou de todas as diretrizes, seja pelo viés da curadoria ou pela perspectiva dos/as estudantes.

A ideia do projeto de extensão TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura era que o/a estudante se tornasse protagonista da sua formação técnica e cidadã, assim como os outros atores sociais envolvidos no projeto (docentes, técnico-administrativos, e estudantes de outras universidades), pois “apenas ações extensionistas com esses formatos permitem aos atores nelas envolvidos a apreensão de saberes e práticas ainda não sistematizados (...)” (Política Nacional de Extensão Universitária, p. 18, 2012). O projeto privilegiou ainda a capacitação e a qualificação de profissionais para atuarem na área cultural, conforme uma das metas previstas no Plano Nacional de Cultura (2010) que propõe qualificar profissionais no âmbito artístico e cultural.

Todos os eventos de lançamento foram planejados a partir do tema e da concepção de cada edição, por entender que também se configuraram como lugar de formação dos/as estudantes. Como nas etapas anteriores, a equipe envolvida na produção do lançamento contribuiu com seu conhecimento e habilidades específicas, reafirmando a diretriz de Interdisciplinaridade e interprofissionalidade da Política Nacional de Extensão Universitária (2012). Estudantes do Curso de Design

ficavam responsáveis pela identidade visual dos materiais, desde as imagens de capa, perfil e posts das redes sociais, até as projeções e impressos distribuídos nos eventos. A produção de *releases* e textos para divulgação ficava a cargo dos estudantes do Curso de Comunicação, e os estudantes de Produção Cênica responsabilizavam-se por organizar a programação e os espaços: visitas técnicas, ambientação, equipamentos e locais para as apresentações e mostras artísticas. Atividades estas que muitas vezes não são possíveis experimentar em sala de aula, conforme coloca a diretriz Indissociabilidade Ensino – Pesquisa – Extensão. E ainda, com o propósito de promover o intercâmbio entre a universidade e a sociedade, os espaços para a realização dos lançamentos foram escolhidos de forma a privilegiar lugares fora do ambiente universitário para ampliar o acesso e a visibilidade, garantido assim, a circulação dos bens e conteúdos culturais, atendendo um dos objetivos da Política Nacional de Extensão Universitária (2020) ao “possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e disponibilização de conhecimentos”.

Chamo a atenção também ao fato das práticas do TOM Caderno de Ensaios permanecerem por duas gestões administrativas da UFPR, resultado do caráter institucional atribuído aos projetos de extensão universitária. Por outro lado, o Projeto de Extensão TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura encerrou suas atividades após o lançamento da décima edição do Caderno por iniciativa da própria coordenação do projeto, que já não atuava mais na Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Isto confirma o depoimento do/a Entrevistado/a 10 ao relatar que há uma personificação muito grande nos projetos realizados dentro da Universidade, pois ao ficarem diretamente vinculados às pessoa que coordenam ou organizam as ações, de certa forma, têm sua continuidade comprometida.

Particularmente, a pesquisa me fez pensar sobre o desafio de conciliar os papéis de gestora e pesquisadora. No início, mais atravessados, foram se distanciando no decorrer da investigação. Esse foi um exercício constante que me impus e me mantive atenta durante todo o processo, pois queria garantir o maior distanciamento possível do objeto no momento da análise para não correr o risco de camuflar os dados obtidos.

O estudo me fez refletir também sobre as possibilidades de atuação do produtor cultural dentro das universidades públicas. Conforme a descrição sumária

dos cargos no serviço público proposta pela Lei 11.091/2005<sup>82</sup>, que institui o plano de cargos e carreiras dos/as técnicos/as administrativos/as em educação, o/a produtor/a cultural tem a função de: “elaborar e colaborar no planejamento e divulgação dos eventos culturais, artísticos e administrativos, bem como de ensino, extensão e pesquisa; e, assessorar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão”. Essas atribuições muito se devem ao requisito de qualificação para ingresso no cargo, ou seja graduação no Curso Superior em Comunicação Social. Entretanto, na prática, as atividades destes profissionais não são tão rasas e não estão só na esfera da divulgação, mas também no planejamento, criação e produção dos próprios eventos culturais, artísticos e administrativos, bem como na idealização e desenvolvimento dos projetos de extensão universitária. Além do mais, com a necessidade da implementação dos Planos Institucionais de Cultura nas instituições federais de ensino superior, os/as produtores/as culturais das universidades assumiram novas atribuições relacionadas às políticas públicas para a cultura.

Certamente, conforme citam Deslandes, Neto e Gomes (1994), o ciclo de uma pesquisa nunca se fecha, pois toda investigação gera conhecimentos afirmativos e provoca outras questões passíveis de aprofundamento. Então, penso que esse estudo deixa também futuros desdobramentos. Uma possibilidade seria estudar a relação de dois projetos de extensão atuando em conjunto, como foi o TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura e o projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária – PBMIH, na sétima edição do Caderno. Acredito ainda, que o próprio conteúdo do Caderno pode sugerir alguns temas e possibilidades de pesquisa, tanto na parte gráfica quanto na parte editorial. Outro aspecto que despertou interesse durante a pesquisa, foi realizar um aprofundamento sobre a técnica da entrevista, método utilizado para a coleta de dados qualificativos. Apesar de ter sido aplicado o mesmo procedimento, cada entrevistado/a, teve um comportamento diante das perguntas.

Encerro minhas considerações com as palavras de Flavi Ferreira Lisboa Filho (2022) que, para mim, traduzem tão bem o que foi a vivência no projeto TOM - Laboratório de Práticas de Comunicação e Difusão para a Cultura e, de certa forma, como foi o percurso durante esses quatro anos de pesquisa.

---

<sup>82</sup> Disponível

em: <[https://www2.unifap.br/drh/files/2017/01/DESCRICAO\\_DE\\_CARGOS-NIVEL\\_E.pdf](https://www2.unifap.br/drh/files/2017/01/DESCRICAO_DE_CARGOS-NIVEL_E.pdf)>.

Somos instantes que se deslocam, percorrem caminhos por vezes planejados, por vezes forjados pelo acaso. Encontros, desencontros, rompimentos, agrupamentos ou aproximações. Narrativas que se conectam e constituem constelações afetivas, mapas visuais do que significa estar vivo e percorrer os trajetos que escolhemos ou que se atravessam. Estar à deriva permite não apenas desviar as rotas que são impostas, mas também a perceber a potência do acaso, da presença constante dos afetos que surgem e que nos conduzem a outras direções ou experiências (Flavi, 2022, p.3).

Por isso defendo que o processo é tão significativo quanto o resultado final. É no caminhar, por meio das mais diferentes práticas e técnicas que se constituem e se compartilham significados, valores e crenças, tão caros para a preservação dos costumes, para a garantia da diversidade, da pluralidade e da difusão da cultura, dentro e fora da universidade.

## REFERÊNCIAS

B823 Brasil. Ministério da Cultura. As metas do Plano Nacional de Cultura. / Brasil. Ministério da Cultura. Apresentação de Ana de Hollanda e Sérgio Mamberti. – São Paulo: Instituto Via Pública; Brasília: MinC, 2012. 216p.; il.

BARICHELO, Eugenia. M. da R. **Comunicação e comunidade do saber**. Santa Maria: Palotti, 2001.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.15, n. 2, p. 73-83, abr./jun. 2001.

CALABRE, Lia. **Escritos sobre políticas culturais** [recurso eletrônico] / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019. 1 e-book em formato pdf (218 p.). ISBN: 978-85-7004-399-3

\_\_\_\_\_ **Políticas culturais nos territórios**: contribuições para os processos de construção dos planos municipais de cultura. In: pragMATIZES - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura. Ano 9, número 17, semestral, abr/2019 a set/2019. Disponível em: <Disponível em: <http://periodicos.uff.br/pragmatizes>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

CANCLINI, Néstor Garcia. **A globalização imaginada**. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo, SP: Iluminuras, 2007.

\_\_\_\_\_ **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_ **Diferentes, desiguais desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

CARVALHO, Patricia Guilhem de Salles. **Comunicação e responsabilidade social**: um estudo sobre o Festival de Inverno da Universidade Federal do Paraná - Curitiba, 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Paraná, 2014.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES,

Álvaro. **A Pesquisa Qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. 4.ed, Petrópolis: Editora Vozes, 2014. (Coleção Sociologia).

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

DEUS, Sandra de. **Extensão universitária: trajetórias e desafios**. Santa Maria, RS : Ed. PRE-UFSM, 2020.

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Organização: Maria Cecília de Souza Minayo. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1994.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. IN: **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Organizadores: Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino, Vera Veiga França. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3.ed., Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus, AM, maio 2012. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/doc/umentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>>. Acesso em: 01.abr.2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. **Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário**. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 33, n. 3, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/43958/pdfa>>. Acessado em: 19/04/2023.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização: Liv Sovik; Tradução: Adelaine La Guardia Resende...[et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LAGROU, Els. **Arte ou artefato?** Agência e significado nas artes indígena. Revista Proa, n°02, vol.01, 2010. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/ppgas/portal/arquivos/orientacoes/LAGROU\\_Els.\\_2010.pdf](https://www.ufrgs.br/ppgas/portal/arquivos/orientacoes/LAGROU_Els._2010.pdf)>. Acesso em: 07 set. 2018.

LAVILLE, Christian; DIONNE; Jean. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. — Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira. **Extensão universitária** [recurso eletrônico]: gestão, comunicação e desenvolvimento regional. Santa Maria, RS : FACOS-UFSM, 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Desafios políticos da diversidade.** In: Revista Observatório Itaú Cultural / OIC - n. 8 (abr./jul. 2009). – São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2009. ISSN 1981-125X.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009

\_\_\_\_\_. **Comunicación y cultura mundo:** nuevas dinámicas mundiales de lo cultural. Revista Signo y Pensamiento. v. 29, n. 57, 2010.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação.** Tradução: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico:** pesquisa qualitativa em saúde. 13a edição. São Paulo: Hucitec, 2013.

Ministério da Educação; Ministério da Cultura. Programa Mais Cultura nas Universidades. Manual de Orientação aos Avaliadores. Brasília, 2015.

MILLS, Charles Wright. **A Imaginação Sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_. Sobre o artesanato intelectual. In: \_\_\_\_\_. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Por que estudar narrativas?** In: MOTA, Celia Ladeira; CUNHA, Maria Jandyra; MOTTA, Luiz Gonzaga (orgs.). Narrativas Midiáticas. Florianópolis: Insular, 2012.

ORTIZ, Renato. **Cultura e desenvolvimento.** In: Políticas culturais em revista, p.122-128, 2008. Disponível em <<http://www.politicasculturaisemrevista.ufba.br>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PIRES, Álvaro P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A Pesquisa Qualitativa.** Enfoques epistemológicos e metodológicos. 4ª Edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014 Brasília, Ministério da Cultura, 2012. 156 p. ISBN - 978-85-60618-08-8.

Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade Federal do Paraná (2007-2011). Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/63817>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade Federal do Paraná (2012-2016). Disponível em: <<http://www.proplan.ufpr.br/portal/pdi/PDI%20UFPR%202012-2016.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

Plano Institucional de Cultura da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <[http://www.proec.ufpr.br/pic/links/pic\\_20\\_30.html](http://www.proec.ufpr.br/pic/links/pic_20_30.html)>. Acesso em: 02 jan. 2023.

Política Nacional de Extensão Universitária (2012). Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná. Disponível em <<http://www.proec.ufpr.br>>. Acesso em 09 abr. 2019.

Portal da Universidade Federal do Paraná. Com nota 99,6, UFPR se classifica para receber recursos do programa Mais Cultura nas Universidades. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/com-nota-996-ufpr-se-classifica-para-receber-recursos-do-programa-mais-cultura-nas-universidades/>>. Acesso em: 06 jun 2022.

Portal do Ministério da Educação. Disponível em: <Mais Cultura nas Universidades - Ministério da Educação. Acesso em: 06 jun 2022.

RANIERI, Leandro Pena; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. **A entrevista fenomenológica**. IN: Anais IV SIPEQ – ISBN - 978-85-98623-04-7. 2010.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. [formato digital].

RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). **Universidades e planos de cultura**. In: Planos de cultura. Coleção CULT 32. Salvador, Editora da UFBA, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 7ª edição. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

\_\_\_\_\_ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A universidade no século XXI: para uma universidade nova**. Coimbra: Almedina, 2008.

SCALETZKY, Irene. **La construcción del espacio académico: ciencia y diversidad**. Cuad. Cent. Estud. Diseño Comun., Ens. [online]. 2010, n.34, pp.97-107. ISSN 1853-3523.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Do preto, do branco e do amarelo: sobre o mito nacional de um Brasil (bem) mestiçado**. Cienc. Cult., v.64, n.1, São Paulo, jan. 2012. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S000967252012000100018](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252012000100018)>. Acesso em: 07.ago.2023.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2005.

TOM UFPR, Curitiba, v 1, n 1, 2015. 142p. Disponível em: <[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom1](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom1)>. Acesso em: 04 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 1, n 2, 2015. 204p. Disponível em: <[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom2](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom2)>. Acesso em: 04 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 2, n 3, 2016. 140p. Disponível em:

<[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom3](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom3)>. Acesso em: 05 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 2, n 4, 2016. 216p. Disponível em:  
<[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom\\_4](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom_4)>. Acesso em: 05 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 3, n 5 2017. 220p. Disponível em:  
<[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom\\_5](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom_5) >. Acesso em: 05 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 3, n 6 2017. 234p. Disponível em:  
<[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom6](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom6) >. Acesso em: 06 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 4, n 7 2018. 224p. Disponível em:  
<[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom7](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom7) >. Acesso em: 06 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 4, n 8 2018. 180p. Disponível em:  
<[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom8](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom8) >. Acesso em: 06 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 5, n 9 2019. 346p. Disponível em:  
<[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom\\_9\\_museus\\_e\\_cole\\_\\_es\\_final](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom_9_museus_e_cole__es_final)>. Acesso em: 20 ago. 2020.

TOM UFPR, Curitiba, v 5, n 10 2019. 392p. Disponível em:  
<[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom\\_ufpr\\_v5\\_\\_n10\\_\\_2019](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom_ufpr_v5__n10__2019)>. Acesso em: 20 ago. 2020.

UNESCO. **Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais**. Texto oficial ratificado pelo Brasil por meio do decreto legislativo no 485/2006. Disponível em:  
<<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000150224>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

UNESCO. **Declaração universal sobre a diversidade cultural**. 2002. Disponível em: <Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural; 2002> Acesso em: 10 fev. 2023.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_ **Televisão: tecnologia e forma cultural.** Boitempo Editorial, 2016.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4. ed. Porto Alegre: Bookmann, 2010.

## APÊNDICE A - TOM E OS DIVERSOS TONS

## 1. TOM E OS DIVERSOS TONS

As próximas páginas são dedicadas à apresentação de cada edição do Caderno, evidenciando suas particularidades e especificidades. Embora os números 1 e 2 do TOM não façam parte do recorte definido para a pesquisa, ambos foram incluídos, pois a descrição é fundamental para entender o processo de construção do objeto organizado.

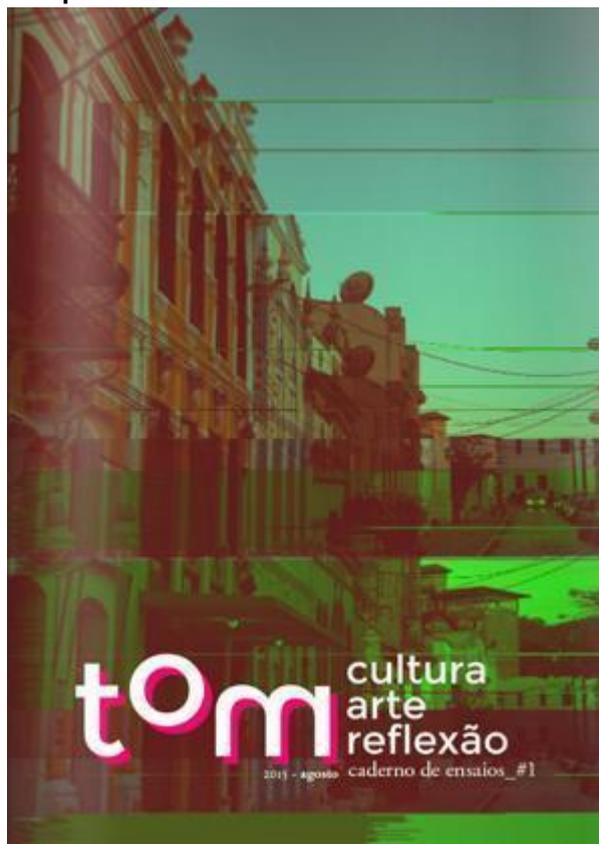
### 1.1 TOM#1

Para o primeiro TOM Caderno de Ensaio optou-se por uma curadoria interna, feita pela própria equipe da Coordenadoria de Cultura da UFPR, entendendo que o processo de criação e elaboração começaria a ser constituído a partir desta edição do projeto. Assim, o número de abertura do TOM, que não teve um título específico, trouxe os festivais de cultura como eixo articulador. Além de apresentar os diferentes olhares que retratam a pluralidade cultural, a intenção deste número foi homenagear o Festival de Inverno da UFPR<sup>83</sup>, evento artístico-cultural promovido pela Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR, que em 2015, completou 25 anos de atividade.

---

<sup>83</sup> O “Festival de Inverno da UFPR, realizado na cidade litorânea de Antonina, propicia desde a sua primeira edição, em 1991, a abertura de um espaço alternativo de aprendizagem, prática, reflexão crítica, apreciação e produção artístico-cultural, numa articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão. [...] o Festival é uma oportunidade de formação complementar para estudantes, professores e artistas, bem como para a comunidade em geral. O evento busca formas diferenciadas de socializar o conhecimento artístico em ambientes diferentes do acadêmico-formal, integrando os mais variados segmentos da sociedade” (CARVALHO, 2014, p.86).

**Figura 1 - Capa TOM Caderno de Ensaios da UFPR – Edição n° 1**



**Fonte: TOM Caderno de Ensaios da UFPR v.1, n.1**

Nesta edição, houve a colaboração de seis estudantes, todos bolsistas. Ana Carolina Maoski, Gabriel Miranda e Giulia El Halabi produziram textos para a publicação; Ana Carolina Lino Buissa ficou responsável pela fotografia e pela edição de imagens; Mariana Midori também trabalhou na edição de imagens e Victor dos Reis Damaceno Uchoa desenvolveu o projeto gráfico e a editoração eletrônica do Caderno. O resultado foi uma publicação com 142 páginas, dividida nas seguintes seções: Apresentação; Transitâncias; Errâncias Verbais; Dar o Tom - entrevista com Uiara Bartira<sup>84</sup>; Errâncias Visuais e Notas Dissonantes.

O lançamento da primeira edição do Caderno foi realizado no dia 12 de agosto de 2015, na livraria do SESC - Paço da Liberdade. Com caráter mais intimista, o público presente participou de uma roda de conversa sobre consumo

---

<sup>84</sup> Uiara Bartira Saporiti Cioffi (Curitiba, PR, 1949). Pintora, desenhista, gravadora, curadora e professora. Bacharel em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná; com extensão em Gravura na The Art Students League of New York; Litografia na Escola de Comunicação e Artes – USP; Pós-graduada em Fotografia e Processos de Criação de Imagem pela Universidade Tuiuti do Paraná.

cultural e midiático conduzida pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regiane Regina Ribeiro<sup>85</sup>, docente do Setor de Artes, Comunicação e Design da UFPR. Logo depois, pôde-se conferir a exposição digital “Cartazes do Festival de Inverno da UFPR em Antonina”.

**Figura 2 - Convite de lançamento TOM#1**



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

**Figura 3 – Lançamento TOM#1**



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

<sup>85</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC - SP). Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC - SP. Tem graduação em Comunicação Social. Líder do grupo de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): NEFICS - Núcleo de Estudos em Ficção Seriada. Professora adjunta da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Professora Permanente do Mestrado em Comunicação na linha de pesquisa Comunicação e Formações Sócio-Culturais. Tem experiência na interface Comunicação e Cultura, Comunicação e Audiovisual, Comunicação e Organizações e Comunicação e Educação, atuando principalmente nas seguintes temáticas: Diversidade Cultural, Representações Sociais, Estudos de Gênero, Multiculturalismo, Mídia e Educação, Mídia e Consumo.

## 1.2 TOM#2 - CORPO, MOVIMENTO E PERFORMANCE EM TRANSIT(AÇÃO)

Com o título “Corpo, movimento e performance em transit(ação)”, a segunda edição do TOM surgiu com o desejo de abordar um tema relacionado à produção cultural da Universidade. Assim, o Caderno se concentrou nos processos de criação e produção artística no universo das artes performativas. Cristiane Wosniak<sup>86</sup>, coreógrafa da Têssera Companhia de Dança da UFPR e curadora deste número, explicou que sua intenção foi dar voz aos professores, pesquisadores, propositores e artistas.

---

<sup>86</sup> Doutora em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), mestra em Comunicação e Linguagens - UTP e especialista em Artes-Dança pela Faculdade de Artes do Paraná. Bacharel e licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Paraná e bacharel e licenciada em Dança pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Docente titular/permanente do Programa de Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná e professora adjunta, vinculada ao Colegiado do curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual. Também leciona no curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança, além de ser a Editora Chefe das Revistas/Periódicos da FAP, desde 2017. Desde 2019 é docente titular/permanente do Programa de Pós-Graduação/Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal do Paraná vinculada à linha de pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LICOES). Na Universidade Federal do Paraná, exerce ainda a função de coreógrafa da Têssera Companhia de Dança da UFPR. Artista da dança e pesquisadora de temas relacionados à Semiótica da Dança, Dança, Tecnologia e Comunicação, Cinedança, Videodança e Ciberdança.

Figura 4 - Capa TOM Caderno de Ensaios da UFPR – Edição nº 2



Fonte: TOM Caderno de Ensaios da UFPR v.1, n.2

Neste número, a equipe de estudantes bolsistas<sup>87</sup> era formada por: Anna Carolina Sens da Silva, aluna do Curso de Comunicação Social / Jornalismo da UFPR, responsável pela produção de texto. Fernanda Cristina Lopes que providenciou a versão em espanhol, Lucas Garcia desenvolveu o projeto gráfico e editou as imagens e o Willian Klimpel, aluno do Curso de Tecnologia em Produção Cênica da UFPR, organizou o evento de lançamento: visitas técnicas, ambientação, equipamentos e locais para as apresentações artísticas.

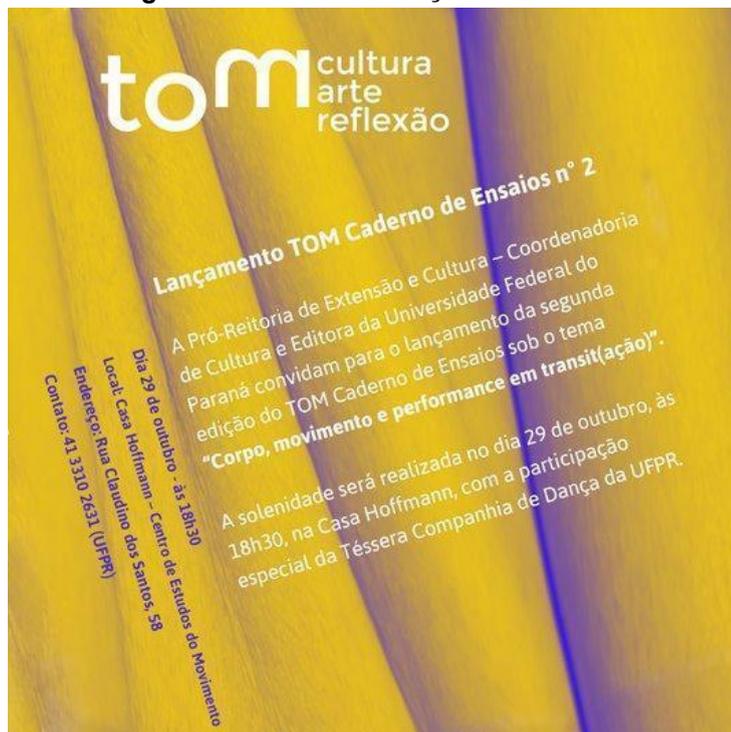
As seções estavam distribuídas em 204 páginas e organizadas em: Notas Prefaciais; Apresentação; Dar o Tom - entrevista com Hélio Barbosa<sup>88</sup>; Ensaios, Pontes Móveis e Redes em Transição; Transições Visuais; Notas Dissonantes e Traducciones.

<sup>87</sup> Nota explicativa: quando não se faz referência ao Curso do estudante é porque não houve este registro.

<sup>88</sup> Ator curitibano, humorista e performer. Há mais de 35 anos atua nos palcos tradicionais e espaços alternativos. Desenvolve seus trabalhos artísticos baseado em jogos de imitação, construção de personagens extremamente física que agrega diferentes linguagens cênicas, sobretudo a dança e o sapateado.

Para lançar a segunda edição, no dia 29 de outubro de 2015, optou-se pela Casa Hoffmann, um espaço referência para artistas que exploram o estudo de novas estéticas do movimento. Na ocasião, a Têssera Companhia de Dança da UFPR realizou uma performance de sua obra “Blasfemate”.

**Figura 5 - Convite de lançamento TOM#2**



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

**Figura 6 – Lançamento TOM#2**



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

### 1.3 TOM#3 - TERRITÓRIOS, DESLOCAMENTOS, HIBRIDISMOS

A terceira edição do TOM provocou uma reflexão sobre diversidade, respeito às pessoas e às diferenças pela perspectiva do corpo híbrido, nos debates sobre gênero e sobre a teoria *queer* pautada na arte. Estimulou os leitores a entender e ouvir as pessoas, imaginar como é estar no lugar do outro, rompendo as fronteiras e ultrapassando os espaços.

E nesta perspectiva, pela primeira vez, o TOM atravessa os muros da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e conta com a curadoria de Cristiane dos Santos Souza<sup>89</sup>, professora do Curso de Tecnologia em Produção Cênica da UFPR.

Com o título “Territórios, deslocamentos, hibridismos”, a publicação totalizou 140 páginas e trouxe novas seções, desafiando a equipe a experimentar outros formatos e superar alguns obstáculos tecnológicos. As seções foram separadas em: Apresentação; Errâncias Verbais; Errância Sonora; Dar o Tom - uma entrevista com Ricardo Nolasco e Gabriel Machado<sup>90</sup> e outra, com Cristiane Bouger<sup>91</sup>; Errâncias Visuais; Errâncias Poéticas; Notas Dissonantes; Pós-Scriptum e Páginas Amarelas.

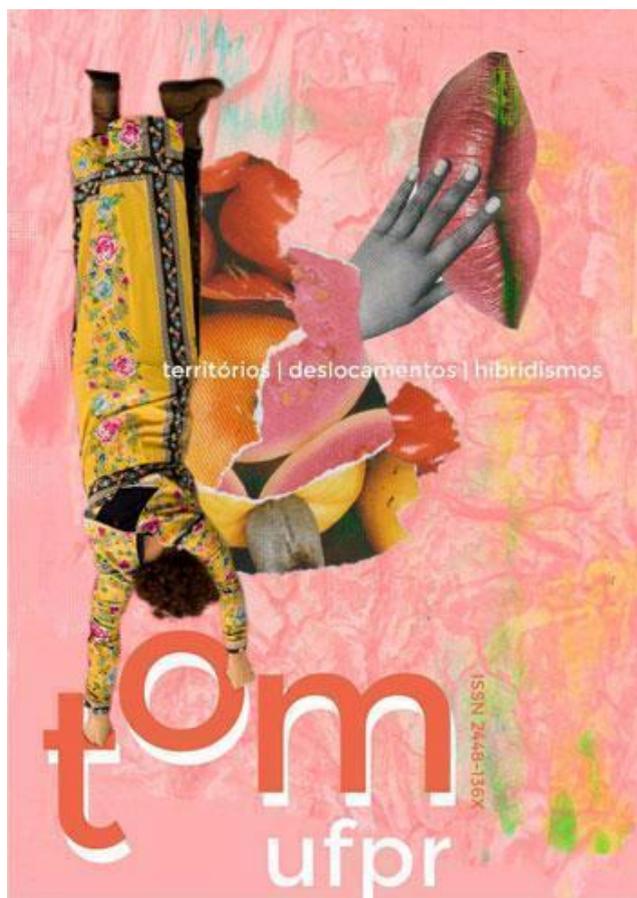
---

<sup>89</sup> Professora Adjunta - Universidade Federal do Paraná. Docente do Curso Superior de Tecnologia em Produção Cênica - SEPT/UFPR. Foi professora da Faculdade de Artes do Paraná (FAP/UNESPAR) por 11 anos nos cursos de Bacharelado em Artes Cênicas e Licenciatura em Teatro. Bailarina profissional (registro nº 13915); possui Graduação em Licenciatura em Educação Física pela UFPR; Especialização em Fundamentos Estéticos para Arte-Educação pela Faculdade de Artes do Paraná - FAP; Mestrado em Educação - Instituições, Intelectuais e Cultura Escolar pela UFPR e Doutorado em Educação - História e Historiografia da Educação da UFPR. Possui experiência nas áreas de Artes com ênfase em Teatro, Dança, Corpo, Voz e de Educação com ênfase em estudos do corpo, História da Educação, Intelectuais e Gênero.

<sup>90</sup> Ricardo Nolasco e Gabriel Machado são artistas integrantes da Casa Selvática.

<sup>91</sup> Artista interdisciplinar, desenvolve trabalhos em performance, vídeo, instalação, teatro, dança, texto e escrita crítica, relacionando corpo, biografia, cultura e política. Atuou como Artista Residente 2012 do Movement Research e Escritora Residente da Performa Magazine (Performa Writing Live Residency), em Nova Iorque.

Figura 7 - Capa TOM Caderno de Ensaios da UFPR – Edição n° 3



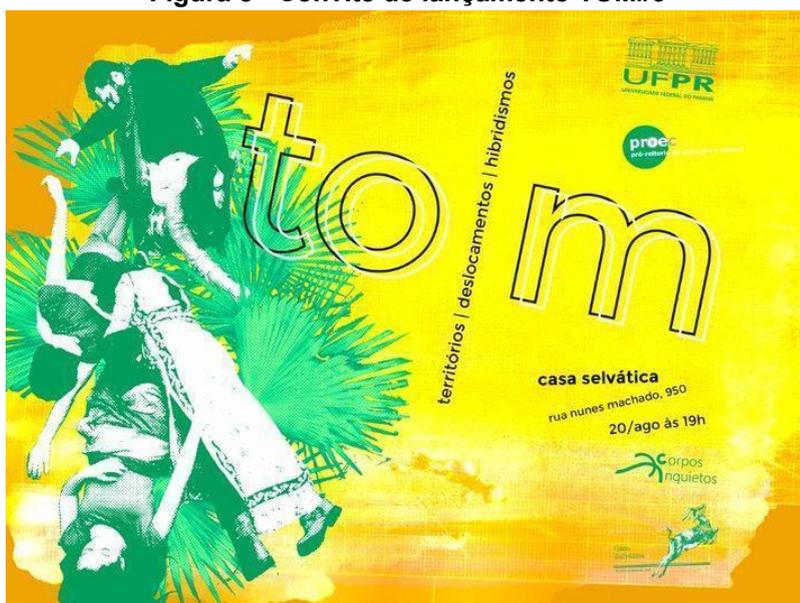
Fonte: TOM Caderno de Ensaios da UFPR v.2, n.3

Para a produção do Caderno, mais uma vez, estudantes bolsistas entraram em ação. Fernanda Cristina Lopes, aluna do Curso de Letras Português e Espanhol - Bacharel em Estudos da Tradução da UFPR fez as versões para o espanhol, Lucas Garcia editou as imagens e Victor dos Reis Damaceno Uchoa ficou responsável pelo projeto gráfico e pela editoração das imagens deste número.

O lançamento da publicação foi uma festa. As pessoas que compareceram à Casa Selvática<sup>92</sup>, no dia 20 de agosto de 2016, puderam conferir algumas performances – programadas ou não, vídeo-performances, exposições, leituras poéticas e *pocket shows* realizados em todos os ambientes da Casa.

<sup>92</sup> Inaugurada em 2012, a Casa Selvática é um espaço cultural organizado a partir de uma gestão compartilhada entre a Selvática Ações Artísticas e artistas residentes. Mantém-se quase que exclusivamente com a programação desenvolvida internamente: oficinas, exposições, espetáculos teatrais e festas performáticas, buscando sempre valorizar o intercâmbio e a troca entre artistas e público.

Figura 8 - Convite de lançamento TOM#3



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

Figura 9 – Lançamento TOM#3



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

#### 1.4 TOM#4 - O MAR COMO FRONTEIRA, O MAR COMO BARREIRA

Com a vontade de ir um pouco mais além e promover a interação com outro Setor da Universidade, a curadoria do TOM número quatro foi pensada por uma comissão de técnicos-administrativos vinculada à Seção de Comunicação da UFPR

Litoral<sup>93</sup>, formada por Aline de Oliveira Gonçalves<sup>94</sup>, Dafne Wandressa Salvador<sup>95</sup>, Maurício de Sousa<sup>96</sup>, Luiz Eduardo Geara<sup>97</sup> e a convidada Etienne Vaccarelli<sup>98</sup>. E este foi justamente o maior desafio desta edição, pois apesar dos recursos tecnológicos utilizados para estabelecer o contato contínuo, a distância dificultou os encontros presenciais, limitando a integração da equipe, que contava com a colaboração de Bárbara Tanaka, aluna do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, da UFPR, responsável pela produção de texto e divulgação nas mídias sociais; Bruna Emanuela Vacelkoski, aluna do Curso de Tecnologia em Produção Cênica da UFPR, e Fernanda Cristina Lopes aluna do Curso de Letras Português e Espanhol - Bacharel em Estudos da Tradução da UFPR também produziram textos para o Caderno e Fernanda fez ainda as versões em espanhol. Eduardo Zmievski, aluno do Curso de Design Gráfico da UFPR, desenvolveu o projeto gráfico, editou as imagens e providenciou a editoração eletrônica da publicação com 216 páginas.

A partir do título “O mar como fronteira, o mar como barreira”, os autores convidados puderam expressar sua percepção sobre os diferentes territórios que compõem a região. As seções do Caderno retrataram as nuances culturais, ambientais, políticas e econômicas do litoral paranaense, assim distribuídas: Primeira Nota; Apresentação; Transitâncias; Errâncias Verbais; Errâncias Visuais;

<sup>93</sup> Setor da Universidade Federal do Paraná, promove a educação superior no litoral do Paraná visando o desenvolvimento humano e local. Instalada em Caiobá, no município de Matinhos, suas ações chegam aos sete municípios litorâneos e se estendem ao Vale do Ribeira (<http://www.litoral.ufpr.br/portal/>).

<sup>94</sup> Mestre em comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFPR, graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, (PUC-PR, 1999), com especialização em Sociologia Política (UFPR, 2004). Atua como jornalista (técnico-administrativo) no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

<sup>95</sup> Mestre em Administração, na linha de Estratégia e Análise Organizacional, pela Universidade Federal do Paraná (2017). Pós-graduada em Administração, com ênfase em Marketing (2013); Graduada em Comunicação, com habilitação em Jornalismo (2014) e Relações Públicas (2011), pela mesma instituição. Áreas de Interesse: Estratégia como Prática. Comunicação Organizacional. Negócios Sociais.

<sup>96</sup> Mestre no Programa De Pós-graduação Em Rede Para o Ensino Das Ciências Ambientais - PROFCIAMB - Pólo UFPR (2019). Graduado em Administração Pública pela Universidade Federal do Paraná (2015). Técnico administrativo em educação da Universidade Federal do Paraná, desde 2011, lotado na Seção de Comunicação. Atua junto a programas de extensão do Setor Litoral da UFPR.

<sup>97</sup> Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal do Paraná (1992); Pós-Graduação como engenheiro de logística - PUC-PR (2008) e mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável - UFPR (2017). Experiência na área de Administração, com ênfase em Administração Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, texto, design, fotografia, direção de arte, edição audiovisual, políticas culturais e cultura.

<sup>98</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal do Paraná (2005). Especialista em Leitura de Múltiplas Linguagens da Comunicação e das Artes (PUCPR, 2008), Gestão e Liderança (Universidade Positivo, 2012) e Docência para a Educação Profissional (Senac, 2012). Coordenadora Acadêmica no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Dar o Tom - entrevista com Gedivaldo de Amorim<sup>99</sup>; Notas Dissonantes e Páginas Amarelas.

Figura 10 - Capa TOM Caderno de Ensaios da UFPR – Edição n° 4



Fonte: TOM Caderno de Ensaios da UFPR v.2, n.4

A solenidade de lançamento da quarta edição do TOM foi realizada durante a abertura da Mostra “Assim Vive os Homens”<sup>100</sup>, segmento “Saber, Fazer e Celebrar a Vida” do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, no dia 9 de dezembro de 2016, na sede do museu, em Paranaguá.

<sup>99</sup> Pescador, barqueiro, caiçara. Na época da entrevista era aluno do Curso de Licenciatura de Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná.

<sup>100</sup> Exposição de longa duração sobre a cultura popular do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR. “A mostra ‘Assim vivem os homens’ aciona memórias, valoriza os atos do dia a dia, os costumes, mas também fala de sonhos e de imaginação. Esculturas cujas temáticas abrangem as atividades festivas, cotidianas e imaginárias do povo brasileiro”. Disponível em: [homens/>](#).

Figura 11 - Convite de lançamento TOM#4



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

Figura 12 – Lançamento TOM#4



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

## 1.5 TOM#5 - TRÂNSITOS EM VERBOS – LINGUAGENS DO QUE(R)ER

Com a curadoria de Angela Couto Machado Fonseca<sup>101</sup> e Leandro Franklin Gorsdorf<sup>102</sup>, pesquisadores e professores do Setor de Ciências Jurídicas da UFPR, a quinta publicação do TOM, “Trânsitos em Verbos – Linguagens do Que(r)er”, ao longo das suas 220 páginas, propôs aos leitores uma reflexão sobre as múltiplas identidades, experiências, deslocamentos, movimentos e indagações do pensamento *queer*, e ao mesmo tempo, possibilitou o questionamento da pretensão de verdade dos códigos e categorias identitárias estáveis. Pois, conforme coloca o princípio diretor da Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005) só é possível promover e proteger a diversidade cultural, se também forem preservados os direitos humanos e as liberdades fundamentais, como a possibilidade de os indivíduos escolherem suas manifestações culturais, a liberdade de expressão, de informação e de comunicação.

Partindo do viés de que a identidade é marcada pela diferença (Woodward, 2004), os curadores do Caderno chamaram a atenção para a complexidade de apresentar o *queer* contemplando as múltiplas nuances que o termo carrega, das mais diversas expressões artísticas às formas de vida invisibilizadas.

Assim, imagens, declarações, entrevistas, relatos, histórias e corpos que carregam marcas trans, travesti, *drag* ou *gay* constituíram esta edição dedicada ao

---

<sup>101</sup> Professora da Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora de pós-doutorado na UFPR, Doutora em Filosofia do Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com período de estágio de doutoramento (bolsa sanduíche) École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris. Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curso de aperfeiçoamento em Epistemologia Moderna e Contemporânea no departamento de Filosofia da Università degli Studi di Firenze. Graduada em Direito pela Universidade Federal do Paraná (1996). Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (2001). Tem experiência na área de Filosofia do Direito, com ênfase em Filosofia Política, atuando principalmente nos seguintes temas: Nietzsche, Foucault, direito, niilismo, crítica da modernidade, crítica da metafísica, biopolítica, corpo, sexualidade e gênero.

<sup>102</sup> Possui graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1998), mestrado e doutorado em Direito pela Universidade Federal do Paraná (2004 e 2016). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Paraná na área de prática jurídica em Direitos Humanos. Foi coordenador da Coordenação de Políticas Sociais e Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFPR durante os anos de 2013 a 2020. Membro do Instituto Brasileiro de Direitos Urbanístico e conselheiro da entidade de direitos humanos - Terra de Direitos. Membro da Comissão de Diversidade Sexual da OAB/PR. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito, atuando principalmente nos seguintes temas: direitos humanos, gênero, diversidade sexual e direito, direito urbanístico e direito e arte.

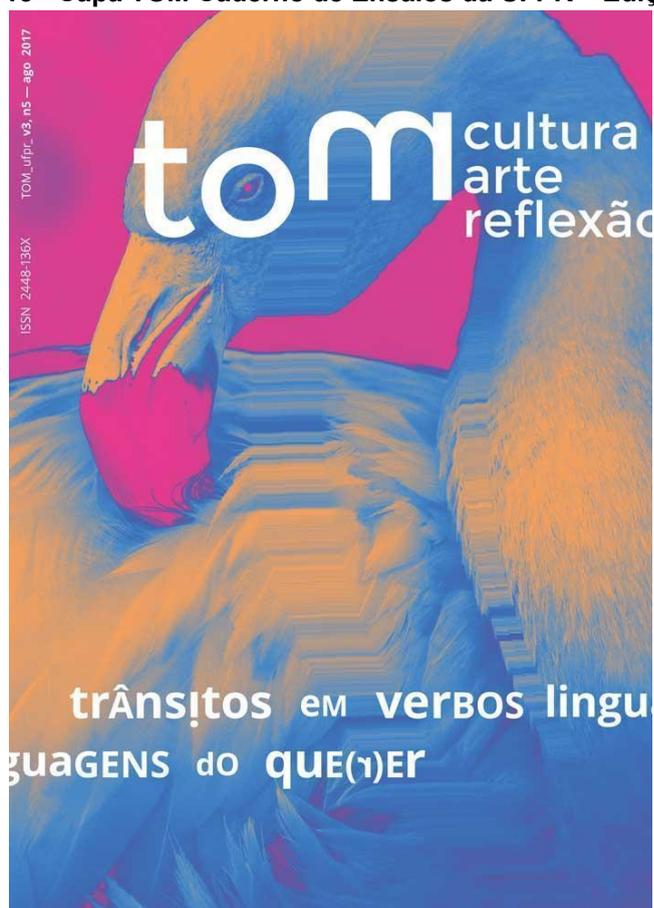
*queer*, separados nas seguintes seções: Apresentação; Errâncias Sonoras; Errâncias Verbais; Dar o Tom – entrevista com a *drag* Juana Profunda<sup>103</sup>; Errâncias...; Errâncias Visuais; Notas Dissonantes; Pós-Scriptum e Páginas Amarelas.

A equipe de estudantes bolsistas e voluntários deste número era composta por: Amanda Melo Silva, aluna do Curso de Tecnologia em Produção Cênica da UFPR; além da produção de texto, organizou o evento de lançamento; Arantxa Louise Torquato de Siqueira, aluna do Curso de Comunicação - Jornalismo da UFPR; ficou responsável pela divulgação nas mídias sociais; Julia Santos Barros, aluna do Curso de Design de Produto da UFPR; contribuiu no desenvolvimento do projeto gráfico e Victor dos Reis Damaceno Uchoa, aluno do Curso de Design Gráfico da UFPR, criou o projeto gráfico, editou as imagens e preparou editoração eletrônica do Caderno.

---

<sup>103</sup> Transformista, atriz, diretora, produtora, comunicadora e incentivadora do movimento Drag em Curitiba.

Figura 13 - Capa TOM Caderno de Ensaio da UFPR – Edição n° 5



Fonte: TOM Caderno de Ensaio da UFPR v.3, n.5

Para proporcionar uma vivência mergulhada na diversidade do movimento *queer*, o lançamento da quinta edição foi em parceria com a Festa das Excluídas<sup>104</sup>, conhecida no cenário LGBT<sup>105</sup> curitibano. A programação contou também com a exibição do ensaio fotográfico assinado por Neto Rickli e a performance de Ricardo Nolasco. Tudo isso ao som de uma *playlist* musical feita especialmente para acompanhar a leitura desta edição do Caderno. O evento foi realizado no Bar Ornitorrinco, no dia 26 de agosto de 2017.

<sup>104</sup> A Festa das Excluídas começou em 2016, de forma independente e alternativa, com o objetivo de reunir pessoas para dançar, cantar, valorizar a cultura brasileira e celebrar a existência e a resistência.

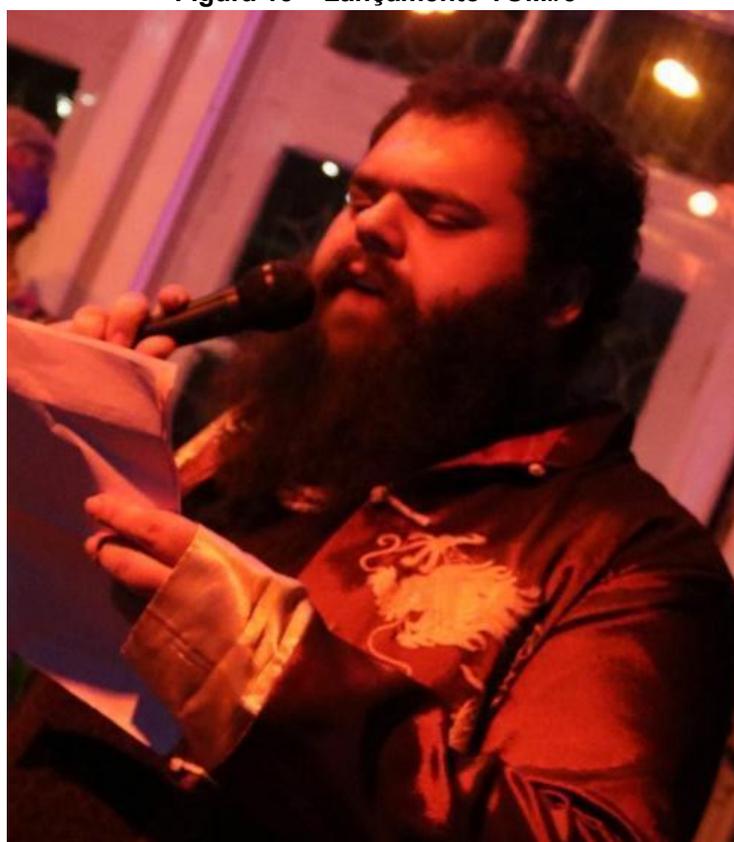
<sup>105</sup> LGBTQI+ (atualização da sigla LGBT).

Figura 14 - Convite de lançamento TOM#5



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

Figura 15 – Lançamento TOM#5



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

## 1.6 TOM#6 - AFRO AMÉRICAS E SUAS ENCRUZILHADAS: DISTOPIAS E UTOPIAS DIASPÓRICAS

Com o título "Afro Américas e suas Encruzilhadas: Distopias e Utopias Diaspóricas", a proposta da sexta edição do TOM foi traçar um panorama das múltiplas experiências do ser negro na África e nas Américas, revelando sentimentos, sonoridades e corporeidades. A curadoria deste número ficou sob a responsabilidade dos integrantes do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná (NEAB): Alexandro Dantas Trindade<sup>106</sup>, Andrea Rosendo<sup>107</sup>; Brenda Maria Oeiras<sup>108</sup>, Carolina dos Anjos Borba<sup>109</sup>, Isabela da Cruz<sup>110</sup>, Letícia Leobet<sup>111</sup>, Lucimar Rosa Dias<sup>112</sup>, Natália Luiza de Souza<sup>113</sup>, equipe do TOM com o maior número de curadores.

As seções que ocuparam as 234 páginas do Caderno foram: Errâncias Sonoras; Apresentação; Errâncias Verbais; Dar o Tom - entrevista com Wugala

---

<sup>106</sup> Docente da Universidade Federal do Paraná no curso de graduação em Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Experiência na área de Sociologia, com ênfase em Teoria Sociológica e Pensamento Social Brasileiro, atuando principalmente nos seguintes temas: Pensamento Social no Brasil-Império; Intelectuais e Política no Brasil; Pensamento Cinematográfico Brasileiro; Produção e Circulação de Ideias; Intelectuais brasileiros e portugueses e Sociologia do Conhecimento.

<sup>107</sup> Jornalista e pesquisadora nas áreas de Comunicação e Cultura, com enfoque em Cinema, Audiovisual e Visualidades. Temáticas da área de atuação: Epistemologias decoloniais; Colonialidade; Imagem e Representação; Estado, Políticas Públicas, Diversidade Cultural e Interseccionalidades; Estudos de Gênero; Mulheres na América Latina e Mulheres afro-latinas e caribenhas.

<sup>108</sup> Produtora cultural com experiência na área de Comunicação, com ênfase em Produção Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura afro-brasileira e cultura popular.

<sup>109</sup> Docente da Universidade Federal do Paraná no Setor de Educação, na Pós-Graduação em Educação e na Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Experiência na área de Diversidade Étnico-Racial, com ênfase em Comunidades Tradicionais, atuando principalmente nos seguintes temas: quilombos, regularização fundiária, educação escolar quilombola, territorialização étnica, campesinato cabo-verdianos, bem viver e povos tradicionais.

<sup>110</sup> Aluna da Universidade Federal do Paraná no curso de Direito e representante da Comunidade Quilombola Paiol de Telha/PR.

<sup>111</sup> Aluna da Universidade Federal do Paraná no curso de Ciências Sociais e estagiária do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFPR.

<sup>112</sup> Docente da Universidade Federal do Paraná na graduação e no Programa de Pós-graduação em Educação na Linha Educação, Diversidade, Diferença e Desigualdades Sociais. Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFPR (2014-2019).

<sup>113</sup> Aluna da Universidade Federal do Paraná no curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-graduação em Sociologia. Linha de pesquisa: Comunicação, cultura e identidade. Áreas: Estudos das Relações Étnico-Raciais, Estudos Africanos e Cinema Africano.

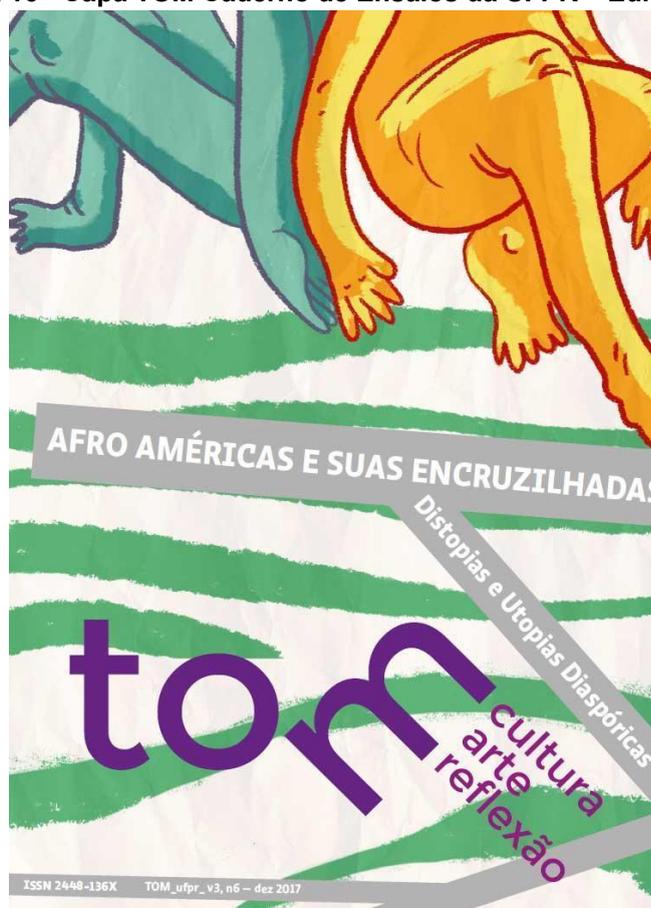
Flama<sup>114</sup>; Errâncias Poéticas; Errâncias Visuais; Errâncias do Sagrado; Notas Dissonantes; Pós-Scriptum e Páginas Amarelas.

Para a elaboração deste número, novamente contou-se com o trabalho da Amanda Melo (produção de texto e organização do evento de lançamento) - aluna do Curso de Tecnologia em Produção Cênica da UFPR; Arantxa Louise Torquato de Siqueira (produção de texto, divulgação nas mídias sociais e organização do evento de lançamento) - aluna do Curso de Comunicação - Jornalismo da UFPR, do Eduardo Zmievski (ilustrações e produção de texto), da Julia Barros (projeto gráfico e desenvolvimento de produto) - aluna do Curso de Design de Produto da UFPR e do Victor dos Reis Damaceno Uchoa (projeto gráfico, produção de texto e editoração eletrônica) - aluno do Curso de Design Gráfico da UFPR. Contribuíram também as voluntárias Fernanda Carneiro Canabarro, aluna do Curso de Ciências Biológicas da UFPR, que participou das reuniões de planejamento; Marcella Calado, responsável pela criação do *lettering* e o bolsista Wellington Junio que produziu texto e ilustrações.

---

<sup>114</sup> De origem congoleza, Wugala Flama é vocalista da banda La Klika RFM, que mistura rap, soul e funk em suas composições.

Figura 16 - Capa TOM Caderno de Ensaaios da UFPR – Edição n° 6



Fonte: TOM Caderno de Ensaaios da UFPR v.3, n.6

Música, poesia e axé marcaram o lançamento do TOM número seis, no dia 2 de dezembro de 2017, no Bar do Fogo. A festa contou com diversas atrações como a participação da banda La Klika RFM, sarau de poemas de autoras negras, ensaios fotográficos e culinária tradicional da República Democrática do Congo.

Figura 17 - Convite de lançamento TOM#6



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

**Figura 18 – Lançamento TOM#6**



**Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR**

## 1.7 TOM#7 - ANDANÇAS: TRAVESSIAS DA MIGRAÇÃO E DO REFÚGIO

A sétima edição do Caderno foi realizada pelo caminho inverso, ou seja, o contato inicial foi feito pela equipe do Projeto de Extensão Universitária “Português Brasileiro para Migração Humanitária – UFPR”, que assistiu à apresentação do TOM no 35.º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul (SEURS) e se interessou pela publicação. Assim, o TOM número sete, “Andanças: travessias da migração e do refúgio”, dirigiu o olhar para a migração a partir de uma perspectiva plural, híbrida, multicolor e multilíngua. As 224 páginas do Caderno refletiram ritmos, sabores, rostos e vozes de pessoas que dividem a experiência de ser migrante.

Os curadores da publicação, integrantes do Projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMH), foram: Alessandra de Freitas<sup>115</sup>, Daniel Felice<sup>116</sup>, Jeniffer Albuquerque<sup>117</sup>, Maria Gabriel<sup>118</sup>, Viviane Pereira<sup>119</sup>.

<sup>115</sup> Aluna do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Paraná, área de concentração: estudos linguísticos.

<sup>116</sup> Aluno do curso de Direito da Universidade Federal do Paraná.

<sup>117</sup> Docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, onde atua com formação de professores de português como língua estrangeira (em especial, para migrantes refugiados e em situação de vulnerabilidade social) e em projetos que envolvem a investigação de modelos dinâmicos para o desenvolvimento linguístico-cognitivo de aprendizes de línguas adicionais.

<sup>118</sup> Aluna do Doutorado em Letras da Universidade Federal do Paraná.

<sup>119</sup> Doutorado em Letras, Área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos do Francês, pela Universidade de São Paulo (2014) com estágio sanduíche na Aix-Marseille Université (Bolsa Capes). Mestrado em Letras, Área de Literatura e Vida Social, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de

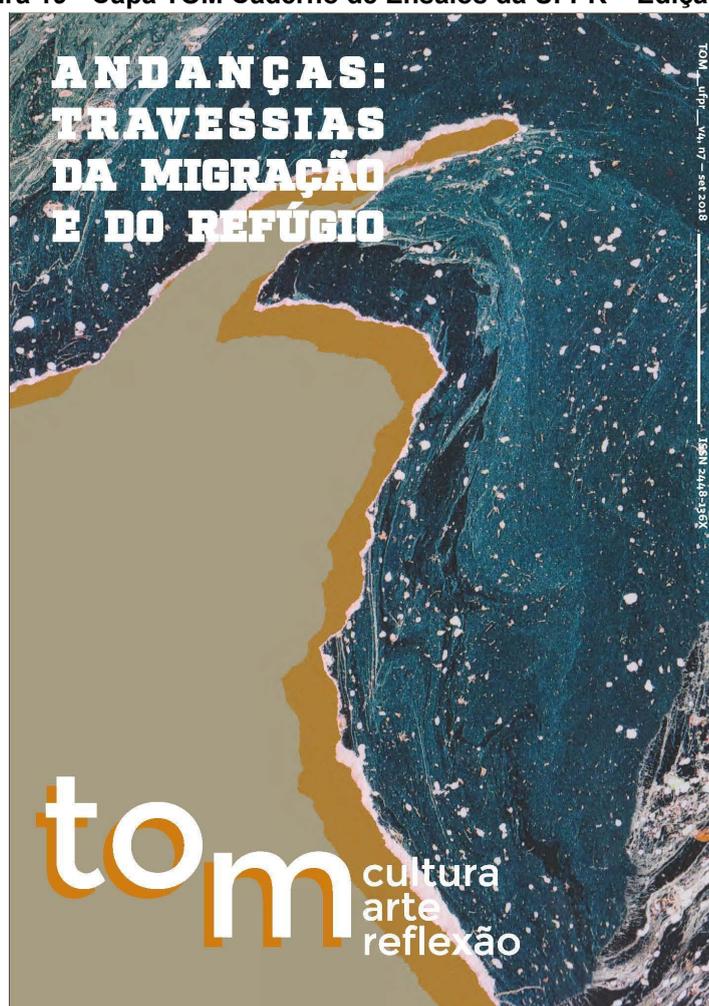
A edição marcou uma particularidade com a inclusão de Errancinhas, uma seção destinada às crianças, também protagonistas no contexto da migração. Desta forma, as seções foram distribuídas em: Apresentação; Errâncias Sonoras; Dar o Tom - a pluralidade de vozes registrada por depoimentos de diversos migrantes a respeito das inquietações sobre identidade, migração, expectativas e sonhos; Errâncias Visuais; Errâncias Verbais; Errâncias Poéticas; Errâncias Afetivas; Errancinhas; Notas Dissonantes; Pós-Scriptum e Páginas Amarelas.

Vanessa Diamante Rohden e Victor dos Reis Damaceno Uchoa, estudantes do Curso de Design Gráfico da UFPR, cuidaram do projeto gráfico e da editoração eletrônica; Amanda Melo Silva, aluna do Curso de Tecnologia em Produção Cênica da UFPR e Laura Sferelli Fontoura, aluna do Curso de Relações Públicas da UFPR, produziram textos e atuaram na divulgação nas mídias sociais. Amanda ainda ficou responsável pela produção de lançamento e Laura fez a cobertura fotográfica do evento.

---

Mesquita Filho (2007). Graduação em Letras, Licenciatura Plena em Português, Francês e Literaturas, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Professora da área de Francês da Universidade Federal do Paraná. Integra o grupo de pesquisa Relações França-Brasil: literatura e cultura. Experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria literária, literaturas em língua francesa e crítica genética.

Figura 19 - Capa TOM Caderno de Ensaaios da UFPR – Edição n° 7



Fonte: TOM Caderno de Ensaaios da UFPR v.4, n.7

O lançamento da publicação foi em dois tempos. Primeiro, no dia 18 de agosto de 2018, no Teatro da Reitoria da UFPR, com a presença de toda equipe envolvida na produção do Caderno, inclusive os estudantes do PBMIH, que dividiram com o público um pouco da sua arte. Foi uma tarde de confraternização, uma forma de agradecimento aos migrantes que registraram suas histórias nesta edição. Depois, um lançamento oficial, realizado durante a solenidade do IX Seminário Nacional da Cátedra Sérgio Vieira de Mello - ACNUR e da III Conferência Latino-Americana, no dia 13 de setembro, na Capela Santa Maria.

Figura 20 - Convite de lançamento TOM#7



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

Figura 21 – Lançamento TOM#7



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

**Figura 22 – Lançamento TOM#7**

Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

## 1.8 TOM#8 - MÚSICA DE CONCERTO E CONTEMPORANEIDADE NO BRASIL – CRIAÇÃO, REFLEXÃO E INSERÇÃO

No segundo semestre de 2018, a Coordenadoria de Cultura considerou importante dedicar mais um número à produção artística da Universidade, assim a oitava edição foi sobre música de concerto e sua contemporaneidade no Brasil, com a curadoria de Harry Crowl<sup>120</sup>, diretor artístico da Orquestra Filarmônica da UFPR, que neste mesmo ano foi homenageado com o concerto comemorativo “Harry Crowl 60 anos”, sob a regência do maestro Márcio Steuernagel.

Com o título “Música de concerto e contemporaneidade no Brasil – criação, reflexão e inserção”, a edição convidou profissionais e acadêmicos da área a compartilharem suas curiosidades, histórias e percepções sobre o processo de difusão da música de concerto, com ênfase na criação e na pesquisa. O Caderno, que contou com 180 páginas, veio dividido em oito seções: Apresentação; Errâncias Sonoras; Errâncias Verbais; Dar o Tom - entrevista com Harry Crowl feita por

---

<sup>120</sup> Compositor, musicólogo e professor.

Wellington Müller Bujokas<sup>121</sup>; Errâncias Visuais; Notas Dissonantes; Pós-Scriptum e Páginas Amarelas.

Como na edição anterior, contribuíram neste número as alunas Amanda Melo Silva (produção de texto, mídias sociais e organização do evento de lançamento) e Laura Sferelli Fontoura (mídias sociais, produção de texto e cobertura fotográfica do evento de lançamento), assim como o aluno Victor dos Reis Damaceno Uchoa (projeto gráfico e editoração eletrônica).

**Figura 23 - Capa TOM Caderno de Ensaios da UFPR – Edição n° 8**



**Fonte: TOM Caderno de Ensaios da UFPR v.4, n.8**

O lançamento da oitava publicação do TOM foi no dia 14 de dezembro de 2018, na sala da Orquestra Filarmônica da UFPR, no terceiro andar do Prédio Histórico da universidade. Na ocasião, houve a execução da obra “Capim-Cheiroso”, de Harry Crawl, pelo violonista Eric Moreira e apresentação do Duo Tercina, formado por Eric Moreira e o clarinetista, Jonathan Augusto.

<sup>121</sup> Jornalista formado pela Universidade Federal do Paraná, diplomata, tradutor e poeta. Atuou nas embaixadas do Brasil em Astana e em Moscou. Em 2012, publicou o livro “Estudos” pela Travessa dos Editores.

Figura 24 - Convite de lançamento TOM#8



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

Figura 25– Lançamento TOM#8



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

## 1.9 TOM#9 - TINHA UM MUSEU NO MEIO DO CAMINHO... NO MEIO DO CAMINHO TINHA UM MUSEU

A nona edição do TOM contou com a curadoria de Ana Luisa de Mello Nascimento<sup>122</sup>, Bruna Marina Portela<sup>123</sup> e Mariana Gonzalez Leandro Novaes<sup>124</sup>.

O objetivo deste número, intitulado “Tinha um museu no meio do caminho... No meio do caminho tinha um museu”, foi proporcionar reflexões sobre museus, coleções e museologia, possibilitando ao leitor conhecer e explorar espaços e trabalhos existentes para além das salas expositivas. A motivação para este tema surgiu com o incêndio ocorrido no Museu Nacional<sup>125</sup>, no Rio de Janeiro, em setembro de 2018.

As 346 páginas do Caderno trouxeram as seguintes seções: Apresentação, Errâncias Sonoras; Errâncias Verbais; Dar o Tom - entrevista com Carlos Reiss, coordenador geral do Museu do Holocausto em Curitiba; Errancinhas; Errâncias Visuais; Notas Dissonantes; Páginas Amarelas e Pós-Scriptum.

Além da equipe de curadores, o projeto teve a participação de cinco estudantes da graduação. Ângela Mayume Oyafuso, voluntária e aluna do Curso de Tecnologia em Design Gráfico da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), e Amanda N. S. Falcon Wiederkehr, também voluntária e estudante do Curso de Design Gráfico da UFPR, foram responsáveis pelo projeto gráfico e pela

<sup>122</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPR (2018). Possui Pós-Graduação Lattu Senu em História Social da Arte pela PUC-PR (2013) e graduação em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2006). Atualmente é Museóloga do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE UFPR). Tem experiência na área de Museologia, atuando principalmente nos seguintes temas: museu, museologia, memória, exposição museológica e público de museus.

<sup>123</sup> Mestre (2007) e Doutora (2014) em História pela Universidade Federal do Paraná. Historiadora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná, atualmente é vice-diretora e responsável pelo Arquivo Histórico da mesma instituição. Desenvolve atividades de organização de acervo museológico e arquivístico, pesquisa e curadoria de exposições. Além disso, tem experiência na área de organização e descrição de acervos, principalmente de documentação dos séculos XVIII e XIX.

<sup>124</sup> Doutora em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (2018). Possui graduação em Museologia pela UNIRIO (2010) e mestrado em Historia, Territorio y Recursos Patrimoniales pela Universidade de Vigo - UVigo (2011). Atualmente é servidora pública da Universidade Federal do Paraná - UFPR, cargo Museólogo, do Museu de Arte da UFPR - MusA; foi museóloga do Departamento de Antropologia - DEAN, atuando no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da UFPR - CEPA (08/2015-01/2020).

<sup>125</sup> O Museu Nacional é uma instituição autônoma, integrante do Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculada ao Ministério da Educação, que completou 200 anos em 2018. Como museu universitário, tem perfil acadêmico e científico. Com um acervo cultural e científico relevante, é considerado o maior museu de história natural da América Latina. (<https://www.museunacional.ufrj.br/>).

produção de texto. Ângela providenciou ainda a editoração eletrônica do Caderno. Laura Sferelli Fontoura, aluna do Curso de Relações Públicas da UFPR, auxiliou no planejamento e no cronograma de divulgação, produziu textos, agendou postagens nas mídias sociais e fez a cobertura fotográfica do evento de lançamento. Nicolas Lopes Mendes Gonçalves, aluno do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da UFPR, contribuiu com a divulgação da publicação e Camille Dittert Bittencourt, aluna do Curso Tecnologia em Produção Cênica da UFPR, ficou com a tarefa de organizar a programação e o espaço do evento de lançamento.

Figura 26 - Capa TOM Caderno de Ensaios da UFPR – Edição n° 9



Fonte: TOM Caderno de Ensaios da UFPR v.5, n.9

O antigo prédio da Imprensa da UFPR, no Campus Juvevê, foi totalmente ambientado para o lançamento do nono Caderno TOM, realizado no dia 4 de setembro de 2019, exatamente um ano após o incêndio no acervo do Museu Nacional. A programação contou com uma visita guiada ao Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, exposições, performance “*Bad Anthropophagy*”, com Marina Ramos, e apresentação musical do Trio *Les Imposteurs*.

Figura 27 - Convite de lançamento TOM#9

Você é convidado para o  
**lançamento do TOM 9!**

**04/Setembro**  
**19 horas**  
**Rua Paraguassu, 2100**  
**(Campus Juvevê - UFPR)**

**PROGRAMAÇÃO**

**19h**  
Recepção  
Visita à Exposição "No meio do caminho  
tinha um museu"  
Visita Guiada ao Centro de Estudos e  
Pesquisas Arqueológicas (CEPA)

**19h30**  
Lançamento do TOM Cadernos de Ensaio nº 9

**20h**  
Performance artística

**20h30**  
Apresentação Musical do Trio Les Imposteurs: trio  
de guitarras inspirado pelos standards da música  
brasileira e do jazz.  
Coquetel

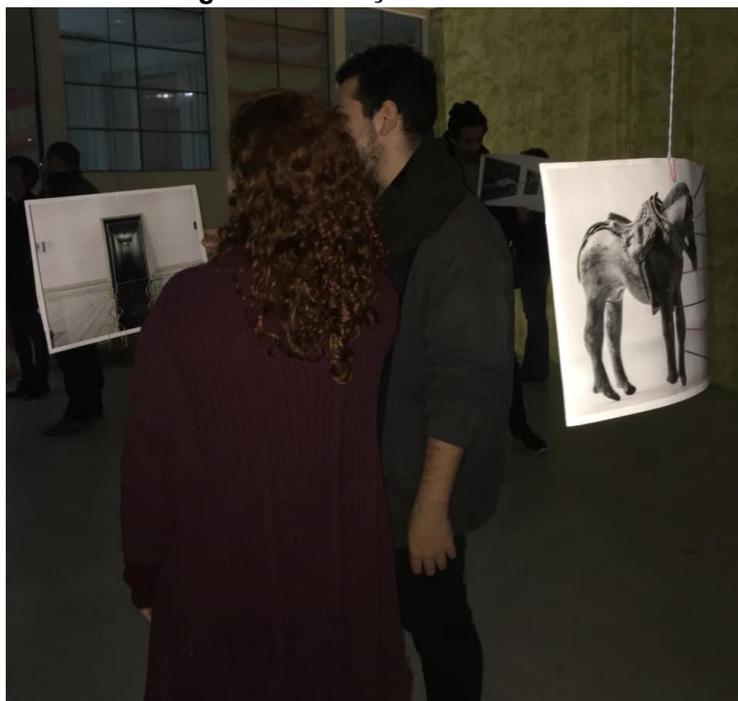
**MUSEUS & COLEÇÕES**



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

**Figura 28 – Lançamento TOM#9**



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

## 1.10 TOM#10 - IMAGEM E RESISTÊNCIA / IMAGEM E SUBVERSÃO

A décima e última publicação digital do TOM Caderno de Ensaios da UFPR veio com o título “Imagem e Resistência / Imagem e Subversão” e com a curadoria de Marilda Queluz<sup>126</sup>, Marinês Ribeiro dos Santos<sup>127</sup> e Kando Fukushima<sup>128</sup>, pesquisadores na área do Design e professores da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, promovendo, pela primeira vez, a interação entre duas instituições públicas de ensino superior.

O tema e a definição do conteúdo desta edição foram motivados pelo contexto político e social vivenciado neste período no Brasil, reflexo de uma sucessão de acontecimentos desde 2016. A começar pelo *impeachment* da então

<sup>126</sup> Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, na linha de pesquisa Mediações e Culturas. Experiência na área de História, com ênfase em História da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: história das artes gráficas e humor gráfico (caricatura e quadrinhos), design, tecnologia e cultura, história da arte brasileira.

<sup>127</sup> Docente do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Seus interesses de pesquisa estão focados nos Estudos em Design, com ênfase na articulação entre cultura material, espaço doméstico e relações de gênero.

<sup>128</sup> Docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Experiência na área de Desenho Industrial, com ênfase em Programação Visual, atuando principalmente nos seguintes temas: Design e Cultura e Design Gráfico.

presidente Dilma Rousseff, antecedido de uma série de protestos nas ruas de todo país. Ainda neste ano, o governo de Michel Temer tem entre suas principais bandeiras a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que previa o congelamento dos gastos do governo federal com saúde, educação, infraestrutura e programas sociais pelos próximos 20 anos, o que culminou em uma série de manifestações e ocupação das universidades e das escolas secundaristas contra o desmonte político da educação pública.

Em 2017, a filósofa Judith Butler foi agredida verbalmente enquanto embarcava para o Rio de Janeiro após participar de um seminário da Universidade de São Paulo. Na ocasião, grupos protestaram contra e a favor da realização da palestra. Em março de 2018, o carro em que estava a vereadora carioca e negra Marielle Franco foi atacado na região central do Rio de Janeiro. Ela e o motorista Anderson Gomes foram mortos a tiros. No início de 2019, os povos indígenas realizaram protestos e bloqueios em vinte e dois estados e no Distrito Federal pela garantia territorial. Ainda, neste período, entraram em pauta a violação dos direitos quilombolas e LGBTQI+.

Figura 29 - Capa TOM Caderno de Ensaaios da UFPR – Edição nº 10



Fonte: TOM Caderno de Ensaaios da UFPR v.5, n.10

A publicação, ao longo das 392 páginas, desperta a vontade de conhecer mais a relação entre as imagens e o cotidiano sob uma perspectiva crítica e provocativa. Compreender a importância das imagens e, principalmente evidenciar a potência imagética para ressignificar a realidade e as relações sociais de forma emancipatória. Assim, os curadores esclarecem:

Nosso interesse aqui é compartilhar aquelas imagens que nos interpelam sobre o modo como organizamos nossa sociedade, como sentimos, como construímos e experimentamos o olhar do outro, como interagimos com o cotidiano, como reinventamos nossos corpos, ressignificamos as nossas vidas. Importam as imagens que nos fazem pensar (QUELUZ; SANTOS; FUKUSHIMA, p. 12, 2019).

Dividido em seções temáticas, numa perspectiva totalmente diferente dos demais, o conteúdo do Caderno abordou as resistências indígenas e do movimento negro, as subversões feministas e LGBTQI+ e a luta pela democracia e pela educação com foco na linguagem, na tecnologia, nas imagens como resistências

urbanas e nas práticas socioculturais ativistas, suas estratégias artísticas e comunicacionais disruptivas. Pois como defendem os curadores, é preciso “debater e compartilhar imagens que atuam como refúgios e espaços de resistência, construindo mensagens de esperança, de afeto, de denúncia, de força e de luta” (QUELUZ; SANTOS; FUKUSHIMA, p. 11, 2019).

Os estudantes envolvidos no desenvolvimento desta edição foram praticamente os mesmo da edição passada, ou seja: Ângela Mayume Oyafuso (projeto gráfico e produção de texto), Amanda N. S. Falcon Wiederkehr, (projeto gráfico, produção de texto e editoração eletrônica), Laura Sferelli Fontoura, (divulgação, produção de textos e cobertura fotográfica do evento de lançamento) e Camille Dittert Bittencourt, (produção do evento de lançamento).

O jardim do Campus Rebouças da Universidade Federal do Paraná, próximo ao Campus Centro da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, foi o local escolhido para divulgar a décima edição do Caderno com a presença dos estudantes, dos docentes e dos técnico-administrativos das duas instituições. A ideia era promover um evento sem protocolos rígidos, festivo e a céu aberto, que combinasse com a energia vibrante das manifestações populares.

Desta forma, o lançamento foi realizado no dia 12 de dezembro de 2019, sob a luz da lua cheia, marcado pelo ensaio aberto da “bloca” feminista Ela pode, Ela vai<sup>129</sup>, bloco de carnaval formado por mulheres que queriam batucar, estar juntas e ocupar as ruas com suas mensagens de protesto, muitas vezes, impedidas de ensaiar ou de participar do carnaval de fato, por ser reconhecido como um coletivo político.

---

<sup>129</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/elapodeelavai>>.

Figura 30 - Convite de lançamento TOM#10



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

Figura 31 – Lançamento TOM#10



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

Figura 32 - Panfleto de divulgação do Caderno distribuído no evento de lançamento



Fonte: Arquivo Pró-Reitoria de Extensão e Cultura UFPR

O texto do panfleto de divulgação do Caderno reforça a reflexão com uma mensagem de resistência imposta pelo momento de controle e censura por parte do governo sobre as manifestações políticas, conforme descrito a seguir.

Depois de enfrentar tempos temerosos é preciso destruir o mito das imagens como meros reflexos da história, da realidade. Em um período conturbado do país, é vital debater e compartilhar imagens que atuam como refúgios e espaços de resistência, construindo mensagens de esperança, de afeto, de denúncia, de força e de luta.

Vamos discutir as práticas de representação envolvidas na produção de imagens como disputas pelos sentidos. No momento em que vivemos é premente colocar em pauta a importância das imagens na construção das nossas visões de mundo, sobretudo a sua potencialidade para ressignificar a realidade e as relações sociais em uma direção emancipatória.

Fica aqui o convite para buscarmos olhares e interpretações plurais sobre o mundo. Resistir. Subverter.

## REFERÊNCIAS

JANEIRO VERMELHO E SANGUE INDÍGINA. **Projeto Colabora**, 2019. Disponível em: <<https://projetocolabora.com.br/florestas/janeiro-vermelho-e-sangue-indigena/>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

JUDITH BUTLER RESPONDE AOS ATAQUES DE ÓDIO SOFRIDOS NO BRASIL. **Brasil de Fato**, 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/13/judith-butler-responde-aos-ataques-de-odio-sofridos-no-brasil>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

CARVALHO, Patricia Guilhem de Salles. **Comunicação e responsabilidade social**: um estudo sobre o Festival de Inverno da Universidade Federal do Paraná - Curitiba, 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Paraná, 2014.

IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF. **Uol**, 2016. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/impeachment-dilma-rousseff.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MARIELLE FRANCO, VEREADORA DO PSOL, É ASSASSINADA NO CENTRO DO RIO APÓS EVENTO COM ATIVISTAS NEGRAS. **El País**, 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376\\_531337.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376_531337.html)>. Acesso em: 22 ago.2022.

PEC 241: COM QUASE 1.000 ESCOLAS OCUPADAS NO PAÍ, ATO DE ESTUDANTES CHEGA A SP. **El País**, 2016. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658\\_698523.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658_698523.html)>. Acesso em: 22 ago. 2022.

PEC QUE RESTRINGE GASTOS PÚBLICOS É APROVADA E VAI A PROMULGAÇÃO. **Agência Senado**, 2016. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/13/pec-que-restringe-gastos-publicos-e-aprovada-e-vai-a-promulgacao>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 55, DE 2016. **Agência Senado**, 2016. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127337>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

RELATÓRIO APONTA QUE 2019 FOI ANO DE RETROCESSOS PARA OS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL. **EcoDebate**, 2020. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2020/03/02/relatorio-aponta-que-2019-foi-ano-de-retrocessos-para-os-direitos-humanos-no-brasil/>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

TOM UFPR, Curitiba, v 1, n 1, 2015. 142p. Disponível em: <[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom1](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom1)>. Acesso em: 04 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 1, n 2, 2015. 204p. Disponível em: <[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom2](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom2)>. Acesso em: 04 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 2, n 3, 2016. 140p. Disponível em: <[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom3](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom3)>. Acesso em: 05 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 2, n 4, 2016. 216p. Disponível em: <[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom\\_4](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom_4)>. Acesso em: 05 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 3, n 5 2017. 220p. Disponível em: <[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom\\_5](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom_5)>. Acesso em: 05 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 3, n 6 2017. 234p. Disponível em: <[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom6](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom6)>. Acesso em: 06 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 4, n 7 2018. 224p. Disponível em: <[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom7](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom7)>. Acesso em: 06 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 4, n 8 2018. 180p. Disponível em: <[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom8](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom8)>. Acesso em: 06 abr. 2019.

TOM UFPR, Curitiba, v 5, n 9 2019. 346p. Disponível em: <[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom\\_9\\_museus\\_e\\_cole\\_es\\_final](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom_9_museus_e_cole_es_final)>. Acesso em: 20 ago. 2020.

TOM UFPR, Curitiba, v 5, n 10 2019. 392p. Disponível em: <[https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom\\_ufpr\\_v5\\_n10\\_2019](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom_ufpr_v5_n10_2019)>. Acesso em: 20 ago. 2020.

UNESCO. **Declaração universal sobre a diversidade cultural**. 2002. Disponível em: <Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural; 2002> Acesso em: 10 fev. 2023.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomáz Tadeu da. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

## APÊNDICE B - Termo de Autorização



Ministério da Educação  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
 Pró-Reitoria de Graduação e Educação Profissional  
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
 Sistema de Bibliotecas

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES DE  
 EMPRESAS/INSTITUIÇÕES/ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS OU PRIVADAS**

Empresa/Instituição/Organização: Universidade Federal do Paraná - Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

CNPJ: 75.095.679/0001-49

Endereço completo: Travessa Alfredo Bufren, 140 - 3º andar

Nome Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Rodrigo Arantes Reis

RG: 5.321.689-7 CPF: 024.341.299-19

Telefone: ( 41 ) 3310-2831

e-mail: reisra@ufpr.br / proec@ufpr.br

Tipo de produção: ( ) TCC<sup>1</sup> ( ) TCCE<sup>2</sup> ( ) Dissertação ( **X** ) Tese

Título/subtítulo: TOM Caderno de Ensaios da Universidade Federal do Paraná (2015-2019): projeto de extensão permeado por arte, cultura, encontros, práticas e significados.

Autor: Patricia Guilhem de Salles

Código de matrícula: 2122111

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa

Curso/Programa de Pós-graduação: Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade

Como representante da empresa/organização/instituição acima nominada, declaro que os, as informações e/ou documentos disponibilizados pela empresa/organização/instituição para a elaboração do trabalho citado:

(X) Podem ser publicados sem restrição.

( ) Podem ser publicados com restrição de acesso pelo período<sup>3</sup> de \_\_\_\_\_ anos, pelos seguintes motivos: \_\_\_\_\_

Curitiba, 03 de agosto de 2023

Rodrigo Arantes Reis  
 Pró-reitor de Extensão e Cultura - PROEC/UFPR  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

<sup>1</sup> TCC – Trabalho de Curso de Graduação.

<sup>2</sup> TCCE – Trabalho de Curso de Especialização.

<sup>3</sup> O período de restrição se aplicará ao texto completo do trabalho, os metadados, que incluem resumo e abstract serão disponibilizados.

## APÊNDICE C - Autorização Entrevistas



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
Campus Curitiba  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E TEXTO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado(a) e identificado(a), [REDAZIDO], portador(a) do RG nº [REDAZIDO], inscrito(a) no CPF/MF sob nº [REDAZIDO], residente à [REDAZIDO], nº [REDAZIDO], na cidade de [REDAZIDO], autorizo voluntariamente o uso de minha imagem, documentos, áudio e transcrições, parcial ou total de entrevistas por mim concedidos(as) à pesquisadora PATRICIA GUILHEM DE SALLES, portadora do RG 4.349.453-8 (PR), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), para o uso em sua tese de doutorado ou em projetos e eventos relacionados, em mídias impressas e digitais, de cunho científico e cultural.

Esta autorização inclui o uso parcial ou total de todo o material criado que contenha a minha voz, imagem e informações por mim fornecidas à Patricia Guilhem de Salles, da forma que melhor lhe aprouver, nos mais diversos meios (mídias impressas, digitais, orais, exposições, instalações), independentemente do processo de transporte de sinal, suporte material, tratamento gráfico e audiovisual, reprodução e distribuição que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações /exibições, no Brasil ou no exterior. Ainda, essa autorização poderá ser destinada a compor conteúdo de livros, artigos científicos e palestras, como também o planejamento de disciplinas acadêmicas.

Fica definido que o material a ser utilizado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade de Patricia Guilhem de Salles, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais). Na condição de titular dos direitos patrimoniais, Patricia Guilhem de Salles poderá fazer uso de minha voz, imagem e informações por mim a ela fornecidas, em mídias impressas e digitais de cunho científico e cultural. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, seus direitos sobre os materiais, não cabendo a mim direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Curitiba, \_\_14\_\_ de \_\_\_\_\_ setembro \_\_\_\_\_ de 2022.

ASSINATURA DO(A) INTERLOCUTOR(A)  
Nome completo:



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
 Campus Curitiba  
 Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E TEXTO

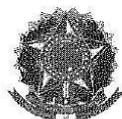
Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado(a) e identificado(a),  
Antonio Luiz Borquato de Piquia, portador(a)  
 do RG nº 15.700.620-7, inscrito(a) no CPF/MF sob nº 456.015.198-97,  
 residente à Marçal de Mendonça, nº 441,  
 na cidade de Curitiba, autorizo voluntariamente o uso de  
 minha imagem, documentos, áudio e transcrições, parcial ou total de entrevistas por mim  
 concedidos(as) à pesquisadora PATRICIA GUILHEM DE SALLES, portadora do RG 4.349.453-8  
 (PR), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da  
 Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), para o uso em sua tese de doutorado  
 ou em projetos e eventos relacionados, em mídias impressas e digitais, de cunho científico e  
 cultural.

Esta autorização inclui o uso parcial ou total de todo o material criado que contenha a  
 minha voz, imagem e informações por mim fornecidas à Patricia Guilhem de Salles, da forma  
 que melhor lhe aprouver, nos mais diversos meios (mídias impressas, digitais, orais,  
 exposições, instalações), independentemente do processo de transporte de sinal, suporte  
 material, tratamento gráfico e audiovisual, reprodução e distribuição que venha a ser  
 utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações /exibições, no  
 Brasil ou no exterior. Ainda, essa autorização poderá ser destinada a compor conteúdo de  
 livros, artigos científicos e palestras, como também o planejamento de disciplinas  
 acadêmicas.

Fica definido que o material a ser utilizado destina-se à produção de obra intelectual  
 organizada e de titularidade de Patricia Guilhem de Salles, conforme expresso na Lei  
 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais). Na condição de titular dos direitos patrimoniais, Patricia  
 Guilhem de Salles poderá fazer uso de minha voz, imagem e informações por mim a ela  
 fornecidas, em mídias impressas e digitais de cunho científico e cultural. Para tanto, poderá,  
 a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, seus  
 direitos sobre os materiais, não cabendo a mim direito e/ou remuneração, a qualquer tempo  
 e título.

Curitiba, 24 de setembro de 2022.

Antonio Luiz Borquato de Piquia  
 ASSINATURA DO(A) INTERLOCUTOR(A)  
 Nome completo: Antonio Borquato  
 Telefone: (41) 988858315  
 E-mail: antonatorquato@gmail.com



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
 Campus Curitiba  
 Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E TEXTO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado(a) e identificado(a),  
CRISTIANE DOS SANTOS SOUZA, portador(a)  
 do RG nº 4.152.279-8, inscrito(a) no CPF/MF sob nº 709.370.019-53  
 residente à RUA CARLOTA MION 13, nº AP 1 BLOCO 1  
 na cidade de CURITIBA, autorizo voluntariamente o uso de  
 minha imagem, documentos, áudio e transcrições, parcial ou total de entrevistas por mim  
 concedidos(as) à pesquisadora PATRICIA GUILHEM DE SALLES, portadora do RG 4.349.453-8  
 (PR), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da  
 Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), para o uso em sua tese de doutorado  
 ou em projetos e eventos relacionados, em mídias impressas e digitais, de cunho científico e  
 cultural.

Esta autorização inclui o uso parcial ou total de todo o material criado que contenha a  
 minha voz, imagem e informações por mim fornecidas à Patricia Guilhem de Salles, da forma  
 que melhor lhe aprouver, nos mais diversos meios (mídias impressas, digitais, orais,  
 exposições, instalações), independentemente do processo de transporte de sinal, suporte  
 material, tratamento gráfico e audiovisual, reprodução e distribuição que venha a ser  
 utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações /exibições, no  
 Brasil ou no exterior. Ainda, essa autorização poderá ser destinada a compor conteúdo de  
 livros, artigos científicos e palestras, como também o planejamento de disciplinas  
 acadêmicas.

Fica definido que o material a ser utilizado destina-se à produção de obra intelectual  
 organizada e de titularidade de Patricia Guilhem de Salles, conforme expresso na Lei  
 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais). Na condição de titular dos direitos patrimoniais, Patricia  
 Guilhem de Salles poderá fazer uso de minha voz, imagem e informações por mim a ela  
 fornecidas, em mídias impressas e digitais de cunho científico e cultural. Para tanto, poderá,  
 a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, seus  
 direitos sobre os materiais, não cabendo a mim direito e/ou remuneração, a qualquer tempo  
 e título.

Curitiba, 17 de outubro de 2022.

Cristiane Souza

ASSINATURA DO(A) INTERLOCUTOR(A)  
 Nome completo: CRISTIANE DOS SANTOS SOUZA  
 Telefone: 41. 99522. 1503  
 E-mail: crisiti2021@gmail.com



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
Campus Curitiba  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E TEXTO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado(a) e identificado(a),  
Eduardo Zmievski, portador(a) do  
RG nº 104690556, inscrito(a) no CPF/MF sob nº 0861169193,  
residente à Simão Bolívar, nº 509, na cidade  
de Curitiba, autorizo voluntariamente o uso de minha imagem,  
documentos, áudio e transcrições, parcial ou total de entrevistas por mim concedidos(as) à  
pesquisadora PATRICIA GUILHEM DE SALLES, portadora do RG 4.349.453-8 (PR), vinculada ao  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade  
Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), para o uso em sua tese de doutorado ou em projetos  
e eventos relacionados, em mídias impressas e digitais, de cunho científico e cultural.

Esta autorização inclui o uso parcial ou total de todo o material criado que contenha a  
minha voz, imagem e informações por mim fornecidas à Patricia Guilhem de Salles, da forma  
que melhor lhe aprouver, nos mais diversos meios (mídias impressas, digitais, orais,  
exposições, instalações), independentemente do processo de transporte de sinal, suporte  
material, tratamento gráfico e audiovisual, reprodução e distribuição que venha a ser  
utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações /exibições, no  
Brasil ou no exterior. Ainda, essa autorização poderá ser destinada a compor conteúdo de  
livros, artigos científicos e palestras, como também o planejamento de disciplinas  
acadêmicas.

Fica definido que o material a ser utilizado destina-se à produção de obra intelectual  
organizada e de titularidade de Patricia Guilhem de Salles, conforme expresso na Lei  
9.610/98 (Lei de Direitos Autorais). Na condição de titular dos direitos patrimoniais, Patricia  
Guilhem de Salles poderá fazer uso de minha voz, imagem e informações por mim a ela  
fornecidas, em mídias impressas e digitais de cunho científico e cultural. Para tanto, poderá,  
a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, seus  
direitos sobre os materiais, não cabendo a mim direito e/ou remuneração, a qualquer tempo  
e título.

Curitiba, 11 de Agosto de 2022.

ASSINATURA DO(A) INTERLOCUTOR(A)  
Nome completo: Eduardo Zmievski  
Telefone: (41) 995379592  
E-mail: zmievski.eduardo@gmail.com



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
 Campus Curitiba  
 Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E TEXTO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado(a) e identificado(a),  
 [REDACTED], portador(a)  
 do RG nº [REDACTED] inscrito(a) no CPF/MF sob nº [REDACTED],  
 residente à [REDACTED], nº [REDACTED],  
 na cidade de [REDACTED], autorizo voluntariamente o uso de  
 minha imagem, documentos, áudio e transcrições, parcial ou total de entrevistas por mim  
 concedidos(as) à pesquisadora PATRICIA GUILHEM DE SALLES, portadora do RG 4.349.453-8  
 (PR), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da  
 Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), para o uso em sua tese de doutorado  
 ou em projetos e eventos relacionados, em mídias impressas e digitais, de cunho científico e  
 cultural.

Esta autorização inclui o uso parcial ou total de todo o material criado que contenha a  
 minha voz, imagem e informações por mim fornecidas à Patricia Guilhem de Salles, da forma  
 que melhor lhe aprouver, nos mais diversos meios (mídias impressas, digitais, orais,  
 exposições, instalações), independentemente do processo de transporte de sinal, suporte  
 material, tratamento gráfico e audiovisual, reprodução e distribuição que venha a ser  
 utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações /exibições, no  
 Brasil ou no exterior. Ainda, essa autorização poderá ser destinada a compor conteúdo de  
 livros, artigos científicos e palestras, como também o planejamento de disciplinas  
 acadêmicas.

Fica definido que o material a ser utilizado destina-se à produção de obra intelectual  
 organizada e de titularidade de Patricia Guilhem de Salles, conforme expresso na Lei  
 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais). Na condição de titular dos direitos patrimoniais, Patricia  
 Guilhem de Salles poderá fazer uso de minha voz, imagem e informações por mim a ela  
 fornecidas, em mídias impressas e digitais de cunho científico e cultural. Para tanto, poderá,  
 a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, seus  
 direitos sobre os materiais, não cabendo a mim direito e/ou remuneração, a qualquer tempo  
 e título.

Curitiba, 17 de Setembro de 2022.

[REDACTED]

ASSINATURA DO(A) INTERLOCUTOR(A)

Nome completo:

Telefone:

E-mail:



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
 Campus Curitiba  
 Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E TEXTO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado(a) e identificado(a), KANDO FUKUSHIMA, portador(a) do RG nº 30082436-1, inscrito(a) no CPF/MF sob nº 029 985 259 89, residente à R. Prof. EWALDO SCHIEBLER, nº 1212, na cidade de CURITIBA - PR, autorizo voluntariamente o uso de minha imagem, documentos, áudio e transcrições, parcial ou total de entrevistas por mim concedidos(as) à pesquisadora PATRICIA GUILHEM DE SALLES, portadora do RG 4.349.453-8 (PR), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), para o uso em sua tese de doutorado ou em projetos e eventos relacionados, em mídias impressas e digitais, de cunho científico e cultural.

Esta autorização inclui o uso parcial ou total de todo o material criado que contenha a minha voz, imagem e informações por mim fornecidas à Patricia Guilhem de Salles, da forma que melhor lhe aprouver, nos mais diversos meios (mídias impressas, digitais, orais, exposições, instalações), independentemente do processo de transporte de sinal, suporte material, tratamento gráfico e audiovisual, reprodução e distribuição que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações /exibições, no Brasil ou no exterior. Ainda, essa autorização poderá ser destinada a compor conteúdo de livros, artigos científicos e palestras, como também o planejamento de disciplinas acadêmicas.

Fica definido que o material a ser utilizado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade de Patricia Guilhem de Salles, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais). Na condição de titular dos direitos patrimoniais, Patricia Guilhem de Salles poderá fazer uso de minha voz, imagem e informações por mim a ela fornecidas, em mídias impressas e digitais de cunho científico e cultural. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, seus direitos sobre os materiais, não cabendo a mim direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Curitiba, 16 de setembro de 2022.

Kando  
 ASSINATURA DO(A) INTERLOCUTOR(A)  
 Nome completo: KANDO FUKUSHIMA  
 Telefone: 99902-9638  
 E-mail: profkando@gmail.com



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
 Campus Curitiba  
 Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E TEXTO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado(a) e identificado(a), Amanda Melo Silva, portador(a) do RG nº 5465003, inscrito(a) no CPF/MF sob nº 92702007287, residente à Rua Santa Catarina, nº 930, na cidade de Curitiba, autorizo voluntariamente o uso de minha imagem, documentos, áudio e transcrições, parcial ou total de entrevistas por mim concedidos(as) à pesquisadora PATRICIA GUILHEM DE SALLES, portadora do RG 4.349.453-8 (PR), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), para o uso em sua tese de doutorado ou em projetos e eventos relacionados, em mídias impressas e digitais, de cunho científico e cultural.

Esta autorização inclui o uso parcial ou total de todo o material criado que contenha a minha voz, imagem e informações por mim fornecidas à Patricia Guilhem de Salles, da forma que melhor lhe aprouver, nos mais diversos meios (mídias impressas, digitais, orais, exposições, instalações), independentemente do processo de transporte de sinal, suporte material, tratamento gráfico e audiovisual, reprodução e distribuição que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações /exibições, no Brasil ou no exterior. Ainda, essa autorização poderá ser destinada a compor conteúdo de livros, artigos científicos e palestras, como também o planejamento de disciplinas acadêmicas.

Fica definido que o material a ser utilizado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade de Patricia Guilhem de Salles, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais). Na condição de titular dos direitos patrimoniais, Patricia Guilhem de Salles poderá fazer uso de minha voz, imagem e informações por mim a ela fornecidas, em mídias impressas e digitais de cunho científico e cultural. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, seus direitos sobre os materiais, não cabendo a mim direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Curitiba, 08 de Agosto de 2022.

Amanda Melo Silva  
 ASSINATURA DO(A) INTERLOCUTOR(A)  
 Nome completo: Amanda Melo Silva  
 Telefone: (21) 968 93 96 86  
 E-mail: amandamelo86@gmail.com



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
 Campus Curitiba  
 Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E TEXTO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado(a) e identificado(a), VICTOR DOS REIS DAMACENO UCHOA, portador(a) do RG nº 36.698.883-9, inscrito(a) no CPF/MF sob nº 423.582.618-23, residente à RUA XV DE NOVEMBRO, 1997, nº 1997 AP33, na cidade de CURITIBA, autorizo voluntariamente o uso de minha imagem, documentos, áudio e transcrições, parcial ou total de entrevistas por mim concedidos(as) à pesquisadora PATRICIA GUILHEM DE SALLES, portadora do RG 4.349.453-8 (PR), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), para o uso em sua tese de doutorado ou em projetos e eventos relacionados, em mídias impressas e digitais, de cunho científico e cultural.

Esta autorização inclui o uso parcial ou total de todo o material criado que contenha a minha voz, imagem e informações por mim fornecidas à Patricia Guilhem de Salles, da forma que melhor lhe aprouver, nos mais diversos meios (mídias impressas, digitais, orais, exposições, instalações), independentemente do processo de transporte de sinal, suporte material, tratamento gráfico e audiovisual, reprodução e distribuição que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações /exibições, no Brasil ou no exterior. Ainda, essa autorização poderá ser destinada a compor conteúdo de livros, artigos científicos e palestras, como também o planejamento de disciplinas acadêmicas.

Fica definido que o material a ser utilizado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade de Patricia Guilhem de Salles, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais). Na condição de titular dos direitos patrimoniais, Patricia Guilhem de Salles poderá fazer uso de minha voz, imagem e informações por mim a ela fornecidas, em mídias impressas e digitais de cunho científico e cultural. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, seus direitos sobre os materiais, não cabendo a mim direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Curitiba, 28 de JULHO de 2022.

ASSINATURA DO(A) INTERLOCUTOR(A)

Nome completo: VICTOR DOS REIS DAMACENO UCHOA

Telefone: (41) 998-095-429

E-mail: VICTOR.REIS.UCHOA@GMAIL.COM



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
 Campus Curitiba  
 Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E TEXTO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado(a) e identificado(a), Laura Sferelli Sontoux, portador(a) do RG nº 13.079.427-0, inscrito(a) no CPF/MF sob nº 116.508.099-05, residente à Rua Leopoldo Meneses 57, nº 130, na cidade de Curitiba, PR, autorizo voluntariamente o uso de minha imagem, documentos, áudio e transcrições, parcial ou total de entrevistas por mim concedidos(as) à pesquisadora PATRICIA GUILHEM DE SALLES, portadora do RG 4.349.453-8 (PR), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), para o uso em sua tese de doutorado ou em projetos e eventos relacionados, em mídias impressas e digitais, de cunho científico e cultural.

Esta autorização inclui o uso parcial ou total de todo o material criado que contenha a minha voz, imagem e informações por mim fornecidas à Patricia Guilhem de Salles, da forma que melhor lhe aprouver, nos mais diversos meios (mídias impressas, digitais, orais, exposições, instalações), independentemente do processo de transporte de sinal, suporte material, tratamento gráfico e audiovisual, reprodução e distribuição que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações /exibições, no Brasil ou no exterior. Ainda, essa autorização poderá ser destinada a compor conteúdo de livros, artigos científicos e palestras, como também o planejamento de disciplinas acadêmicas.

Fica definido que o material a ser utilizado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade de Patricia Guilhem de Salles, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais). Na condição de titular dos direitos patrimoniais, Patricia Guilhem de Salles poderá fazer uso de minha voz, imagem e informações por mim a ela fornecidas, em mídias impressas e digitais de cunho científico e cultural. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, seus direitos sobre os materiais, não cabendo a mim direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Curitiba, 21 de julho de 2022.

Laura Sferelli  
 ASSINATURA DO(A) INTERLOCUTOR(A)  
 Nome completo: Laura Sferelli Sontoux  
 Telefone: 41.3.8883-6317  
 E-mail: laura.sferelli@hotmail.com



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
 Campus Curitiba  
 Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E TEXTO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado(a) e identificado(a), LUIZ EDUARDO GEARA, portador(a) do RG nº 4.074.176-3, inscrito(a) no CPF/MF sob nº 672.222.189-04, residente à Rua Bandeirantes, nº1249, apto 402, na cidade de Matinhos - PR, autorizo voluntariamente o uso de minha imagem, documentos, áudio e transcrições, parcial ou total de entrevistas por mim concedidos(as) à pesquisadora PATRICIA GUILHEM DE SALLES, portadora do RG 4.349.453-8 (PR), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), para o uso em sua tese de doutorado ou em projetos e eventos relacionados, em mídias impressas e digitais, de cunho científico e cultural.

Esta autorização inclui o uso parcial ou total de todo o material criado que contenha a minha voz, imagem e informações por mim fornecidas à Patricia Guilhem de Salles, da forma que melhor lhe aprouver, nos mais diversos meios (mídias impressas, digitais, orais, exposições, instalações), independentemente do processo de transporte de sinal, suporte material, tratamento gráfico e audiovisual, reprodução e distribuição que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações /exibições, no Brasil ou no exterior. Ainda, essa autorização poderá ser destinada a compor conteúdo de livros, artigos científicos e palestras, como também o planejamento de disciplinas acadêmicas.

Fica definido que o material a ser utilizado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade de Patricia Guilhem de Salles, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais). Na condição de titular dos direitos patrimoniais, Patricia Guilhem de Salles poderá fazer uso de minha voz, imagem e informações por mim a ela fornecidas, em mídias impressas e digitais de cunho científico e cultural. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, seus direitos sobre os materiais, não cabendo a mim direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Luiz Eduardo Gears  
 Assistente de Administração

ASSINATURA DO(A) INTERLOCUTOR(A)

Nome completo: Luiz Eduardo Gears

Telefone: (41) 99968-2992

Curitiba, 04 de agosto de 2022.

APÊNDICE D - Roteiro entrevista

## Roteiro entrevista estudantes

- Apresentação da pesquisa.
- Termo de autorização.

### BLOCO 1

#### Perfil do(a) entrevistado(a)

Nome completo:
Data nascimento:
Local de nascimento:
Formação:
Local de Formação:

### BLOCO 2

#### Tema: Extensão Universitária

1. Quando participou do projeto, estava em qual instituição / curso / período da graduação?	
2. Qual foi o seu o vínculo com o projeto de extensão: <i>estudante bolsista ou estudante voluntário</i> ?	
3. De quais edições participou? <i>título:</i> <i>número:</i> <i>ano:</i>	
4. Quais eram suas atribuições no projeto? dialogavam com o seu curso de graduação?	<b>práticas / formação discente</b>

5. Quem mais participava da equipe? <i>quais eram as atribuições das demais pessoas?</i> <i>quem eram os curadores?</i>	<b>interdisciplinaridade/interprofissionalidade</b>
6. Existia interação entre a equipe? <i>de que forma?</i> <i>em quais momentos?</i>	<b>interdisciplinaridade/interprofissionalidade/práticas / experiências / significados</b>
7. Em relação aos temas dos Cadernos: <i>quais foram os temas das edições que participou?</i> <i>como foi trabalhar com esses temas?</i> <i>o que agregou / modificou?</i>	<b>significados / transformação social</b>
8. Como foi participar de um projeto de extensão dentro de uma unidade administrativa da universidade?	<b>interação dialógica</b>
9. Você acha que foi possível aplicar na prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula?	<b>indissociabilidade ensino, pesquisa, extensão / formação discente</b>
10. Fale sobre os eventos de lançamento do Caderno. <i>práticas / produção / objetivo / alinhamento com o tema do caderno / diálogo com a comunidade.</i>	<b>práticas / interação dialógica</b>

## BLOCO 3

---

**Tema: Políticas Públicas para a Cultura / Comunicação para a Cultura**


---

11. O que você entende por Políticas Públicas para a Cultura?	
12. A partir desse entendimento, qual é o papel da Universidade Pública?	

<i>de que forma a instituição pode atuar / contribuir / potencializar?</i>	
13. O TOM, por se tratar de uma publicação digital na área da cultura, contribui com a política cultural da universidade? <i>de que forma?</i>	

## BLOCO 4

---

**Tema: Práticas, Experiências e Significados**


---

14. Qual a sua motivação para participar deste projeto de extensão? <i>formação / financeira / horas complementares foi atingida?</i> <i>de que forma?</i>	
15. Além do conhecimento técnico e do exercício da prática, participar desse projeto agregou em mais alguma coisa? <i>em que?</i> <i>como?</i>	
16. Considerando sua experiência, como foi participar desse projeto de extensão? <i>práticas / experiências / significados.</i>	

### Roteiro entrevista curadores(as)

- Apresentação da pesquisa.
- Termo de autorização.

#### BLOCO 1

#### Perfil do(a) entrevistado(a)

Nome completo:
Data nascimento:
Local de nascimento:
Formação:
Profissão:
Local / Instituição de trabalho

#### BLOCO 2

#### Tema: Extensão Universitária

1. De qual edição participou como curador(a)? <i>título:</i> <i>número:</i> <i>ano:</i>	
2. Já havia atuado como curador antes?	
3. Quais eram suas atribuições no projeto?	<b>práticas</b>

<i>dialogavam de alguma maneira com a sua atuação profissional?</i>	
4. Quem mais participava da equipe? <i>havia outros curadores? quais eram as atribuições das demais pessoas?</i>	<b>interdisciplinaridad e/ interprofissionalida de</b>
6. Existia interação entre a equipe? <i>de que forma? em quais momentos?</i>	<b>interdisciplinaridad e/ interprofissionalida de/práticas / experiências / significados</b>
7. Qual foi o tema da edição que participou? <i>como foi trabalhar com esse tema? o que agregou / modificou?</i>	<b>significados / transformação social</b>
8. Como foi participar de um projeto de extensão dentro de uma unidade administrativa da universidade?	<b>interação dialógica</b>
9. Fale sobre os eventos de lançamento do Caderno. <i>práticas / produção / objetivo / alinhamento com o tema do caderno / diálogo com a comunidade.</i>	<b>práticas / interação dialógica</b>

## BLOCO 3

---

**Tema: Políticas Públicas para a Cultura / Comunicação para a Cultura**


---

10. O que você entende por Políticas Públicas para a Cultura?	
11. A partir desse entendimento, qual é o papel da Universidade Pública? <i>de que forma a instituição pode atuar / contribuir / potencializar?</i>	

<p>12. O TOM, por se tratar de uma publicação digital na área da cultura, contribui com a política cultural da universidade? <i>de que forma?</i></p>	
---	--

#### BLOCO 4

---

#### **Tema: Práticas, Experiências e Significados**

---

<p>13. Qual a sua motivação para participar como curador(a) deste projeto? <i>foi atingida?</i> <i>de que forma?</i></p>	
<p>15. Além do conhecimento técnico e do exercício da prática, participar desse projeto agregou em mais alguma coisa? <i>em que?</i> <i>como?</i></p>	
<p>16. Considerando sua experiência, como foi participar desse projeto? <i>práticas / experiências / significados.</i></p>	

## APÊNDICE E - Carta convite



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
Campus Curitiba  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



---

### CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Curitiba, julho de 2022.

Cara Amanda Melo,

Por meio desta carta, convido-a para participar da pesquisa para a tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Intitulado provisoriamente “Inter(ações) sociais mediadas a partir das páginas digitais do TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná (2015-2019)”, o estudo discorre sobre os temas da Extensão Universitária e das Políticas Públicas para a Cultura. Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de uma entrevista, com gravação de áudio e captura de imagens, para fins acadêmicos.

#### SOLICITAÇÃO:

1. Autorização para entrevistas com gravação de áudio (após transcrição, esta será submetida à sua aprovação, sendo possível retirar ou incluir informações que julgar pertinente).
2. Caso existam documentos relevantes, solicito autorização para captura de imagens (materiais e documentos do seu acervo pessoal que possam contribuir com a pesquisa).

#### USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO:

As imagens serão utilizadas em contextos de estudo e pesquisa, com publicação no documento da tese e/ou em artigos em periódicos e congressos científicos, com a finalidade de registrar e divulgar os processos e os resultados obtidos.

Agradeço desde já, pelo seu tempo e pela sua valiosa contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Cordialmente,

Patricia Guilhem de Salles  
Doutoranda do PPGTE | UTFPR  
E-mail: patriciagdsalles@gmail.com  
Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
Campus Curitiba  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



---

### CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Curitiba, julho de 2022.

Cara Arantxa Siqueira,

Por meio desta carta, convido-a para participar da pesquisa para a tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Intitulado provisoriamente “Inter(ações) sociais mediadas a partir das páginas digitais do TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná (2015-2019)”, o estudo discorre sobre os temas da Extensão Universitária e das Políticas Públicas para a Cultura. Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de uma entrevista, com gravação de áudio e captura de imagens, para fins acadêmicos.

#### SOLICITAÇÃO:

1. Autorização para entrevistas com gravação de áudio (após transcrição, esta será submetida à sua aprovação, sendo possível retirar ou incluir informações que julgar pertinente).
2. Caso existam documentos relevantes, solicito autorização para captura de imagens (materiais e documentos do seu acervo pessoal que possam contribuir com a pesquisa).

#### USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO:

As imagens serão utilizadas em contextos de estudo e pesquisa, com publicação no documento da tese e/ou em artigos em periódicos e congressos científicos, com a finalidade de registrar e divulgar os processos e os resultados obtidos.

Agradeço desde já, pelo seu tempo e pela sua valiosa contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Cordialmente,

Patricia Guilhem de Salles  
Doutoranda do PPGTE | UTFPR  
E-mail: patriciagdsalles@gmail.com  
Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
Campus Curitiba  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



---

### CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Curitiba, julho de 2022.

Cara Cristiane dos Santos Souza,

Por meio desta carta, convido-a para participar da pesquisa para a tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Intitulado provisoriamente “Inter(ações) sociais mediadas a partir das páginas digitais do TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná (2015-2019)”, o estudo discorre sobre os temas da Extensão Universitária e das Políticas Públicas para a Cultura. Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de uma entrevista, com gravação de áudio e captura de imagens, para fins acadêmicos.

#### SOLICITAÇÃO:

1. Autorização para entrevistas com gravação de áudio (após transcrição, esta será submetida à sua aprovação, sendo possível retirar ou incluir informações que julgar pertinente).
2. Caso existam documentos relevantes, solicito autorização para captura de imagens (materiais e documentos do seu acervo pessoal que possam contribuir com a pesquisa).

#### USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO:

As imagens serão utilizadas em contextos de estudo e pesquisa, com publicação no documento da tese e/ou em artigos em periódicos e congressos científicos, com a finalidade de registrar e divulgar os processos e os resultados obtidos.

Agradeço desde já, pelo seu tempo e pela sua valiosa contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Cordialmente,

Patricia Guilhem de Salles  
Doutoranda do PPGTE | UTFPR  
E-mail: patriciagdsalles@gmail.com  
Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
Campus Curitiba  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



---

### CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Curitiba, julho de 2022.

Caro Eduardo Zmievski,

Por meio desta carta, convido-o para participar da pesquisa para a tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Intitulado provisoriamente “Inter(ações) sociais mediadas a partir das páginas digitais do TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná (2015-2019)”, o estudo discorre sobre os temas da Extensão Universitária e das Políticas Públicas para a Cultura. Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de uma entrevista, com gravação de áudio e captura de imagens, para fins acadêmicos.

#### SOLICITAÇÃO:

1. Autorização para entrevistas com gravação de áudio (após transcrição, esta será submetida à sua aprovação, sendo possível retirar ou incluir informações que julgar pertinente).
2. Caso existam documentos relevantes, solicito autorização para captura de imagens (materiais e documentos do seu acervo pessoal que possam contribuir com a pesquisa).

#### USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO:

As imagens serão utilizadas em contextos de estudo e pesquisa, com publicação no documento da tese e/ou em artigos em periódicos e congressos científicos, com a finalidade de registrar e divulgar os processos e os resultados obtidos.

Agradeço desde já, pelo seu tempo e pela sua valiosa contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Cordialmente,

Patricia Guilhem de Salles  
Doutoranda do PPGTE | UTFPR  
E-mail: patriciagdsalles@gmail.com  
Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
Campus Curitiba  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



---

## CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Curitiba, agosto de 2022.

Caro Kando Fukushima,

Por meio desta carta, convido-o para participar da pesquisa para a tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Intitulado provisoriamente “Inter(ações) sociais mediadas a partir das páginas digitais do TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná (2015-2019)”, o estudo discorre sobre os temas da Extensão Universitária e das Políticas Públicas para a Cultura. Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de uma entrevista, com gravação de áudio e captura de imagens, para fins acadêmicos.

### SOLICITAÇÃO:

1. Autorização para entrevistas com gravação de áudio (após transcrição, esta será submetida à sua aprovação, sendo possível retirar ou incluir informações que julgar pertinente).
2. Caso existam documentos relevantes, solicito autorização para captura de imagens (materiais e documentos do seu acervo pessoal que possam contribuir com a pesquisa).

### USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO:

As imagens serão utilizadas em contextos de estudo e pesquisa, com publicação no documento da tese e/ou em artigos em periódicos e congressos científicos, com a finalidade de registrar e divulgar os processos e os resultados obtidos.

Agradeço desde já, pelo seu tempo e pela sua valiosa contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Cordialmente,

Patricia Guilhem de Salles  
Doutoranda do PPGTE | UTFPR  
E-mail: patriciagdsalles@gmail.com  
Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
Campus Curitiba  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



---

### CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Curitiba, julho de 2022.

Cara Laura Sferelli,

Por meio desta carta, convido-a para participar da pesquisa para a tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Intitulado provisoriamente “Inter(ações) sociais mediadas a partir das páginas digitais do TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná (2015-2019)”, o estudo discorre sobre os temas da Extensão Universitária e das Políticas Públicas para a Cultura. Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de uma entrevista, com gravação de áudio e captura de imagens, para fins acadêmicos.

#### SOLICITAÇÃO:

1. Autorização para entrevistas com gravação de áudio (após transcrição, esta será submetida à sua aprovação, sendo possível retirar ou incluir informações que julgar pertinente).
2. Caso existam documentos relevantes, solicito autorização para captura de imagens (materiais e documentos do seu acervo pessoal que possam contribuir com a pesquisa).

#### USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO:

As imagens serão utilizadas em contextos de estudo e pesquisa, com publicação no documento da tese e/ou em artigos em periódicos e congressos científicos, com a finalidade de registrar e divulgar os processos e os resultados obtidos.

Agradeço desde já, pelo seu tempo e pela sua valiosa contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Cordialmente,

Patricia Guilhem de Salles  
Doutoranda do PPGTE | UTFPR  
E-mail: patriciagdsalles@gmail.com  
Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
Campus Curitiba  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



---

### CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Curitiba, julho de 2022.

Caro Luiz Eduardo Geara,

Por meio desta carta, convido-o para participar da pesquisa para a tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Intitulado provisoriamente “Inter(ações) sociais mediadas a partir das páginas digitais do TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná (2015-2019)”, o estudo discorre sobre os temas da Extensão Universitária e das Políticas Públicas para a Cultura. Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de uma entrevista, com gravação de áudio e captura de imagens, para fins acadêmicos.

#### SOLICITAÇÃO:

1. Autorização para entrevistas com gravação de áudio (após transcrição, esta será submetida à sua aprovação, sendo possível retirar ou incluir informações que julgar pertinente).
2. Caso existam documentos relevantes, solicito autorização para captura de imagens (materiais e documentos do seu acervo pessoal que possam contribuir com a pesquisa).

#### USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO:

As imagens serão utilizadas em contextos de estudo e pesquisa, com publicação no documento da tese e/ou em artigos em periódicos e congressos científicos, com a finalidade de registrar e divulgar os processos e os resultados obtidos.

Agradeço desde já, pelo seu tempo e pela sua valiosa contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Cordialmente,

Patricia Guilhem de Salles  
Doutoranda do PPGTE | UTFPR  
E-mail: patriciagdsalles@gmail.com  
Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
Campus Curitiba  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



---

### CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Curitiba, julho de 2022.

Caro Victor Uchoa,

Por meio desta carta, convido-o para participar da pesquisa para a tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Intitulado provisoriamente “Inter(ações) sociais mediadas a partir das páginas digitais do TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná (2015-2019)”, o estudo discorre sobre os temas da Extensão Universitária e das Políticas Públicas para a Cultura. Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de uma entrevista, com gravação de áudio e captura de imagens, para fins acadêmicos.

#### SOLICITAÇÃO:

1. Autorização para entrevistas com gravação de áudio (após transcrição, esta será submetida à sua aprovação, sendo possível retirar ou incluir informações que julgar pertinente).
2. Caso existam documentos relevantes, solicito autorização para captura de imagens (materiais e documentos do seu acervo pessoal que possam contribuir com a pesquisa).

#### USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO:

As imagens serão utilizadas em contextos de estudo e pesquisa, com publicação no documento da tese e/ou em artigos em periódicos e congressos científicos, com a finalidade de registrar e divulgar os processos e os resultados obtidos.

Agradeço desde já, pelo seu tempo e pela sua valiosa contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Cordialmente,

Patricia Guilhem de Salles  
Doutoranda do PPGTE | UTFPR  
E-mail: patriciagdsalles@gmail.com  
Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
Campus Curitiba  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



## CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Curitiba, agosto de 2022.

Car

Por meio desta carta, convido-a para participar da pesquisa para a tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Intitulado provisoriamente “Inter(ações) sociais mediadas a partir das páginas digitais do TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná (2015-2019)”, o estudo discorre sobre os temas da Extensão Universitária e das Políticas Públicas para a Cultura. Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de uma entrevista, com gravação de áudio e captura de imagens, para fins acadêmicos.

### SOLICITAÇÃO:

1. Autorização para entrevistas com gravação de áudio (após transcrição, esta será submetida à sua aprovação, sendo possível retirar ou incluir informações que julgar pertinente).
2. Caso existam documentos relevantes, solicito autorização para captura de imagens (materiais e documentos do seu acervo pessoal que possam contribuir com a pesquisa).

### USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO:

As imagens serão utilizadas em contextos de estudo e pesquisa, com publicação no documento da tese e/ou em artigos em periódicos e congressos científicos, com a finalidade de registrar e divulgar os processos e os resultados obtidos.

Agradeço desde já, pelo seu tempo e pela sua valiosa contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Cordialmente,

Patricia Guilhem de Salles  
Doutoranda do PPGTE | UTFPR  
E-mail: patriciagdsalles@gmail.com  
Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
Campus Curitiba  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade



## CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Curitiba, agosto de 2022.

Car

Por meio desta carta, convido-a para participar da pesquisa para a tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Intitulado provisoriamente “Inter(ações) sociais mediadas a partir das páginas digitais do TOM Caderno de Ensaio da Universidade Federal do Paraná (2015-2019)”, o estudo discorre sobre os temas da Extensão Universitária e das Políticas Públicas para a Cultura. Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de uma entrevista, com gravação de áudio e captura de imagens, para fins acadêmicos.

### SOLICITAÇÃO:

1. Autorização para entrevistas com gravação de áudio (após transcrição, esta será submetida à sua aprovação, sendo possível retirar ou incluir informações que julgar pertinente).
2. Caso existam documentos relevantes, solicito autorização para captura de imagens (materiais e documentos do seu acervo pessoal que possam contribuir com a pesquisa).

### USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO:

As imagens serão utilizadas em contextos de estudo e pesquisa, com publicação no documento da tese e/ou em artigos em periódicos e congressos científicos, com a finalidade de registrar e divulgar os processos e os resultados obtidos.

Agradeço desde já, pelo seu tempo e pela sua valiosa contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Cordialmente,

Patricia Guilhem de Salles  
Doutoranda do PPGTE | UTFPR  
E-mail: patriciagdsalles@gmail.com  
Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa